

REVISTA

VOL. 3 | N. 6 | NOV/2022

ESTUDOS TRANSVIADES

revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas



ESTAMOS AQUI

celebração da vida transmasculina





DESCRIÇÃO DE IMAGEM

A capa mostra a imagem de uma pessoa transmasculina branca, de cabelo curto preto, um ouço de barba, vestindo shorts vermelhos com borda azul e usando um colar preto com detalhe branco. A pessoa está segurando os seios, que são longos e vão até a altura da cintura, e segura a base dos seios com as mãos. A pessoa está olhando para baixo, mirando o seio direito. No lado esquerdo do peitoral, há um corte horizontal. O fundo é uma mescla de vermelho, caramelo, amarelo, azul; um conjunto de cores quentes que remetem a fogo, porém com detalhes frios. Na parte superior da capa, há o nome da Revista Estudos Transviades, vol. 3, n. 6., nov/2022: revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas. Na parte inferior, há a frase Estamos aqui: celebração da vida transmasculina, seguida da logo da revista, que é um círculo rosa preenchido de azul com o nome Estudos Transviades.



A imagem da capa é de autoria de Fernando Lins

Todas as edições da Revista Estudos Transviades podem ser encontradas em nosso site e nas plataformas Academia.Edu, Scribd, Z-Library, Internet Archive e Issuu, disponíveis nos respectivos endereços eletrônicos:

www.revistaestudostransviades.wordpress.com

<https://independent.academia.edu/RevistaEstudosTransviadesRET>

<https://pt.scribd.com/user/548860674/Revista-EstudosTransviades-RET>

<https://pt.br1lib.org/author/Revista%20Estudos%20Transviades>

https://archive.org/details/@revista_estudos_transviades_ret

<https://issuu.com/revistatransviades>

Como acréscimo, todas as nossas plataformas podem ser encontradas neste link:

https://heylink.me/revista_estudos_transviades/

Informações adicionais podem ser encontradas em nossa página no instagram (@revistaestudostransviades) e recebemos mensagens por instagram e por e-mail (revistaestudostransviades@gmail.com). Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviades, v. 1, n. 2, set. 2020. Disponível em: . Acesso em: (data de acesso).

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO	6
APRESENTAÇÃO	7
EDITORIAL	9
GUARDYÃO DE TRANSMUTAÇÃO (ynymagyney) carú de paula	11
CANÇÃO DE UM TRANSCORPO Nicolas Bastos	15
O TSUNAMI DE ADÃO Nicolas Bastos	16
ARTES DE EMI FERREIRA DE CARVALHO	17
DOBRANDO O MODELO DA DIFERENÇA SEXUAL: INGESTÕES E DIGRESSÕES ENTRE O SISTEMA CIRCULATÓRIO E OS EFEITOS DA PELE Tui Xavier Isnard	19
PIG FACE Ive Lins Pecis	36
TRANSXMED Ive Lins Pecis	37
NÃO ME ACOSTUMO Benício Bruno Cardoso Paulo	38
ARTES DE SE PAZ SUZUKI	40
PROSPERIDADE TRANSMASCULINA Rosa Caldeira	43

SUMÁRIO

MONOTONIA Kairo Madah	46
REI DE MIM Kairo Madah	48
TRAPO I Kairo Madah	49
O DOBRO Theo Barreto	51
ARTES DE JOÃO LIU	55
ARTES DE RAFA ROFO	58
PELO DIREITO DA MEDIOCRIDADE DE ENSINO OU COMO SER UM PROFE QUEER E CRIP Salem	60
QUEM TEM MEDO DA TRANSFIGURAÇÃO gau	70
TEMPORAL Sareh Almeida da Silva	72
SER TRANSGÊNERO, LIBERDADE E COMPREENSÃO AOS 40 ANOS Axel	75

SUMÁRIO

"VOCÊ É O MEU DEUS": A AUSÊNCIA DE MEMÓRIA ESCRITA DE UM HOMEM TRANS SOVIÉTICO Blue Mariro	78
EU RENASCI Nicolas Vasconcelos	86
RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO ESCRITA DE ARTIVISTA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA VISUAL DO TRABALHO MASCULINIDADES EMBUCETADAS NO CONTEXTO DE ARTE, SUJEITO E CIDADE Taliboy	87
SOBRE OS/ES AUTORES	112



COORDENAÇÃO GERAL

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Nicolas Pustilnick

Thárcilo Luiz

EQUIPE EDITORIAL

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Nathan Victoriano

Nicolas Pustilnick

Thárcilo Luiz

Uarê Erremays

DESIGN E FORMATAÇÃO

Cello Latini Pfeil

Nicolas Pustilnick

COORDENAÇÃO DE MÍDIAS

Cello Latini Pfeil

Nicolas Pustilnick

APRESENTAÇÃO



Com muita felicidade, apresentamos a sexta edição da Revista Estudos Transviades, que marca o fim do terceiro ano do projeto editorial. A ideia de criar uma revista sobre transmasculinidades surgiu em 2020, no Rio de Janeiro, a partir de uma reunião entre Bruno Pfeil, Cello Pfeil e Nicolas Pustilnick, que tinham como foco a formação de um espaço de livre produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade, de pessoas trans para pessoas trans. Ao longo do tempo, novas pessoas transmasculinas foram incluídas na coordenação e na equipe do design. Com o sexto número que apresentamos, procuramos tornar públicas novas produções de outres transmasculines, expressando visões complementares e diversas sobre transmasculinidades e questões sociais amplas.

Historicamente, corpos transmasculinos não são legitimados nem reconhecidos. Não há um lugar social transmasculino historicamente constituído. Temos muito pouco sobre o que nos sustentar durante os processos de construção de nossas identidades. O que há sobre as transmasculinidades está sendo majoritariamente construído agora, por nós mesmos, em nossas redes de amigos, em grupos de redes sociais, ao trocarmos nossas experiências. A proposta dessa revista é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpos transmasculinos produzindo vida e novos horizontes de futuro. Pretendemos criar um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções de corpos transmasculinos, de forma a buscar os diversos atravessamentos das transmasculinidades sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Almejamos uma liberdade cada vez maior para o diálogo, pela constituição de subjetividades que fiquem marcadas aqui, dispostas para serem conhecidas agora e no futuro.

Após a escolha do nome – Revista Estudos Transviades –, que faz alusão à obra de João W. Nery e aos estudos transviados consolidados no Brasil, criamos um e-mail, um perfil no Google, no Wordpress e no Instagram, onde começamos a fazer postagens convidando pessoas transmasculinas a enviarem suas produções. Hoje, além dessas plataformas, disponibilizamos nossas edições gratuitamente nas plataformas Academia Edu, Scribd,



Internet Archive, Z-Library e Issuu. Ficamos muito contentes com a quantidade de produções que recebemos: desde artigos acadêmicos até ensaios fotográficos sobre temas que não abarcam somente questões dos estudos de gênero e sexualidade, como também questões outras, emocionais e do cotidiano, dentro da vivência de nossos corpos. Nosso objetivo não é organizar uma revista acadêmica, embora entendamos a importância da academia para nossas conquistas. Agrupamos todos os artigos acadêmicos ao final do documento e, ao longo da revista, mesclamos prosas, imagens e poesias; visamos, com isso, uma localização simples dos textos acadêmicos para possíveis citações e referências. Decidimos utilizar linguagem neutra com “u/e” na Apresentação e no Editorial, assim como em alguns textos – com a permissão dos autoras – que apresentavam linguagem com “x”. Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculinos. Em relação ao critério de seleção dos materiais, aceitamos quaisquer produções, desde que não reproduzam opressões e/ou que não possuam conteúdos que possam ser entendidos como violentos. Não toleramos discriminações, seja por parte dos autoras ou de suas produções. Nossa política em casos de discriminações e violências é a não integração dessas autoras e de suas produções no corpo da revista. Temos consciência de que os leitores dessa revista serão diversos, desde homens trans com anos de contato com as transmasculinidades, até pessoas que ainda estão se descobrindo, questionando sua identidade. A decisão de agrupar as biografias ao fim da revista foi pensada a partir da proposta de visibilidade que mencionamos anteriormente: ao lermos as apresentações dos participantes, percebemos como esse projeto conseguiu abarcar diferentes transmasculinidades de diversas regiões do país, em condições distintas, mas que se entrecruzam. Agradecemos a todas que nos enviaram seus materiais e convidamos cada vez mais pessoas transmasculinas a nos confiar suas produções!

Estamos sempre dispostos a integrar novas ideias para construir um espaço mais diverso e plural das transmasculinidades. Para dúvidas, críticas e sugestões, e também para o envio de novos materiais, procure-nos em nossa conta no Instagram (@revistaestudostransviades), em nosso site no Wordpress (www.revistaestudostransviades.wordpress.com) ou nos contate por email (revistaestudostransviades@gmail.com).



EDITORIAL



Iniciamos a presente edição com os quatro murais de carú de Paula que compõem a obra “Guardião de Transmutação”, misturando cores vivas e formas abstratas para desenhar corpos trans. Em seguida, temos os poemas “Canção de um Transcorpo” e “O Tsunami de Adão”, de Nicolas Bastos. Ambos os poemas relacionam os mitos cristãos com a realidade e a angústia de ser trans na atualidade. As duas artes seguintes, de Emi Ferreira de Carvalho, exploram memórias de infância e territorialidades, no formato de colagem digital. Logo após, apresentamos o artigo “Dobrando o modelo da diferença sexual: ingestões e digressões entre o sistema circulatório e os efeitos da pele”, de Tui Xavier Isnard. Isnard realiza uma crítica ao modelo da diferença sexual e a suas transformações históricas, mobilizando Preciado e Butler. Como escreve Isnard, “o interesse basilar da escrita foi abrir possibilidade para pensar o que ocorre com o modelo da diferença sexual quando tecnologias e objetos emergem no mundo, transformando as escalas de visualização do corpo, produzindo a emergência de novos sujeitos políticos e, portanto, novas formas de pensar o sexo-gênero do corpo”.

Apresentamos, então, as artes de Ive Lins Pecis, “Pig Face” e “TransXMed”, seguidas do poema “Não me acostumo”, de Benício Bruno Cardoso Paulo. Se Paz Suzuki nos expõe três artes, retratando Demétrio Campos, Linn da Quebrada, e a terceira pintura, em que uma pessoa transmasculina expressa felicidade. Em consonância, temos o poema “Prosperidade Transmasculina”, de Rosa Caldeira.

Kairo Madah nos apresenta, então, três artes, acompanhadas, cada uma, de uma breve descrição sobre o processo criativo: “Monotonia”, “Rei de mim” e “Trapo I”. Em seguida, temos o ensaio “O dobro”, de Theo Barreto, acompanhado de uma colagem digital de sua autoria. Como escreve o autor, em sua reflexão sobre construção de sua própria identidade, “um duplo, um dobro, um outro que é o mesmo, criou-se no passado, então eu passo a existir lá também”. Ainda nessa reflexão, expomos as colagens de João Liu “Estrada”, “Beijos carinhosos” e “Tinder”, seguidas das pinturas de Rafa Rofo. Em seguida, temos o ensaio “Pelo direito da mediocridade de ensino ou como ser um profe queer e crip”, de Salem. O autor reflete sobre sua experiência como um professor queer e crip em sala de aula,



mobilizando seus posicionamentos como anarquista. O ensaio é apresentado em português e espanhol. Ao fim, há uma arte de colagem digital, de autoria do autor, em que se lê “destrua o que te destrói”.

Seguimos para a arte “Quem tem medo da transfiguração”, de gau, precedida de um texto sobre o processo criativo, desde as referências a Kopenawa até detalhamentos da pintura. Posteriormente, apresentamos o poema “Temporal”, de Sareh Almeida, em que se reflete sobre as mudanças enfrentadas na transição e sua relação com o passar do tempo. Ainda nesta reflexão, Axel nos expõe seu ensaio “Ser transgênero, liberdade e compreensão aos 40 anos”. Como escreve o autor, “A luta de cada um importa muito. Hoje, se a ciência me permite fazer, aos 40 anos, algo que era inimaginável aos 20, é graças à luta diária, política e social de cada um de vocês”.

O artigo seguinte, de Blue Mariro, se intitula “‘Você é o meu Deus’: a ausência de memória escrita de um homem trans soviético”. O artigo investiga a invisibilização histórica que atravessa as transmasculinidades, tomando como objeto de estudo a história de um homem trans soviético que chegou à velhice em dissidência de gênero. Logo após, apresentamos o poema “Eu Renasci”, de Nicolas Vasconcelos, seguido do artigo “Relato de experiência enquanto escrita de ativista”, de Taliboy. Neste artigo, Taliboy narra sua interferência artística e ativista em ambientes do futebol, tanto campos como estádios, demarcando o seu corpo como boyceta, ex-mulher, homem de buceta, entre outras denominações.

Esse conjunto de publicações compõe a sexta edição da Revista Estudos Transviades, que almeja reunir narrativas diversas sobre transmasculinidades, em sua ampla pluralidade. Desejamos a todes uma ótima leitura!



GUARDYÃO DE TRANSMUTAÇÃO

(ynymagyney) carú de paula



Shin



Brian



Chen



CANÇÃO DE UM TRANSCORPO

Nicolas Bastos

(aviso de gatilhos: menstruação, violência)

deixa eu sangrar entre as pernas sem temer tua cisma
esse teu martelo de ferro na madeira do tribunal:
“órgão genital de função reprodutiva feminina, cromossomo XX”
deixa eu botar os ombros pra trás e andar de peito aberto
olha no meu olho, não precisa baixar o olhar pra encontrar classificação
é só olhar no meu olho de bicho vivo, que tu encontra o que não te devo: satisfação
porque no volume da blusa só está escrito que respiro e nada a mais
porque na faixa que aperta minhas costelas, não te escondo nada a mais
não há segredo, nem mera confusão, dentro das minhas calças
e se precisar risco o fio da navalha e te digo novamente: não te devo confissão.
quem foi que inventou que ter pelo na cara
é sinônimo de deixar de ser menino pra ser homem?
eu cresci e virei homem, mas não quando a agulha atravessou minha pele
eu cresci e virei homem, quando disseram que eu tinha virado mocinha
e meu coração foi honesto e disse não.
chame do que quiser, meu canto continuará a ser transpassado
o mundo é meu, se eu também vim do pó, por que tu quer ser a norma do barro?
o mundo é meu lar também, e se tu me recusas a hospitalidade,
crio no meu próprio corpo um lar
cultivo no ventre que a terra me deu um corpo e não haverá lugar melhor para morar
porque o meu canto é transpresente e logo será transfuturo
será translação ao redor do sol que toca essa pele
se tua cisma insiste em matar, ressuscito e empurro a pedra
saio feito Lázaro e nunca mais peço permissão.



O TSUNAMI DE ADÃO

Nicolas Bastos

(aviso de gatilhos: disforia, automutilação)

é mais fácil para mim ficar na minha concha ouvindo o mar bater nas paredes finas
porque não sei se você vai entender se eu tentar te explicar
que é mais fácil para mim cravar os molares na mão
ao invés de arrastar minhas solas na superfície
eu queria mesmo era escrever uma nova narrativa na minha pele
com a mão de um deus transformar essa carne com magia sagrada
e desses pelos nasceriam uma esperança de colocar meus pés para fora
aí, se eu pudesse, traçar com os dedos um novo caminho
onde a água salgada não espumasse em meus pulmões
aí, se eu pudesse, destilar em minha língua algum sonífero
e ao abrir meus olhos eu estar a dez metros do que chamam de felicidade
não a dez palmos abaixo da superfície, com terra carmesim debaixo das minhas unhas
porque eu queria mesmo era colocar os dedos na minha garganta
vomitar as tripas de barro e moldar com um sopro de vida ínfimo
ossos mais longos e largos para sustentar meu peso
então eu não me sentiria tão pequeno e quebradiço
meu coração não mais deixaria mais manchas escuras nos lençóis
nem os meus olhos no travesseiro
o cansaço escorreria pelas minhas narinas para nunca mais
com isso, eu só quero dizer, mesmo sem saber se você vai entender:
eu quero ser um castelo de areia na praia,
eu quero ser a onda também.

REVOLUÇÃO



Minoxidil
SOLUÇÃO CAPILAR 5%
USO ADULTO MASCULINO

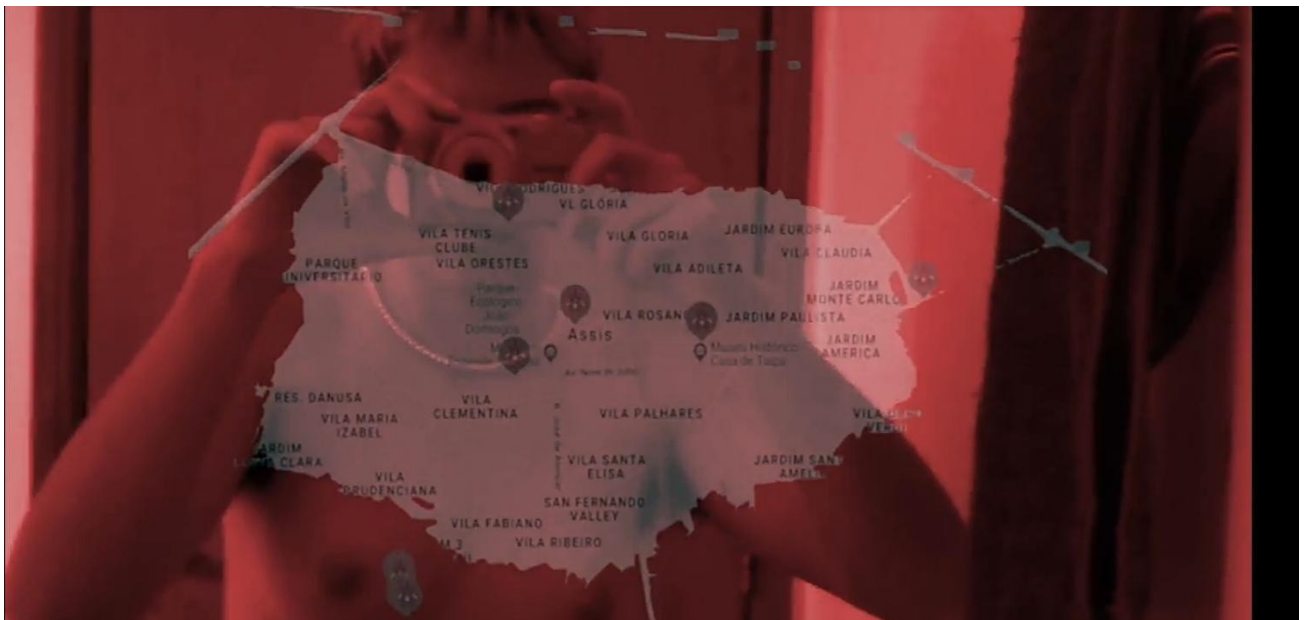
BOOM!



REVOLUÇÃO



[PROG-FINAL DE SHOW]





DOBRANDO O MODELO DA DIFERENÇA SEXUAL: INGESTÕES E DIGRESSÕES ENTRE O SISTEMA CIRCULATÓRIO E OS EFEITOS DA PELE

Tui Xavier Isnard¹

“Nanotecnologicamente vitoriosas” - Ventura Profana

INTRODUÇÃO: UMA CARNE, DUAS CARNES, SEXO SEM FIO

O presente ensaio busca apontar para uma mudança no modelo da diferença sexual de anatomofisiológico (século XVIII-XIX) para o modelo bioquímico (século XX-XXI). Para tanto, mobilizarei, a princípio, o procedimento de Laqueur (2001) para historicizar o sexo e a diferença sexual, assim como a proposta de Moore (1997) de “conceito nativo ocidental de gênero” para sugerir a mudança de paradigma no interior do olhar ocidental no que tange à diferença sexual. Posteriormente, trarei para a análise a leitura de Rose (2012) sobre a biopolítica e a biologia do século XXI em relação ao conceito de biodrag utilizado por Preciado no livro “Testo Junkie” (2018), para sugerir a emergência de um modelo bioquímico de substancialização total da diferença sexual através da mudança de escala dos marcadores de gênero.

Com o objetivo de tensionar o conceito de performatividade proposto por Butler no livro “Problemas de Gênero” (2017), a última parte do ensaio pretende apontar para novos limites da performatividade dentro do regime farmacopornográfico (PRECIADO, 2018), tendo como ponto de partida a emergência de medicamentos compostos por hormônios sexuais sintetizados, assim como sua circulação entre dissidentes de gênero. Nós, ao utilizarmos dos medicamentos enquanto códigos de gênero, refletimos os efeitos da performatividade bioquímica e anatômica dos marcadores de diferença que estruturam o modelo de diferença sexual.

Busco neste ensaio mobilizar alguns conceitos e autores que estão apontando, ou nos ajudam a apontar, para uma mudança de paradigma em relação ao sistema de diferença

¹ Desistente do sistema sexo-gênero, tenho afinidade radical com pequenas espécies, cansado de ser humano y mestrando em antropologia pela Unicamp. Contato: tui.antux@gmail.com



sexual. As pistas que temos para treinar o olhar para as novas camadas das diferenças estão delimitadas por objetos técnicos, metáforas, e a modulação ou alcance do olhar. Assim, parto da suposição que o modelo ortopédico e arquitetônico de disciplina corretiva e assujeitamento dos corpos, descrito por Foucault em diversos dos seus trabalhos, encontra agora um modelo mais mole, viscoso, elástico, micro, bioquímico, com o qual estabelece relação. Assim como Foucault aponta que a passagem do poder soberano para o biopoder não é uma ruptura sem vestígios (1999), assumo que o momento atual de controle farmacopornográfico emerge em fricção com o “antigo” modelo disciplinar. Em que o corpo como máquina e o poder como dispositivos ortopédicos não deixam de atuar, entretanto abrem espaço para uma dimensão de ingestão e bio-performatividade de gênero.

As proliferações de conceitos e metáforas para falar de um regime de controle, hig-tec, sem fio, quente, aplanado, desterritorializado, emergem em várias áreas do conhecimento que buscam descrever o momento atual de modulação das subjetividades e mercadorias. Utilizarei desta intuição semântica para pensar as alterações que ocorrem no modelo de diferença sexual, quando afetado pelo ingresso da endocrinologia e seus objetos/derivados técnicos. Laqueur, no livro “Inventando o Sexo” historiciza a categoria sexo demarcando suas mudanças ao longo de largos séculos. O autor resgata anedotas e metáforas para falar do corpo e da carne do século II ao século XIX sugerindo que no século XVIII há uma mudança no modelo da diferença sexual.

O modelo de uma só carne e dois gêneros diferenciados pela incidência de calor interno (II-XVIII) se realizava enquanto diferença de grau. Assim, todos os corpos seriam de igual natureza. Laqueur aponta que o modelo de uma carne é hierárquico, uma vez que a diferença de grau de calor produz dois lugares sociais que se sobrepõem hierarquicamente na organização cultural dos gêneros. A noção de mais ou menos perfeito nos ajuda a compreender o posicionamento hierárquico da diferença. Sendo o corpo com mais incidência de calor, ou seja, aquele corpo que tem os órgãos sexuais externos, mais perfeitos do que o corpo com menos incidência de calor, ou seja, aqueles corpos com órgãos sexuais internos.

A divisão binária de categorias da carne, corpo e gênero, pressupunha uma atração e uma relação de amor entre iguais, e ainda que binários, os gêneros não eram assim tão estáveis, visto que o calor que produz a internalidade ou externalidade dos órgãos genitais



podia, ao longo da vida de um sujeito, sofrer interferências por suas atividades físicas ou por atravessamentos diversos. Era possível que um corpo com baixa incidência de calor passasse a externalizar os órgãos genitais, como, por exemplo, no caso de “meninas” que corriam ou executavam atividades físicas intensas. Desta forma, era culturalmente recomendado que “meninas” se portassem de forma mais “fria” para que não houvesse o risco do corpo passar a produzir mais calor e, com isso, o status social e jurídico da “menina” tivesse que ser modificado para “menino.” O contrário não era verdade, um corpo “mais perfeito” não poderia, em nenhuma hipótese, tornar-se menos perfeito, uma vez que “a natureza tende à perfeição” (LAQUEUR, 2001, p. 164) a perda de calor e internalização dos órgãos genitais não era um fato observável.

Laqueur é enfático ao dizer que a passagem do modelo de uma carne para o modelo de duas carnes não decorre do progresso científico, visto que muitas descobertas levariam a reforçar uma androginia primeira dos corpos. Assim, para o autor o que empurrou a mudança do modelo de diferença sexual está calcado nas lutas sociais que tensionavam culturalmente o que se entendia como permitido e razoável para as mulheres e o que se entendia como uma mulher. Entretanto, o autor aponta que a revolução científica do final do século XVII, com a emergência do baconismo e do mecanicismo cartesiano, gerou possibilidades de compreender o corpo através de outros paradigmas, baseado, principalmente, no conceito de natureza.

O modelo de duas carnes, então, se estrutura como fundamentalmente diferentes. A ideia de corpo mais ou menos perfeito perde validade explicativa e é reelaborado enquanto diferença incomensurável. A ideia de oposição emerge enquanto substituto da variação de grau, a diferença se torna um dado e o processo de diferenciação uma prática. A produção da imagem do esqueleto humano é um bom exemplo para demonstrar a passagem do modelo de uma carne para o de duas. Segundo Laqueur,

só em 1759 é que alguém se importou em reproduzir um esqueleto feminino detalhado num livro de anatomia para ilustrar suas diferenças do esqueleto masculino. Até essa época havia uma estrutura básica do corpo humano, e essa estrutura era masculina. (LAQUEUR, 2001, p.22)

Os ossos da pélvis representam a marca de diferença da reprodução de dois modelos do esqueleto humano. A diferença sexual chega até os ossos. Barclay utilizou a musculatura de um cavalo como referência para produzir a imagem da ossatura de um homem e o esqueleto



feminino é estruturado através da imagem de referência do esqueleto de um avestruz. As diferenças especulativas que denotam uma maior semelhança óssea entre mulheres e avestruzes do que entre mulheres e homens, é efeito da necessidade de buscar evidências de dois sexos distintos, e essa necessidade é produzida, segundo Laqueur, no momento em que as diferenças se tornam politicamente importantes, entretanto “a linguagem do gênero impregna a linguagem da ciência na construção da diferença sexual” (LAQUEUR, 2001, p. 92).

Assim, ainda que os movimentos de contestação de gênero tenham sido um dos elementos que empurrou o giro paradigmático do modelo de diferença sexual, e os estudos anatômicos e descobertas científicas apareçam enquanto evidências, a própria maneira científica de produzir estas diferenças de sexo estava intimamente ligada a concepções anteriores de gênero. Segundo Laqueur “quando as diferenças foram descobertas elas já eram, na própria forma de sua representação, profundamente marcadas pela política de poder do gênero” (LAQUEUR, 2001, p. 22). Com esta afirmação, o autor ressalta, assim como Butler (2017) faz mais tarde, que o sexo sempre foi o gênero, ou seja, a ideia que temos de sexo como algo imutável do campo da natureza e do conhecimento biológico, está elaborado por concepções sociais que temos sobre o gênero.

A proposta neste ensaio é mergulhar em uma terceira hipótese emergente no modelo da diferença sexual: O sexo sem fio. Esse termo se volta para duas questões, primeiro a diferença sexual segue a privilegiar o conceito de sexo, em detrimento do conceito de gênero, para analisar o processo de formulação e permanência da diferença sexual. Segundo Laqueur, o modelo de uma carne privilegia o termo gênero, enquanto o de duas carnes, o termo sexo. Preciado dá continuidade ao sexo como palavra mais específica para analisar os problemas atuais.

Uma segunda questão será trabalhada com maior profundidade no tópico a seguir. A ideia de “sem fio” emerge enquanto metáfora adequada para tratar linguisticamente as concepções que temos sobre o corpo humano. Carne, não seria uma palavra assim tão adequada, se levarmos em conta que a mudança de nível do problema está ancorada na produção de conhecimento sobre as glândulas, gônadas e sua circulação de substâncias sexuadas. Segundo Preciado, “em meados do século XIX adquire-se um grande conhecimento sobre glândulas que não tinham canais, glândulas que se comunicam apenas com os vasos



sanguíneos. O paradigma do sexo sem fio tinha sido estabelecido” (PRECIADO, 2018, p. 171).

A ENTRADA DOS HORMÔNIOS SEXUAIS NA CENA DO GÊNERO

Com o advento dos hormônios sexuais, podemos perceber aproximações linguísticas entre os conhecimentos biomédicos e os conhecimentos da informática para significar, e, sobretudo, explicar, o funcionamento dos hormônios sexuais, e por consequência o funcionamento integrado do corpo humano. O raio-x, por exemplo, é para Rose paradigmático na leitura de uma nova escala de visualização do corpo que afeta o olho humano em uma dimensão interna e microscópica. Este tipo de tecnologia que afeta a capacidade de olhar do humano sobre seu corpo exige uma reelaboração analítica sobre o próprio corpo, o ser humano e as dimensões da vida. Assim, as novas tecnologias de visualização abrem o corpo em uma escala menor que as elaboradas pela anatomia do século XVIII.

Mais do que um aprofundamento de escala, algumas concepções se friccionam, o argumento do sexo como definido por gônadas -por partes da carne- se vê enfraquecido no momento em que passa a importar o que essas gônadas produzem, a que órgãos suas produções se endereçam e quais os efeitos físicos materializados pela comunicação química. A biologia, a prática biomédica e o campo de metáforas sociais são alimentados por novas possibilidades de relação que decorrem da comunicação sem fio e de tecnologias de visualização interna do corpo.

Acompanhar as mudanças e disputas do campo endocrinológico entre 1905 a 1940 nos ajuda a perseguir dicas que apontam para a mudança do paradigma do corpo-máquina para o corpo-sistema integrado. Um breve percorrido histórico pode nos auxiliar a perceber a emergência do modelo sistêmico do sexo. Em 1767, o cirurgião escocês John Hunter transplantou testículos de galos para a cavidade abdominal de galinhas e testículos de ratos castrados para o corpo de galos. Estes transplantes ficaram conhecidos como fundadores da relação entre testículo e masculinidade. Apenas um século depois, o fisiologista alemão

Arnold Adolph Berthold, voltou a experimentar com galos, ele removia os testículos e implantava em outras partes do corpo do animal.¹

A pesquisa de Berthold apontou para a possibilidade de que haja uma transmissão química de informações contidas nos testículos “uma vez que estas secreções parecem circular por todo o corpo por meio da corrente sanguínea e são independentes do lugar em que os testículos foram reimplantados.” (PRECIADO, 2018, p.168) A técnica de corte e costura, advinda do modelo de corpo mecânico, foi responsável pela intuição de que, ainda que os significantes materiais do gênero pudessem se mover pela carne, algo que os olhos ainda não podiam ver, era produtor dos efeitos de masculinidade e feminilidade.

Foi apenas em 1905 que os fisiologistas ingleses Ernest Henry Starling e William Bayliss produziram o conceito de hormônio durante as pesquisas de descoberta da secretina.² É interessante pontuar que o termo surge no mesmo ano em que Freud começa a escrever sobre o inconsciente, o que produziu uma separação entre sexualidade e sexo, ou também, entre órgão e agente da sexuação deste órgão, ou entre carne e substância invisível. Assim, o sexo sem fio se torna independente da carne, ainda que sua ação se reflita em seu exterior -a pele- e em toda conformação material da carne. Enquanto mensageiro químico, os hormônios dependem do local de produção, do local de recepção e da circulação sanguínea integrados e descritos como sistema de comunicação. Os hormônios são caracterizados pela capacidade de ação invisível a distância. Bayliss e Starling os entendem “como portadores de mensagens químicas transportadas pelo sangue a partir de órgãos em que são produzidos para o órgão em que devem agir” (PRECIADO, 2018, p.173).

O próprio meio de transmissão entre lugar de produção e lugar de recepção é potencialmente interessante para a produção metafórica. Ou seja, os hormônios circulam através do sangue, e isso passa a importar, talvez até mais do que as gônadas produtoras dos hormônios ou os órgãos receptores. Os hormônios passam a ser reconhecidos como mensageiros, assim, a sua agência/ação/ato/gesto e a mensagem que ele carrega denota o novo sistema de inteligibilidade da diferença sexual, ou o signo estanque de um paradigma da diferença sexual que está emergindo.



Foi em 1935 que Adolf Butenandt, um bioquímico alemão, membro do partido nazista, “coletou 25 mil litros de urina nas delegacias de Berlin e isolou 50g de uma substância cristalina que denominou androsterona” (PRECIADO, 2018, p. 177). Com o isolamento, e posteriormente, a sintetização, os hormônios deixam de ter status de molécula e passam a ser *pharmakon*, substância capaz de exercer a função de remédio ou veneno a depender da dosagem e forma de manipulação. Assim, os hormônios passam “de silenciosas cadeias de carbono para entidades biopolíticas” (PRECIADO, 2018, p. 180).

Como vimos acima, os hormônios nascem sendo conceituados através da teoria da informação, e o sexo, cada vez mais hormonal, torna-se, gradualmente, informação óptica advinda de efeitos bioquímicos. O sexo químico é substância que percorre todo o corpo, tendo enquanto efeito a substancialização sexual total do corpo, que passa a ser engendrado em toda sua geografia. A interioridade da alma, enquanto verdade sexual do sujeito, é substituída pela ideia hormonal, que assim como a ideia de alma, ocupa o campo de disputa de uma verdade fundadora e imutável do sujeito, no que tange o sexo, a sexualidade e o gênero. As técnicas de moldar a alma se tornam então, técnicas de ingestão de hormônios sintetizados.

O esqueleto, os ossos, os tons vocais, os pelos e os lugares em que eles despontam, as protuberâncias são todos dados admitidos como hormonais. Os hormônios passam a responder por tudo que gera sexo e gênero. Enquanto causa e também efeito da aparência, eles circulam em todos os corpos. De forma “*in situ*” ou protética fizemos-nos dependentes de suas metáforas para dizer e fazer gênero.

BIOLOGIA(S) E DIFERENÇA(S)

Retomando Laqueur, “as diferenças que fazem diferença são historicamente determinadas” (LAQUEUR, 2001, p.95). Assim, se os conceitos de sexo e de gênero são igualmente históricos e, por isso, passíveis de serem transformados, se faz necessário perguntar quais seriam as motivações que empurraram esses conceitos para novos sentidos. Me parece oportuno tecer esse fio ao debate apresentado pela antropóloga Henrietta Moore,



sobre a particularidade dos conceitos de sexo e gênero que trabalhamos desde uma perspectiva ocidental.

Moore, caminha ao lado de Laqueur ao apontar que a forma que entendemos sexo e gênero não passam de conceitos nativos ocidentais. Estes conceitos englobam uma determinada percepção sobre natureza e cultura enquanto pares opostos. A autora orienta que, “a própria noção de sexo, de uma propriedade biológica ou de um conjunto de processos biológicos, que existem independentemente de qualquer matriz social, é o produto do discurso biomédico da cultura ocidental” (MOORE, 1997, p. 7). Assim, quando evocamos a “natureza” ou a “biologia” para explicar o sexo estamos submetendo ele a conceitos culturalmente elaborados pelo ocidente, através de uma autoridade discursiva que se enuncia enquanto pré-discursiva.

O termo “natural” segundo Moore atua discursivamente quando queremos descrever o que ocorre no campo social, e colado a esta ideia ativamos a biologia como recurso explicativo para traçar a linha de diferença entre o contingente e o necessário, o verdadeiro e o falseado. Buscando na biologia uma origem que descreva as diferenças e desigualdades sociais, assentamos -e aceitamos- uma ideia sobre biologia que Moore aponta não corresponder com o que as próprias pesquisas contemporâneas em biologia explicam, segundo a autora “a pesquisa contemporânea em biologia rejeita explicitamente esse ponto de vista, argumentando, ao contrário, que a biologia é um componente dinâmico de nossa existência, e não um determinante de mão única” (MOORE, 1997, p.1).

Assim, as pesquisas em biologia rejeitam o uso que fazemos dela enquanto sinônimos de natural, original, estável, e, sobretudo, purificada do ambiente social através de uma relação de oposição entre o que seria o “social” e o “natural”. Segundo Moore, atualmente a biologia se pensa a si própria como algo que “pode condicionar o comportamento de alguma maneira, mas o comportamento, por sua vez, pode modificar a fisiologia individual” (MOORE, 1997, p. 1). Em termos de hormônios sexuais enquanto medicamentos comercializáveis, me interessa pensar a forma que o comportamento modifica a fisiologia individual e tensiona, por consequência, as normas de inteligibilidade humana cedidas pela categorização dos gêneros. Entrarei com maior profundidade neste tema no próximo tópico.



Nikolas Rose, no livro “Políticas de la vida: biomedicina, poder y subjetividad en el siglo XXI”, produz um extenso debate sobre a transformação do que entendemos como biológico e, por conseqüência, o que entendemos como humano através do advento das biotecnologias gestadas no início do século XXI, sobretudo no marco do projeto genoma humano. Segundo Rose, o paradigma atual da biologia se vê atravessado pela ideia de molecularização da vida que se trataria de um “estilo de pensamiento de la biomedicina contemporánea” (ROSE, 2012, p.29), no qual se “imagina la vida en el nivel molecular, como un conjunto de mecanismos vitales inteligibles en los que participan entidades moleculares que es posible identificar, aislar, movilizar, recombinar, mediante nuevas prácticas de intervención que ya no se encuentran restringidas por la normatividad aparente de un orden vital natural” (ROSE, 2012, p.29) Assim, a vida molecularizada seria uma forma emergente de pensar a biologia e o humano.

O esforço por apontar uma mudança de escala de visualização da concepção de vida, proposto por Rose, aponta para o mesmo sentido do esforço de Moore, ao dizer que quando, nas ciências sociais, evocamos a ideia de biológico, não estamos falando nos mesmos termos utilizados pelas pesquisas em biologia contemporânea. Esse dado é relevante para produzir um diálogo mais afinado conceitualmente entre os temas que habitam as dobras entre “natureza” e “cultura.” é necessário assim, acompanhar as mudanças do pensamento biológico para produzir relações adequadas nas ciências sociais. Rose denomina o pensamento atual da biologia como a “molecularización de los estilos de pensamiento” (ROSE, 2012, p. 39). A visualização da vida em nível molecular não é um dado pouco relevante para o debate sobre a construção do modelo de diferença sexual que, por si, também é atravessado pela molecularização, experimentando o conteúdo da diferença como parte de um campo microbiológico.

Entretanto, é difícil afirmar uma passagem completa do nível anatomofisiológico para o nível bioquímico da diferença sexual, assim como não é possível afirmar com precisão uma ruptura entre superfície e interioridade do corpo, no que determina, ou gera os determinantes de sexo/gênero. A ideia de dobra é um recurso possível para manter a tensão proposta pela sobreposição dos modelos, que passam a expressar-se tanto na superfície da carne como no seu conteúdo mais interno, que agora pode ser visualizado e especulado por técnicas de visualização que fazem “visible ese cuerpo orgánico interior” (ROSE, 2012, p. 43). Vivemos



em um mundo habitado por “mamografias, ecografias, imágenes fetales, y para el cerebro, electroencefalogramas, tomografias computarizadas por emisión de fotón único, imágenes por resonancia magnética y muchas más” (ROSE, 2012, p.43). Em um mundo desabitado por estas tecnologias de visualização, não seria possível, por exemplo, a recorrente prática do “chá de revelação”.³

É possível traçar uma analogia entre os pares: interno e externo; alma e corpo; natureza e cultura. O interno, como a verdade primeira do sujeito sexuado, está para a natureza e para a alma assim como o externo está para a cultura e o corpo. Entretanto o modelo de diferença sexual bioquímica bagunça esses termos, retirando-os de uma linearidade. Uma vez que “a biologia” assume que o comportamento modifica a fisiologia individual, o externo -cultura- interfere no corpo, que passa a ocupar um lugar ambíguo, uma dobra, entre o “natural” e o “cultural.” O corpo já não é mais prisão da alma, como quis Platão, nem tampouco, como sugeriu Foucault, a alma atua como prisão do corpo (FOUCAULT, 1975, p. 93).

O corpo da circulação de substâncias hormonais deixa de ser, apenas, uma superfície atritada entre cultura e natureza. A cultura escorrega para dentro do corpo, é ingerida e metabolizada. Ainda que, habitando esta dobra multidimensional, as transformações fisiológicas decorridas dos hábitos culturais fazem com que o binômio interno e externo, e por consequência a dureza material da carne, percam autoridade explicativa.

Apesar das mudanças conceituais no interior da biologia, enquanto campo de saber e modo de pensar, seguimos utilizando a metáfora de concretude, natureza, verdade, origem e fixidez atrelados à ideia de biológico. O modelo de diferença sexual de duas carnes é inaugurado junto a classificação de determinadas partes do corpo, como o clitóris que até o século XVIII não tinha nome próprio (LAQUEUR, 2001, p. 189). Neste momento, o corpo é entendido na metáfora da máquina, uma composição de partes que, encadeadas, produz um todo funcional.

Estas partes, quando tratadas de gônadas e genitais, passam a diferenciar-se, no modelo anatomofisiológico, visto que o olhar e a percepção das diferenças se produzem em uma escala da carne do corpo. Assim, o conceito ocidental de sexo, que se fundamenta em uma ideia do que é a biologia, ativando sua autoridade discursiva, se relaciona intimamente com o



processo de produção de diferenças de gênero baseados na repartição do corpo em partes sexuadas e partes não sexuadas.

Para pensarmos o corpo biológico culturalmente produzido Moore aponta que é necessário que as ciências sociais se aproximem da relação entre as “entidades biológicas e as categorias sociais” (MOORE, 1997, p.3), do contrário, não teremos uma compreensão sobre “as múltiplas formas nas quais a cultura interage com a biologia para produzir o mais distintivo dos artefatos humanos: o corpo humano” (MOORE, 1997, p. 3).

Para produzir tal atravessamento devemos levar em conta que a biologia que imaginamos e evocamos discursivamente, não é a biologia que os biólogos produzem. Rose aponta, como mostrado acima, para uma mudança de escala oriunda das técnicas de visualização que emergem, sobretudo, no campo da medicina. O raio-x e a produção/descoberta do seqüenciamento do genoma humano, por exemplo, são para o autor técnicas e práticas do conhecimento, paradigmáticas que produzem uma nova escala do corpo, capaz de desmontá-lo enquanto máquina e dobrá-lo para dentro e para fora ao mesmo tempo.

MUITO MAIS BIOLÓGICO: DA DOBRA BIODRAG

Ainda se faz necessário pontuar a importância do esforço em traçar a hipótese de giro epistêmico do modelo de diferença sexual. As gônadas e órgãos genitais não circulam entre os sujeitos da mesma forma que os hormônios sexuais sintéticos, em sua forma de medicamento. Assim, a emergência deste novo signo da diferença sexual produz o inesperado efeito de ingestão de signos "adversos". Me explico. A testosterona, por exemplo, como extrato químico da masculinidade e representante metafórico da mesma, é sintetizada e comercializada. Assim, as cadeias de carbono produzidas no interior de um corpo podem ser aplicadas em um corpo que tem total capacidade de absorção do hormônio, ainda que o produza em “baixa” quantidade. Ou seja, pessoas que produzem uma maior taxa de estrógeno e progesterona podem acoplar proteticamente a testosterona a seus corpos, o que em muitos casos passa a modificar os traços engendrados do corpo.



Os hormônios, enquanto medicamentos, não foram sintetizados para essa finalidade, mas sua polissemia e ambivalência emerge através de usos adversos ou controversos que proliferam uma vez que este medicamento se espalha entre as relações sociais. São vendidos, trocados e distribuídos permitindo que os corpos que se componham com ele passem a performar biosinteticamente atributos generificados que atravessam a leitura anatomofisiológica do gênero daquele corpo. Me explico. Um corpo com vagina e produtor de “alta” taxa de progesterona e estrogênio e “baixa” taxa de testosterona passou a poder aumentar sua taxa de testosterona com a intenção de reforçar a masculinidade através de símbolos de uma decodificação visual do gênero.

Essa mudança de grau hormonal (modelo de uma carne) reflete em uma mudança de natureza (modelo de duas carnes) visto que os territórios engendrados como órgãos sexuais também são afetados, de forma que o hábito cultural modifica a fisiologia, como apontado por Moore. Além disso, marcadores como incidência e quantidade de pelos, estrutura óssea do quadril, maxilar, mãos e pés também são afetados pelos hormônios ingeridos. Tudo aquilo que eles mudam se torna gênero, pois estes hormônios são classificados enquanto sexuais, assim todo o corpo modificado reflete em uma substancialização total do gênero que circula, como dados, produzindo uma informação sobre o gênero do corpo.

Assim, retomar o modelo da diferença sexual e apontar para possíveis rupturas e emergências é fundamental para a implicação da pergunta desse ensaio: o que ocorre com a diferença sexual no momento em que os hormônios se tornam signos importantes da diferença? O que ocorre quando estes são circulados socialmente enquanto medicamentos, que afetam o gênero enquanto experiência ótica relacional? E, mais especificamente, quais os efeitos para o modelo da diferença sexual quando esses potentes signos de sua fixidez são manipulados por corpos que transgridem os binarismos basilares do modelo da diferença sexual? Não pretendo, neste ensaio, responder estas perguntas, mas é a partir da articulação teórica feita acima que estas perguntas podem surgir. Mobilizarei a seguir alguns indicativos para seguir trabalhando neste campo.

Retomando a proposta de Rose sobre a molecularização, proponho apontar para o efeito produzido pelo olhar molecular. A vida e o corpo humano, ao se integrarem às possibilidades de engenharia do eu, não se tornam menos biológicos e mais ciborgues, como



proposto por Haraway (1985). O autor, em sua diferença, aposta por um incremento biológico ao humano. Diferenciando primeiramente o acoplamento de corpos humanos a objetos técnicos como óculos, aparelhos de audição e marcapassos, esses sim, passíveis de serem lidos na gramática do ciborgue. A prática que venho circulando como interesse de análise aqui: uso de hormônios sexuais sintéticos por dissidentes de gênero, corresponde a um acoplamento de biologia ao corpo biológico.

Neste caso, o corpo não é hibridizado com um aparelho técnico em que, a princípio, é bem delimitado o “caráter humano” e o “caráter técnico” de cada parte e, através de um acoplamento, que decorre em incorporação, se misturam em uma só forma física, na qual se desfazem as fronteiras “técnico-biológico”. No caso da ingestão de hormônios sintéticos o pedido é por mais biologia. Isso se faz evidente pela utilização de algo que é primeiro biológico, produzido no corpo humano, depois sintetizado em laboratório -fora do corpo humano- e, em um último momento, reintroduzido ao corpo humano, já em outra forma, mas atuando em um mesmo circuito. A transformação ótica dos marcadores de gênero, para aqueles que isso buscam, ocorre em um nível orgânico e, segundo Rose, quando se redefine a vitalidade desde dentro, o resultado não é um ser humano que se torna menos biológico “sino mucho más biológico” (ROSE, 2012, p. 55).

A vida e o corpo humano são concebidos em um nível molecular, ou seja, a molecularização do pensamento e da filosofia sobre a vida tem como efeito novas políticas de ação sobre a própria vida. Estamos nos tornando, segundo Rose, sujeitos somáticos vivendo a superfície de nossos corpos, os problemas políticos e suas soluções passam, irremediavelmente, pelo corpo. Vejamos bem, deste ponto de vista, pensar o consumo de hormônios sexuais por dissidências de gênero parece ser apenas uma “nova” camada, ou o nível atual do problema de gênero.

Se a vida, o poder e a norma agem de forma molecular, o campo de resposta, resistência e manutenção da norma, ao que temos agenciamento, também se exprime na molecularização. Neste campo a biologia não se torna destino, e sim, oportunidade (ROSE, 2012, p.121), temos assim a oportunidade de sermos homens ou mulheres biológicos, ou mais biológicos. Na introdução resgatei o modelo de poder disciplinar, ortopédico e arquitetônico para, aos poucos, abri-lo ao sistema circulatório e informático, interno e externo que conformam a



biologia do século XXI, e por consequência o modelo de diferença sexual. O poder é ingerível, a disciplina biomodifica molecularmente os sujeitos e produz uma nova série de humanos.

Butler, em “Problemas de gênero”, se preocupou extensamente em pensar os atos de fala performativos que compõe uma norma -de gênero- que humaniza as pessoas ao passo que sejam inteligíveis dentro dos marcadores de diferença desta norma. O grande exemplo da autora é extraído da arte drag, aí vemos a natureza sendo artificialmente constituída. A construção da “mulher” produzida através da performance (no sentido artístico) da drag denuncia a imitação sem original característica do gênero. São as gestualidades repetidas e incorporadas que dão a possibilidade ótica de uma decodificação do gênero, assim como as vestimentas e outros apetrechos que compõem o corpo da pele para fora.

Sem dúvida Butler foi muito sagaz ao utilizar este exemplo privilegiado para ver o corpo engendrado se compondo e decompondo através dos jogos de inteligibilidades disponíveis pelo gênero enquanto norma e produção relacional. Entretanto, não é apenas de roupas, gestos e enunciados performativos que os gêneros se codificam. Os artefatos bioquímicos são emergentes, enquanto significados de gênero no escopo das transexperiências. Muito se fala de hormônios sexuais sintéticos e uma certa expertise somática da experiência se torna tema central nas trocas de dicas e informações sobre medicamentos hormonais.

Ancorado na boa escolha de Butler, Preciado sugere um mergulho no ponto chave da dobra, em que se interioriza e exterioriza o corpo ao mesmo tempo, ao propor o termo “biodrag.” O Primeiro exemplo exposto pelo autor no livro “testo junkie” é a simulação do sangue menstrual que ocorre no corpo de mulheres cis que utilizam pílular anticonceptivas - compostas também, por hormônios sexuais sintetizados- o uso da pílula repete o sangramento natural da menstruação, agora em uma natureza artificial. A imitação teatral da força performativa da linguagem é reformulada em uma gramática da repetição artificial de um fenômeno natural. Ou, segundo as palavras de Preciado, ocorre “a imitação técnica da própria materialidade do ser vivo” (PRECIADO, 2018, p. 205). Esse evento é nomeado pelo autor de biodrag.



O caráter ficcional do gênero se expressa com força na definição de Preciado do termo biodrag, visto que a feminilidade ou a masculinidade emergem enquanto “bioficções somatopolíticas” (PRECIADO, 2018, p.127). Os recursos de Butler e Preciado são os mesmos. Buscam na prática drag a forma de apontar a ficção de gênero em sua repetição e também em sua transgressão da norma. Apontando assim, como a norma atravessa todos os corpos, não apenas aqueles que parecem transgredi-la. A imitação da menstruação que ocorre no corpo de mulheres cis, muitas vezes heterossexuais, que fazem uso de pílulas anticoncepcionais – no conceito de biodrag, em Preciado –, está para os atos de usar maquiagens, determinadas vestimentas e produzir gestualidades concebidas enquanto femininas – no uso conceitual da drag, em Butler. Assim, a proposta de ambos os autores aponta para um mesmo lugar, em escalas molares e moleculares do problema. Assim, Preciado aponta que “O que está sendo representado e imitado tecnicamente pela pílula já não é o código de vestimenta ou um estilo físico, mas um processo biológico: o ciclo menstrual.” (PRECIADO, 2018, p. 205).

(IN)CONCLUSÃO

Este ensaio buscou articular uma série de categorias contemporâneas que possibilitam traçar indicações acerca das mudanças de nível/escala do paradigma da diferença sexual através do intercurso de biotecnologias de ingestão e, modificação dos marcadores ópticos de gênero que se expressam no corpo individual. É necessário recordar, aqui, que gênero é, tanto uma categoria que se significa em relação, como, uma categoria regida por normas de inteligibilidade do humano. Sendo uma categoria situacional e histórica, o gênero - e o sexo- seguem abertos para novas redefinições. Entretanto, neste ensaio busquei olhá-los através de uma perspectiva do corpo, da carne e do sujeito, pois assim, me pareceu mais possível atravessar a discussão da conformação da diferença sexual.

O interesse basilar da escrita foi abrir possibilidade para pensar o que ocorre com o modelo da diferença sexual quando tecnologias e objetos emergem no mundo, transformando as escalas de visualização do corpo, produzindo a emergência de novos sujeitos políticos e, portanto, novas formas de pensar o sexo-gênero do corpo. Os efeitos destas tecnologias no modelo da diferença sexual seguem em debate e a hipótese de uma mudança de paradigma



está por ser investigada. Recolhi, ao longo do ensaio, apenas alguns apontamentos teóricos para trabalhar esta hipótese.

A sugestão de um modelo, que poderia ser nomeado como sexo sem fio, emerge das impressões elaboradas em um mundo de significados microbiológicos e uma linguagem análoga a da informática. Mais do que afirmar uma ruptura, ou um mundo que está por vir, procurei recolher algumas dicas dos efeitos propiciados por modelos que se sobrepõem. As ficções sexopolíticas e as metáforas tecnovivas (PRECIADO, 2018, p.205) que saltam a superfície do debate são efeitos da possibilidade de ingestão dos significantes de gênero e dos hormônios sexuais, como potentes metáforas sobre o gênero do corpo.

A substancialização total da diferença sexual nubla o sexo dualista -duas carnes- e aponta para a diferença sexual como um dado quantitativo -de grau e não de natureza- como elaborado no modelo de uma carne. Entretanto não é suficiente concluir uma retomada a um modelo anterior, ainda que no modelo do sexo sem fio, alguns conceitos articulados pelo modelo de uma carne se vejam re-interpretados. A dobra multidimensional, que se movimenta ao mesmo tempo, para dentro do sistema circulatório e para a superfície da pele, é a possibilidade de tensionar, friccionar e atritar os dois modelos trabalhados por Laqueur.

Levando em conta o pensamento contemporâneo das ciências da vida, entre elas a biologia, podemos nos direcionar a 1) uma gramática sobre o corpo e a vida comum entre as ciências sociais e a biologia, como apontado por Moore, que possibilite uma maior afinidade terminológica entre as áreas e 2) um esforço para traçar com rigor, os efeitos das rupturas e continuidades do modelo da diferença sexual. A ingestão do pensamento molecular, deve ser prática contínua para elaborar uma perspectiva de análise social acerca dos fenômenos de experimentação do gênero e, por consequência, da organização ótica relacional da diferença sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 2017.



FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HORMÔNIO in dicionário etimológico da língua portuguesa. Lexikon; 4ª edição (1 outubro 2010).

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo. Editora Dumará Distribuidora de Publicações Ltda. Rio de Janeiro, 2001.

MOORE, Henrietta. “Understanding sex and gender”, in Tim Ingold (ed.), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

PRECIADO, Paul. Testo Junkie: Sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018.

ROSE, Nikolas. Políticas de la vida: Biomedicina, poder y subjetividad en el siglo XXI. Unipe: editorial universitaria, 2012.

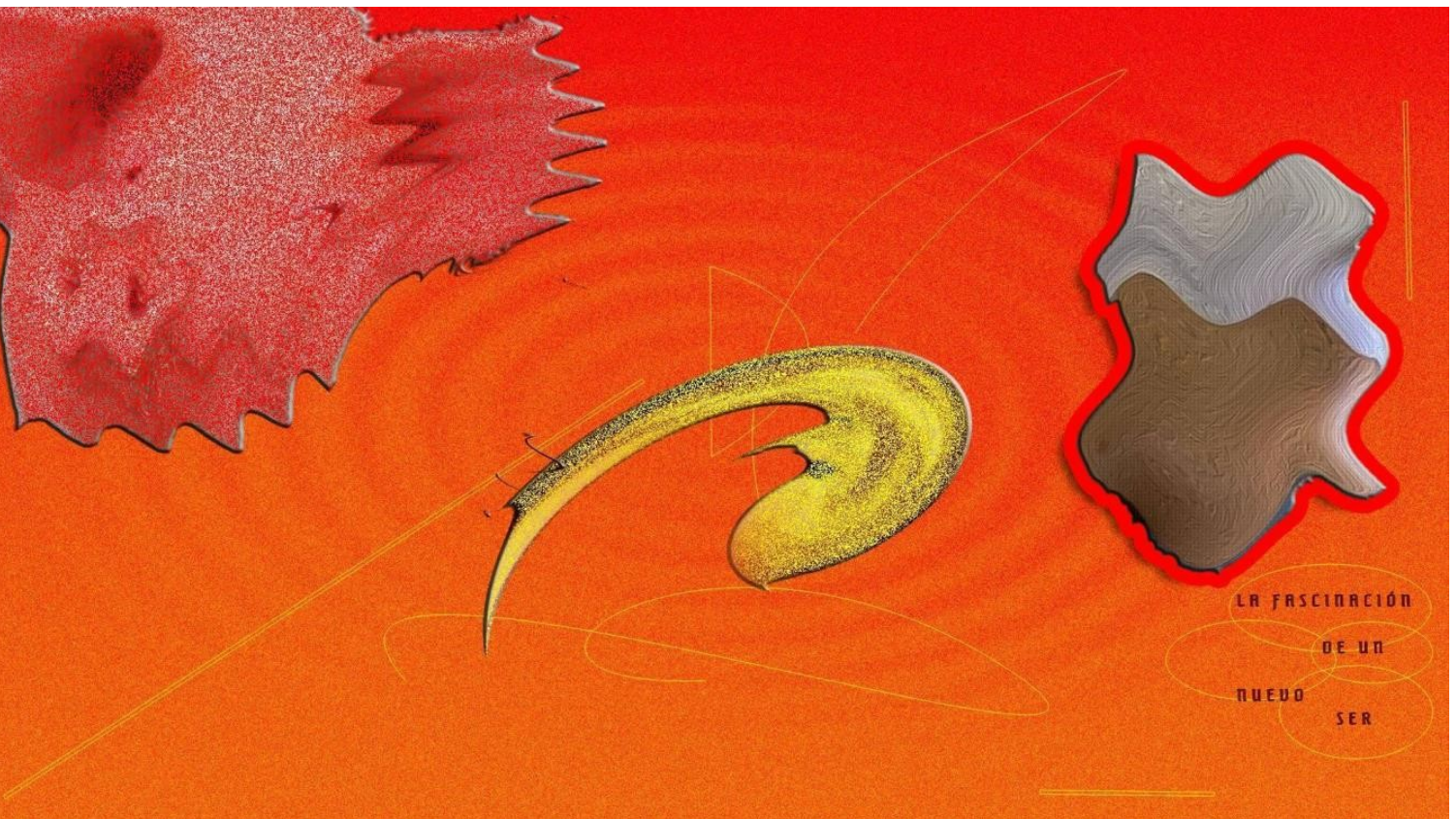
NOTAS

1 Informações retiradas do livro Testo junkie, capítulo 8.

2 Todo esse percorrido histórico é replicado do livro Testo Junkie, capítulo 8. Porém, Preciado aponta para a etimologia de hormônio dando ênfase aos termos: excitar e ativar. Aqui acho interessante trazer a definição do dicionário x: que prioriza o termo “empurrar”. Quero privilegiar a escolha desta palavra pois parece descrever muito bem a ideia de que 1) há algo a ser empurrado (talvez mais invisível do que o próprio hormônio) de um lugar a outro, ou seja, das glândulas produtoras até os órgãos receptores; 2) no caso dos hormônios compreendidos como sexuais, eles empurram os marcadores de gênero para a superfície da pele, desestabilizando ideias recorrentes para pensar o gênero, como “interior” e “exterior”.

3 O chá de revelação é uma festa, um ato performativo, um gesto e um enunciado cirúrgico sobre o gênero. Se refere a prática de juntar amigos e familiares para “revelar” o sexo do embrião ainda em gestação, uma vez feita a ecografia pra distinguir o provável sexo do ser que está sendo gestado os familiares se organizam para relevar, comemorar e fixar o gênero do sujeito por nascer.

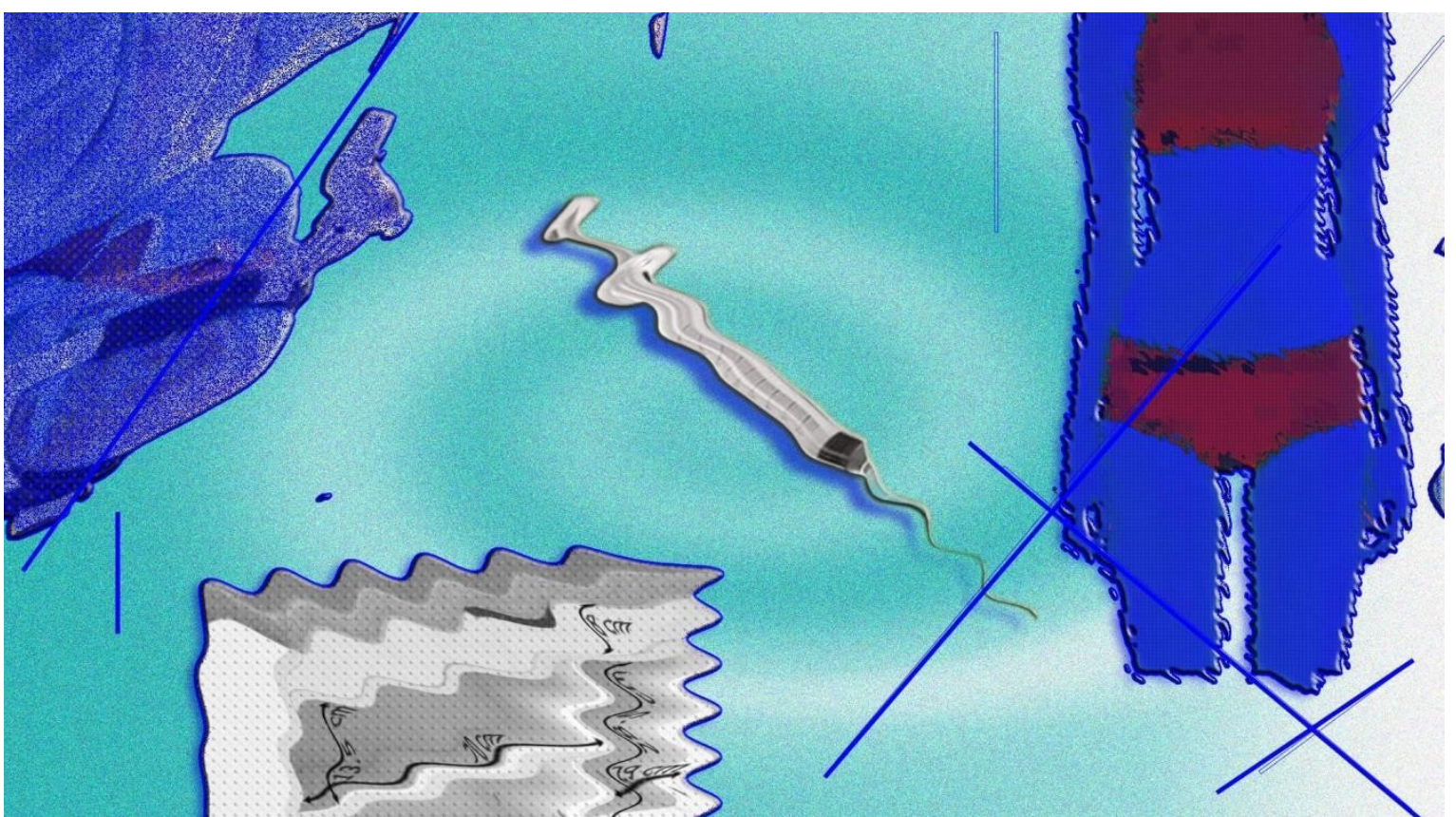
PIG FACE



Ive Lins Pecis



TRANSXMED



Ive Lins Pecis



NÃO ME ACOSTUMO

Benício Bruno Cardoso Paulo

A gente se acostuma, mas não devia.

Eu entendo Marina Colasanti.

A gente se acostuma ao discurso biopolítico mas não devia, a gente se acostuma às réguas da cisheteronormatividade mas não devia.

Eu me pego pensando em tanto do que eu não devia me acostumar, mas me acostumo.

O quanto meu corpo vai sendo docilizado nesse processo de acostumar

Feito água parada no tempo eu vou me movendo

E movendo feito água congelada que me tornei começo a perceber o que de fato preciso manter e o que há necessidade de transmutar

Nesse jogo com os elementos, a terra me cai bem, a água é que eu sou.

Eu gosto do chão porque ele é sagrado e profano, porque no chão tudo que existe tem um lugar

Falam do lugar ao sol, eu quero saber é do direito básico do lugar no chão.

Quero lugar pra ser água congelada, terra fértil, água morna, pedra dura, bicho, bruxo, curandeiro

Sou filho das águas claras d'Oxum, das palhas de Obaluaê

Quero que a gente não se acostume a ser uma coisa só

Viver a monocultura dos afetos é viver violência, mesmo que não percebamos sua presença

É se acostumar com o que não devia, digo e chamo atenção para nós que temos um corpo habitante da dissidência, divergente do patriarcado, divergente do gênero imposto e de tudo que sufoca quem não se encaixa

Falando sobre se encaixar, porque é que mesmo nas nossas narrativas estamos reproduzindo o discurso hegemônico?

Digo, não há problema em viver dentro da monogamia, por exemplo, se é uma relação que se pensa reciprocamente sobre os acordos que concernem esse contrato, respeito o amor de um mais um.

Digo, não há problema em querer ter uma família, eu mesmo tenho esse desejo, entretanto, eu preciso saber que ter uma família não normativa é um desafio dentro do que



se espera de uma família na sociedade em que nós vivemos. Família pra mim rompe com a consanguinidade, é estrutura de afetos e resistências dentro da sua construção. Estilo POSE.

Habitar a inexistência não pode mais ser a única opção para corpos dissidentes

Eu não posso mais acreditar que as potências todas que trazemos com nossas vidas sejam acostumadas a não ser

Sejam violentadas para que não floresçam

Sejam minadas de suas possibilidades de sobrevivência para que morram

É isso desde o começo, por aqui já são mais de quinhentos anos que assassinam as almas

É genocídio da cor, a bala nunca foi perdida, seu alvo é certo: crianças e jovens pretos, indígenas, mulher preta grávida.

É feminicídio por toda parte, todo dia

Corpes trans suicidados por terem sua existência negada

Vivemos no país que mais mata travestis e transexuais no mundo, também vivemos no país que mais consome pornografia transsexual, me enoja tamanha hipocrisia, não me acostumo.

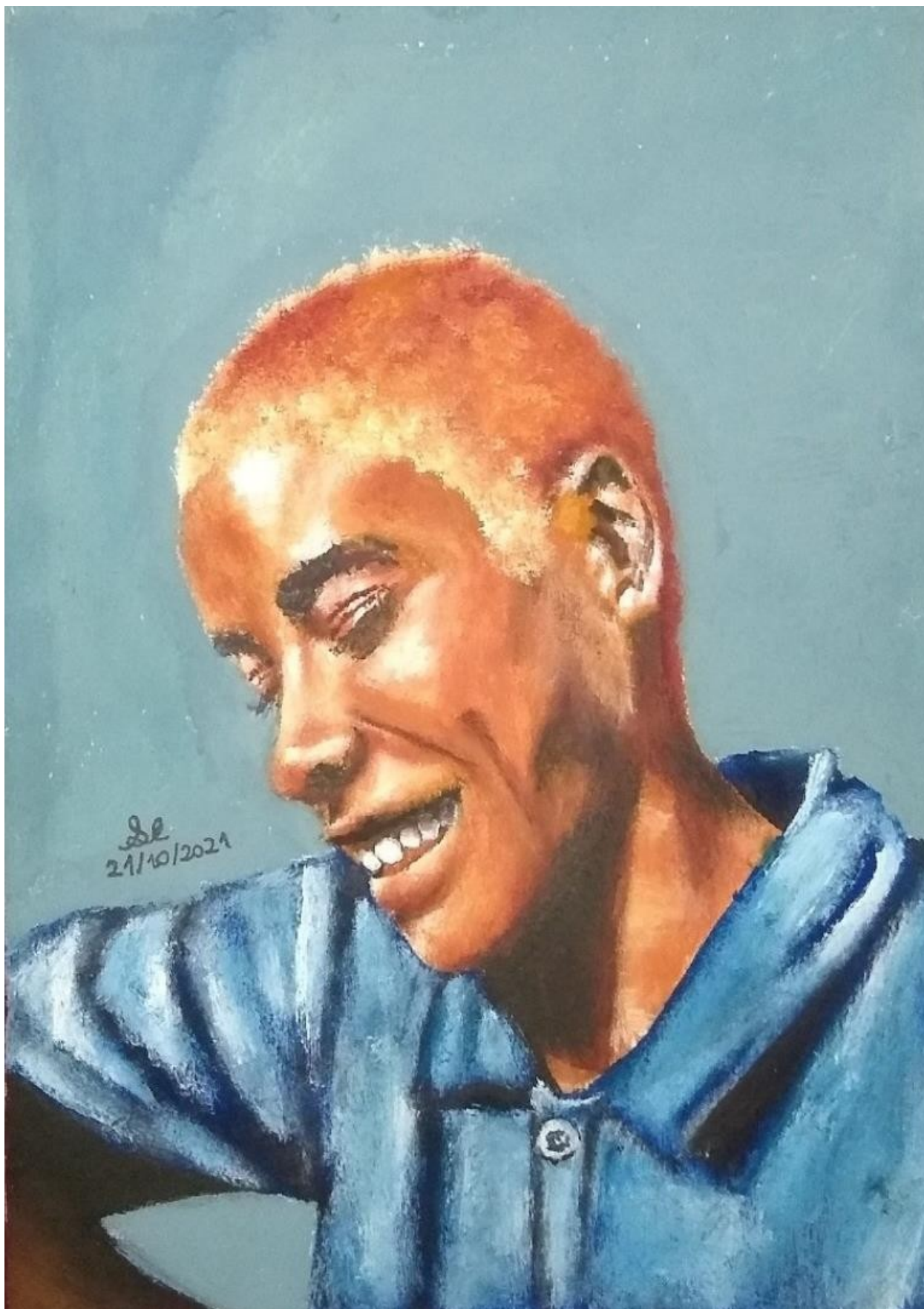
Quanto mais desses corpos veremos pintando com o seu sangue os asfaltos por onde transitam seus carros?

Não me acostumo a ver crianças nos semáforos tendo suas infâncias roubadas.

Não me acostumo, mas por aqui a realidade é essa e o problema é inimaginável, a opressão é ancestral e se quer no poder a todo custo. Que a gente não se acostume com essa realidade tão dura e cruel. Que a gente possa sim, sonhar outros mundos possíveis aonde o corpo-território possa ser na sua multiplicidade, bem-viver e não só sobreviver.



Se Paz Suzuki









PROSPERIDADE TRANSMASCULINA

Rosa Caldeira

Eu espero que a minha transgeneridade te perturbe
que falar sobre a minha identidade te assuste
que tudo que eu sou te cause enjoo
porque eu aprendi com Neon Cunha
que redistribuição dos desconfortos é
justiça reparativa,
não que eu esteja preocupado em reparar alguma coisa,
mas tô interessado em matar esse CISTema
antes que ele me mate
O papo é o seguinte
eu não quero ser um homem, tampouco romantizo o ser mulher
mas no meio dessa masturbação identitária
fica a encruzilhada entre o boyceta transviado injetado e o sapatão emocionado
que transformam
eu
Boto mó fé que palavras são muito importantes
mas eu ando meio desatento desses significados
preocupado mesmo é em encontrar algum conforto
palavra essa que não sei se já senti
não por falta de tentativa do meu corpo
mas pelo mundo que grita
na minha cara,
independente do nome que eu tenha,
que esse planeta não foi feito para gente como eu
E aí que ficção científica sem gente trans e preta fica sem graça
porque são outras galácticas, deuses e palavras que a gente constrói
para poder existir
A treta é que eu quero parar de falar de dor
porque eu cheguei até aqui pela potência



e tudo o que eu pari na verdade é a melhor parte de mim
Eu tô interessado na busca de identidades apagadas,
na descolonização do meu olhar,
na viela do meio da revolução favelada,
nos meus privilégios que a minha branquitude tem que enxergar,
no mistério do encontro entre mar e rio a periferia e o gênero que nessa de romper o
asfalto, fez a nascente
transborda.
A potência que pulsa em mim é a maldição que meus transcestrais jogaram nessa terra
e que eu entendi,
demorei,
mas hoje eu entendi,
que quem eu sou vale a pena
e é assim que descobri que eu também mereço sonhar
Viver curtindo o caminho é um direito que eu quero reivindicar
O suicidamento é o nome que a gente dá pro assassinato social que causa o suicídio de
tantos transmasculinos

Tempo

é uma palavra delicada quando a gente fala de tanto genocídio.
Expectativa de 35 anos não dá pra chamar de direito a vida
e é por isso que o meus minutos passam
diferente
e me deixam sem tempo para ficar só na imaginação a prosperidade que eu que eu quero
pra mim e pros meus irmão
Aproveitar o caminho
Viver processos
Eu profetizo abundância para todes transmasculines
viva as pessoas entranhas, afeminadas, masculinizadas, faveladas e os pequenos grandes
sonhos de
vivermos
De sermos não em forma de consumo imediato que já tem todas as respostas prontas



Mas de existirmos

nas dúvidas, na encruzilhada, no caminho, na assombração

Pelo direito de sermos por meio de processos de cura que revolucionam.

Eu escrevo crônicas sobre a vida porque tô tentando descobrir como viver depois de ter morrido tantas

Boyzinho, esses dias eu entendi que viver também é ter direito de prosperar.



MONOTONIA

Kairo Madah

O papel jornal sobre o vidro, a tinta entre o vidro e a folha.

Tinta viscosa vencida, azul marinho no mar de indecisão.

O lápis que rasga de tremulação um corpo delgado de solidão.

Naquela época corpo mancha em descompasso com um Ori em crise

de pesada monotonia de busca em meio a ruptura dos elos.

Monotipia. Monotonia. Monototinipia. Totimoniponia. Timoninomiponia.

"Monotonia": Minha talvez primeira expressão convicta e visceral e corajosa... A primeira assinatura pictórica de transviadagem autodeclarada. Felicidade na monotonia dessa memória.



2/2

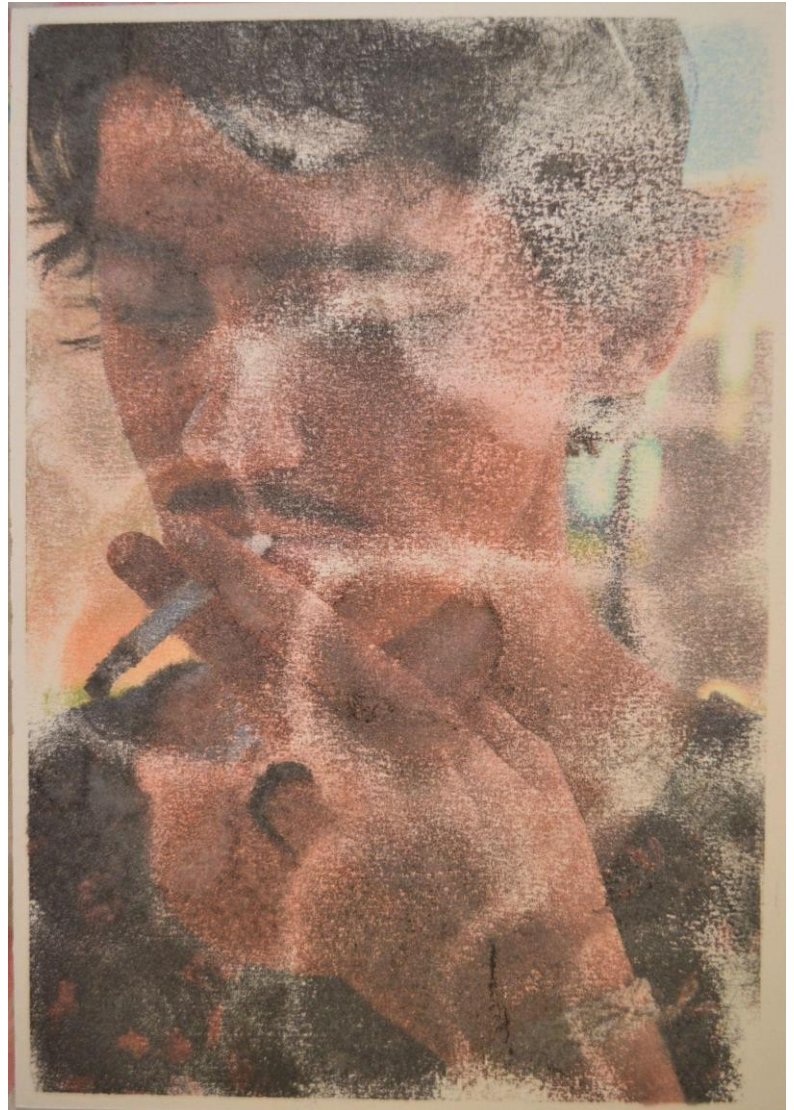
"monotowa"

Mojas
2021

REI DE MIM

Kairo Madah

“Rei de mim” é uma monotipia que nasce de um vasto e incessante processo pessoal de investigação e auto(re)conhecimento acerca da própria identidade de gênero. Nesse sentido a prática de transformismo drag king (criação de uma persona masculina, enquanto arte) através da “montação” possibilita a experimentação de “outras formas de ser (eu)” e brincar com a própria expressão de gênero. Mergulhar nessa vivência foi essencial pra me entender com relação as questões de gênero, é uma ferramenta que me permite explorar diferente possibilidades de masculinidade e feminilidade, bagunçar e organizar esses entendimentos.





TRAPO I

Kairo Madah

Ser trans é ser o trapo.

Trapo é objeto.

Não é roupa pois não existe longe das quatro paredes.

Enxuga do chão o desejo que não serve mais pois está sujo.

O diferente gera desejo, ódio ou ambos os sentimentos?

"Trapo I" é um dos trabalhos de uma série nascida das reflexões de uma pessoa transmasculina diante da frequente objetificação e sexualização pelas quais corpos como o seu são atravessados.



3/4

"trapo I"

Morales
2019



O DOBRO

Theo Barreto

Acordar a qualquer hora do dia, por vontade própria do corpo e da alma. Se levantar com a pretensão única de encher os pulmões de ar, esticar os braços pro céu e olhar a cara amassada pelo travesseiro e endurecida pela vida no espelho. Decidir sem trauma como gozar o dia e quais caminhos de cinza e petróleo pegar para sentar debaixo de qualquer sombra e escrever meus excrementos. Olhar ao redor e pensar que as cores que eu vejo mais ninguém vê e o que são as coisas. Frequências de luz são refratadas pelas coisas, ficam com todas as frequências e cospem o verde, o vermelho, o amarelo, o ocre, o jeans. Aguardar vir a palavra seguinte porque você TEM o tempo e não está ansioso olhando em volta para se livrar dos olhos do interlocutor, com quem fala e escuta, quem te obriga a dar significado e usar palavras que antes só existiam dentro de você, como uma sopa de letras misturada com o ar no seus pulmões, que você esvazia e as faz sentir.

De quem é essa voz? Vocês sabem quem são cem por cento do tempo?

Às vezes quando me levanto na minha caverna, mesmo com a pedra selando a sua boca, a luz atravessa por uma fresta entre duas rochas não muito bem casadas e eu consigo ver meu reflexo em um pequeno vazio inundado que se forma entre o primeiro e o segundo quadrante do solo.

Aquela poça, eu sei mesmo quando não penso nela, está sempre ali, pois do alto pinga uma gota a cada 9.7 segundos, eu já contei mais de uma vez. Um dia vai formar uma estalagmite e quando eu olhar no pequeno vazio inundado meu reflexo vazio terá um chifre no meio da testa, mas agora tenho só a minha cara mesmo. E pasmo, olho para aquele estranho que me olha de volta de um jeito quase agradável através do véu do espelho.

Como eu vim parar aqui? De onde vieram todas essas espinhas? O que são essas coisas que pendem de meu corpo? Por que minha barba, essa coisa orgânica que brota do meu rosto, me machuca?

Quando eu não existia biograficamente no passado, ninguém me via e era isso. Eu existia pela casca de outra pessoa, que me usava. Era aquela carcaça que não existia. Um corpo, que aprisionava minh'alma e fazia dela sua escrava, obrigada a alimentá-lo de minha transubstância.

Nós, eu a casca, éramos dois e um, eu me confundia com meu veículo, que me alienava



em sua aparência. Eu só sabia que eu não era o que as pessoas diziam daquela casca. Não era. Os próprios sentimentos de ser humano, de sentir amor, de querer morrer, as muitas expectativas e ideias de como viver, ser e transitar que me circundavam e transversalmente diferentes das que eu tinha, são coisas difíceis que a gente precisa lidar. E a vida inteira ainda será, dentro de qualquer caixa de diferenças.

Nesse mundo de aparências e produção imagética de si, porém, era a casca quem era vista, valorizada, reconhecida e convidada para festas e *ménages à trois*.

Num momento de distensão máxima, nós viramos dois separados. Eu, a alma, ela, a máquina.

Uma alma sem corpo pode qualquer coisa, atravessar paredes, brotar em outro canto do mundo, assustar crianças com sua forma de árvore projetada na parede do quarto à noite, pode puxar o pé de quem se deita na cama sem cobrir os pés, pode possuir qualquer corpo. Mas o que pode um corpo sem alma? Nada. Apodrece, fica morto, passa ser azul, gelado.

Escolhi possuir aquele corpo, que não era exatamente o que eu aspirava, mas estava ali na minha frente, recém-mortinho e, ah! Pelos céus, eu não tenho nenhuma experiência nesse rolê de possuir corpo, tinha recém-nascido, eu me achava casca antes, tava frágil, porra, inseguro! E se o corpo, ainda com alma e do jeito que eu queria, apresentasse resistência? Se porventura eu conseguisse entrar, o que aconteceria com a alma do pobre diabo? Quem ia aceitar, de bom grado, ceder lugar a uma alma rebelde e estranha, tão jovem e tão triste? No mais, cada segundo que eu demorava fora de um corpo levava uma eternidade. Quantos anos eu envelheci naqueles dias? Eu poderia ter morrido, mas acreditava que precisava comer, transar, dormir e amar alguém. Tomei aquele corpo ali, recém-largado e totalmente extrapolado, ainda estava quente quando toquei a ponta dos dedos. Ao contrário de antes, não houve uma fusão. Eu escorri como quiabo para dentro daquela carcaça, sem resistência. Permaneci consciente, rompi com a alienação antiga que aquela aparência - do mesmo corpo, agora outro - me causava, criei uma nova fantasia e me deixei envolver..

Olhei de cima para baixo, numa visão POV CAM, para aquele corpo, eu mesmo, meu corpo, era desesperador! Talvez se eu não fosse tão vaidoso, ou se as cascas não importassem tanto, ou quem sabe se as posições de gênero não fossem assimétricas, mistificadas e



opressivas eu poderia não ter ficado tão frustrado com o que eu tinha.

Para não cair num fundo poço sem corda nem caçamba, eu, que só tinha acabado de começar, mas já sabia por experiências herdadas de outras vidas que o corpo é a máquina mais potente e flexível da natureza, empenhei-me na bricolagem de mim mesmo, em edificar-me enquanto sujeito. Então dia após dia e a cada manhã eu precisava repetir os passos na minha cabeça, confirmar a empreitada, preparar a bagagem e me desmanchar por aí.

As vezes que fui confundido com a casca doeram muito em mim, como se minha existência fosse estilhaçada. E eu precisava de todas as minhas forças para segurar os braços junto ao corpo, levantar as pernas a cada passo, equilibrar a cabeça em cima do pescoço, daquilo que o método Alexander ensinava como postura e, concentrado nesses malabares, deixava o peito aberto e não podia gritar FODASSE para todo mundo que viesse cuspir na minha cara.

Às vezes as pessoas me olhavam na rua como se eu fosse um cachorro, um dementador, um canalha, por ter possuído aquele corpo. Pobres estúpidos, mal sabem que antes aquele corpo não tinha alma se não a minha, que eu nem cedia por inteira.

Foi muito tempo depois de muito tempo, que as pessoas foram confirmando que eu já existia. Um dia desses reencontrei - se é que posso dizer que já tinha me encontrado com essa pessoa num passado em que eu não existia alma-e-corpo, dentro-e-fora da casca - uma pessoa que conheci numa festa. Nós passamos algumas horas juntos por uma noite, fumando e trocando impressões sobre as pessoas e coisas ao nosso redor. Hoje cumprimentei-a com afeto, mas a moça não me reconheceu. Sabia, porém que nos conhecíamos, ela só não sabia muito bem onde, como, o que tínhamos feito.

Bom, significava que eu tinha possuído aquela casca e trabalhado ela de um jeito tão surreal e próprio, que incompreensível. Ótimo. Alguma coisa a partir do meu eu de agora fez ela criar, no passado, uma imagem cruzada com a casca, inventando nela uma memória de mim. Como se eu e meu outro, passado e presente, ambos fôssemos melhores amigos, irmãos ou gêmeos. Através dessa pessoa e do tempo perene, um duplo, um dobro, um outro que é o mesmo, criou-se no passado, então eu passo a existir lá também. Eu não era caduco, irreal ou distópico, alguma pré-ultrapassada e limitada, uma versão louca de mim. Pensar que eu sempre existi parece perfeitamente razoável. Era a casca que confundia as pessoas (e a mim), mas agora que eu existo dentro e fora dela, posso ver que sempre estive pulsante.



Este trabalho é uma colagem digital feita a partir de desenhos conduzidos através do que poderia ser chamado autoanálise ou autobiografia.



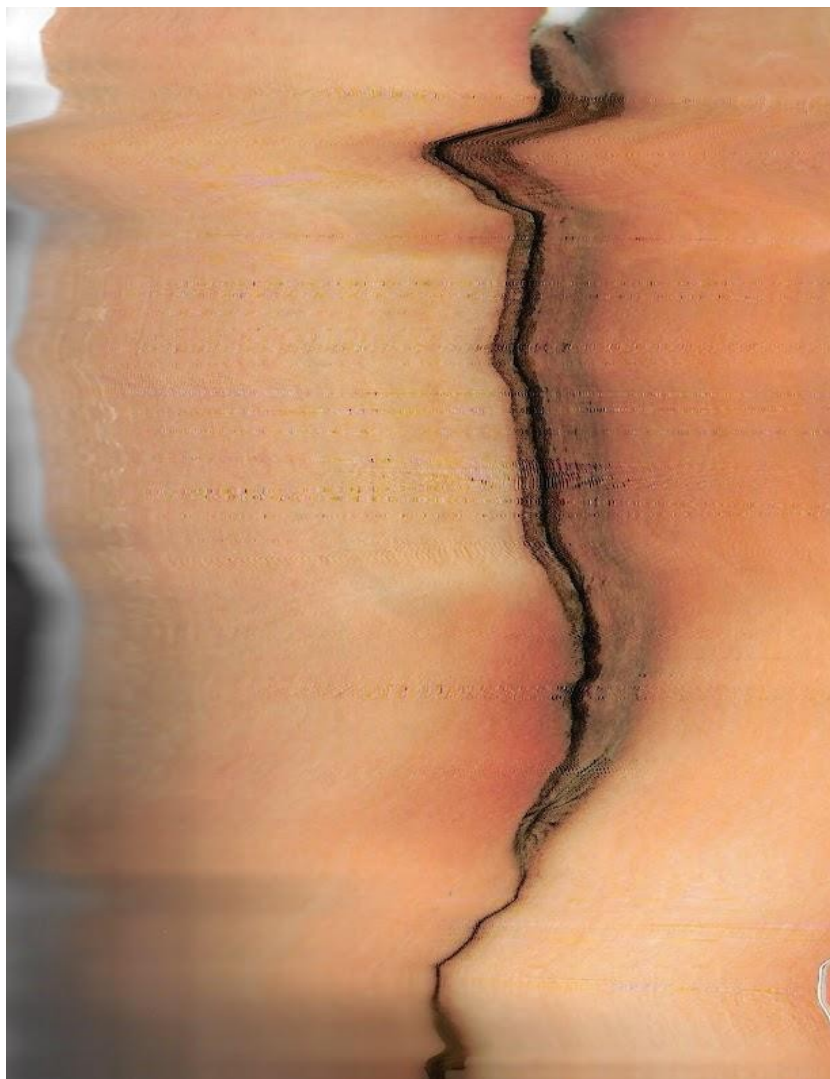
João Liu

Nosso corpo é expressão. Quebrar, transformar, adaptar e libertá-lo é criar outras possibilidades.

A obra busca refletir sobre nossas próprias percepções. Por que você enxerga isso? Corpos tiltados são um conjunto de colagens que convidam o espectador a estranhar a observação sobre os pedaços de corpos expostos.

A obra busca intrigar o público a questionar os atravessamentos entre as imagens, corpa e mundo cibernético (dentro e fora das telas). Cada colagem revela um grito explícito e confuso de liberdade.

Estrada





Beijos Carinhosos



Tinder





Rafa Rofo





PELO DIREITO DA MEDIOCRIDADE DE ENSINO OU COMO SER UM PROFE QUEER E CRIP

Salem

Sou professor², uma pessoa queer e disca³. Anarquista, antiespecista e mil outras coisas. Possuir posições políticas radicais implica sempre mantê-las em mente, às vezes para nosso pesar. Isso inclui a sala de aula quando ensinamos.

Como conciliar meus ideais com as estruturas coercitivas que dominam a escola? Se pode? Eu não estou falando sobre essa conversa de “mudar o sistema de dentro” ou qualquer coisa. Frase que, aliás, é muito problemática.

Quem está imerse na pedagogia formal, ou seja, cursando-a na universidade, acaba sempre ouvindo um discurso muito

² Para esta escrita, serão usado como sinonimos de crip “disca” e de queer “marica”, que seria uma interpretação de similes em espanhol.

¹ Me chamo Bärbel ou Salem, tenho uma página no Instagram chamada @pizarralibertaria e me dedico a ler e, de vez em quando, gerar reflexões através de escritos e colagens. Estou prestes a receber meu diploma como professor de artes. Gosto muito de falar sobre pedagogias libertárias, queer e crip e ajudar no que puder, por isso convido você a conversar livremente comigo, meu email é pizarralibertaria@gmail.com. Atualmente estou fazendo uma estada na Unesp em São Paulo

³ Em espanhol usamos "discapacidad" em vez de deficiência, então neste escrito "disca" será usado como uma reapropriação desse conceito.

POR EL DERECHO A LA MEDIOCRIDAD DOCENTE O CÓMO SER UNE PROFE QUEER Y CRIP

Salem

Soy profesor⁴, una persona queer y disca. Anarquista, antiespecista y mil cosas más. Poseer posiciones políticas radicales implica tenerlas presente siempre, en ocasiones para nuestro pesar. Esto incluye el aula cuando ejercemos docencia.

¿Cómo concilio mis ideales con las estructuras coercitivas que dominan en la escuela? ¿Se puede? No estoy hablando de este discurso de “cambiar el sistema desde dentro” ni nada. Frase que que, por cierto, es muy problemática. Quienes hemos estado inmerses en la pedagogía formal, es decir, estudiarla en la universidad, siempre terminamos escuchando un discurso que es muy

⁴ Me hago llamar Bärbel o Salem, tengo una página en instagram llamada @pizarralibertaria y me dedico a leer y, de vez en cuando, a generar reflexiones a través de escritos y collages. Estoy al borde de recibir mi título como profesor de artes plásticas. Gusto mucho de hablar sobre pedagogías libertarias, queer y crip y ayudar en lo que pueda, así que les dejo cordialmente invitades a que me hablen con total libertad, mi correo es pizarralibertaria@gmail.com.



comum; ser professor é um ato político. E eu não nego isso, ninguém poderia fazer isso. Mas talvez seja importante refletir sobre isso, porque, pelo menos para mim, desconfio. Que seja uma visão tão generalizada nas instituições que existem para criar cidadãos que continuem a fazer este mundo em que vivemos funcionar. “A educação vai mudar o mundo”, dizem em todos os lugares. Muitos até citam a Freire em matérias pedagógicas e há ainda alguns mais ousados que vão além e mostram alternativas pedagógicas ainda mais radicais, como a pedagogia libertária dentro dos espaços de formação de professores. Eu não tive essa sorte. Concordo, a educação vai mudar o mundo, mas não aquela que foi institucionalizada pelo Estado e pelo capital. Aqueles de nós que ingressam na carreira educacional por “vocação” sempre têm esse ideal dentro de nós. Mas com o tempo isso se desgasta. É normal, precisamos sobreviver e as instâncias que as escolas, colégios, faculdades e universidades nos dão não nos deixam muito para agir. Um educador anarquista disse certa vez que práticas libertárias podem ser geradas dentro das instituições formais de ensino⁵, entendendo que quase ninguém tem a opção de atuar como tal.

⁵ Silvio Gallo reflete sobre isso em várias ocasiões.

común; *ser profe es un acto político*. Y no lo niego, nadie podría hacerlo. Pero quizás es importante reflexionar al respecto, porque, al menos para mí, me genera recelo que sea una visión tan generalizada en instituciones que existen para crear ciudadanos que sigan haciendo que este mundo en el que vivimos siga funcionando. “La educación cambiará el mundo”, dicen en todos lados. Muchas incluso citan a Freire en las asignaturas pedagógicas e incluso hay algunas más osadas que van más allá y muestran alternativas pedagógicas aún más radicales, como la pedagogía libertaria dentro de espacios de formación docente. Yo no he tenido esa suerte. Estoy de acuerdo, la educación cambiará al mundo, pero no la que ha sido institucionalizada por el estado y el capital. Quienes entramos a una carrera de educación por “vocación” siempre tenemos ese ideal dentro nuestro. Pero con el tiempo se va apagando. Y es normal, necesitamos sobrevivir y las instancias que nos dan las escuelas, liceos, colegios y universidades no nos dejan mucho para accionar. Un educador anarquista dijo una vez que se pueden generar prácticas libertarias dentro de las instituciones educativas formales⁶, entendiendo que casi nadie tiene la opción de accionar como tal.

⁶ Silvio Gallo reflexiona sobre esto en varias ocasiones.



Assim, é impossível negar que o ensino é uma prática política e que, portanto, não existe educação neutra⁷. Podemos aceitá-lo ou ignorá-lo, mas é um fato. A “educação”⁸ que nós proporcionamos sempre terá um efeito naqueles que estamos educando. Minha proposta para esta ocasião é refletir sobre o quão une como educadore atua em situações em que nossos ideais são postos à prova e somos obrigades a assumir uma posição que afetará no futuro como nosses alunes, colegas e nós mesmas nos perceberemos em relação entre nossa fala e ação.

Essa reflexão decorre do constante paqueo⁹ que eu e meus compas nos impomos na hora de ensinar enquanto somos seres queer e discas, nos vendo superades e encurralades praticamente todos os días. Será esta uma crítica a esta visão do professor como um ser corajoso que deve ser um exemplo a seguir, como um ser que tem todas as

Entonces, es imposible negar que la docencia es una práctica política y que, por ello, la educación neutral no existe¹⁰. Podemos aceptarlo o ignorarlo, pero es un hecho. La “educación”¹¹ que brindamos siempre tendrá un efecto en quienes estamos educando. Mi propuesta para esta ocasión es reflexionar sobre cómo une como educadore actúa frente a situaciones donde se ponen a prueba nuestros ideales y nos vemos en la obligación de tomar una posición que afectará a futuro cómo nos percibirán nuestros estudiantes, colegas y nosotros mismos sobre la relación entre nuestro discurso y cómo actuamos.

Esta reflexión nace del constante paqueo¹² que mis compas y yo mismo nos hemos impuesto a la hora de ejercer docencia a la vez que somos seres queer y discas, viéndonos superades y acorralades prácticamente en cada fin de jornada.

¿Esto es una crítica a esta visión del profesor como un ser aguerrido que debe ser un ejemplo a seguir, como un ser que tiene todas las

⁷ O termo "contramanipulação" aprofunda-se nisso, conceito elaborado por Josefa Martín Luengo em “La escuela de la anarquía”

⁸ O que é a educação em si? Para este texto em particular vou ficar com a perspectiva escolar disso e deixar de lado (só por enquanto) que é um processo que acontece além, perdoe a redundância, a escola. Isso porque vou me referir a situações vividas como educador dentro desse tipo de contexto.

⁹ “Paquear” vem de “paco”, que é um termo informal para se referir a um policia no Chile. Diz-se estar acompanhando de perto as ações de alguém com atitude inquisitiva.

¹⁰ El término “contramanipulación” ahonda en esto, concepto ideado por Josefa Martín Luengo en “La escuela de la anarquía”.

¹¹ ¿Qué es en sí la educación? Para este texto en particular me quedaré con la perspectiva escolarizadora de esta y dejar de lado (solo por ahora) que se trata de un proceso que sucede más allá de, valga la redundancia, la escuela. Esto es debido a que haré referencia a situaciones vivenciadas como educadorx dentro de este tipo de contextos.

¹² “Paquear” proviene de “paco”, que es un término informal para referirse a un policia en Chile. Dícese de estar vigilando muy de cerca las acciones de alguien con una actitud inquisidora.



respostas, que nunca erra, que tem vocação e que, em última análise, vê o seu trabalho como um forma de ativismo/militância? Talvez um pouco.

A posição que grande parte das pessoas radicalizadas assume é a de deixar de colaborar e, portanto, de trabalhar no sistema estatal¹³/privado. Mas nem sempre é possível, e no caso de nós que somos professores, não é só chegar e criar uma escola livre do zero. Por um lado, a legislação sobre o funcionamento do sistema educacional varia muito. Por exemplo, no Chile é relativamente fácil criar uma escola desse tipo porque existem os “exámenes libres”¹⁴, mas não no Brasil. E além disso, por que queremos gerar mais escolas? É necessário? Quem frequentaria nossas escolas?

Depois de me fazer esse tipo de pergunta, disse a mim mesmo: bem, pelo menos em um futuro próximo vou ficar dentro do sistema e fazer outras coisas do lado de fora. A seguir, há certas profissões/empregos altamente

respuestas, que nunca se equivoca, que tiene vocación y que, en definitiva, ve su labor como una forma de activismo/militancia? Puede que un poco.

La posición que gran parte de las personas radicalizadas toman es dejar de colaborar, y por ende, trabajar en el sistema estatal¹⁵/privado. Pero no siempre es posible, y en el caso de quienes somos profesores, no es solo llegar y generar una escuela libre desde cero. Por un lado, las legislaciones sobre cómo funciona el sistema educacional varía mucho. Por ejemplo, en Chile es relativamente fácil generar una escuela de ese tipo porque existen los exámenes libres¹⁶, pero en Brasil no. Y más allá de eso, ¿por qué queremos generar más escuelas? ¿Es necesario? ¿Quiénes asistirían a nuestras escuelas?

Después de preguntarme este tipo de cosas me dije: bueno, al menos en el futuro cercano seguiré dentro del sistema y haré otras cosas por fuera. Siguiendo esto, hay ciertas profesiones/labores que están muy

¹³ No rascunho desta redação eu tinha escrito “público”, mas decidí mudar porque considero muito importante deixar de associar o público com a coisa do Estado. Não é o mesmo. O que é estado é público (pelo menos discursivamente), mas o que é público não é estado.

¹⁴ São uma forma de credenciar a cada ano que você estudou um curso de ensino fundamental ou médio, por meio de avaliações das disciplinas “base” no final do ano, possibilitando não frequentar qualquer tipo de instituição ou ir para uma não credenciada pelo Ministério da Educação, como é o caso das escolas livres.

¹⁵ En el borrador de este escrito había escrito “público”, pero decidí cambiarlo porque considero muy importante dejar de asociar lo público con lo estatal. No es lo mismo. Lo estatal es público (discursivamente al menos), pero lo público no es estatal.

¹⁶ Los exámenes libres son una forma de acreditar cada año que cursaste algún curso de enseñanza básica o media, a través de rendir evaluaciones de las asignaturas “base” al final del año, haciendo posible no asistir a ningún tipo de institucional o ir a alguna que no esté acreditada por el ministerio de educación, como es el caso de las escuelas libres.



romantizados e, portanto, precários (ainda mais). Ensinar está dentro desse grupo quando se trata de ser professor por vocação (espero que tudo o que fizemos foi por vocação¹⁷), e que, portanto, temos que suportar tudo e dar tudo. Eu acho que é algo que nós internalizamos muito. Afinal, é o capitalismo que se infiltra em nossos pensamentos. A culpa de não cumprir o seu dever. Mas o que é dar tudo? Se ser professor já é estar em uma situação precária, ser professor queer e crip definitivamente torna isso ainda pior.

Para contextualizar:

Crip é usado como uma reapropriação de um termo pejorativo, resistindo às conotações negativas de deficiência feitas por uma cultura capacitista. A teoria crip, argumenta McRuer, “olha para possibilidades criticamente queer e severamente deficientes para trazer atores deficientes à tona que irão... exacerbar de forma mais produtiva a crise de autoridade que atualmente assedia as normas heterossexuais/capazes”. Por “severamente eficiente” McRuer não está se referindo ao nível de deficiência que uma pessoa deveria ter, mas sim a uma posição queer. Ao considerar “grave” como “feroz” ou “desafiador”, McRuer inverte os padrões das pessoas sem deficiência que veem deficiências graves como aquelas que nunca serão integradas (o ditado de que “todos devem ser incluídos, exceto...”).

romantizadas y, por ello, precarizadas (más aún). La labor docente está dentro de este grupo cuando se reduce a que se es profe por vocación (ojalá todo lo que hiciéramos fuera por vocación¹⁸), y que, por ello, tenemos que soportarlo todo y darlo todo. Creo que es algo que tenemos muy interiorizado. A fin de cuentas, es el capitalismo que se escabulle entre nuestros pensamientos. La culpa de no estar cumpliendo con tu deber. ¿Pero qué es darlo todo? Si ser profesor ya es estar en una situación precarizada, ser un profe queer y crip definitivamente lo empeora aún más.

A modo de contextualización:

Lo “crip” se utiliza como una reapropiación de un término peyorativo, ejerciendo resistencia a las connotaciones negativas de la discapacidad hechas por una cultura capacitista. La teoría crip, argumenta McRuer, “se fija en las posibilidades criticamente queer y severamente discapacitadas para poner en la palestra a los actores discapacitados que... exacerbarán de forma más productiva la crisis de autoridad que actualmente asedia a las normas heterossexuales/capacitistas”. Por “severamente discapacitado” McRuer no se refiere al nivel de discapacidad que se supone que tiene una persona, sino como un posicionamiento queer. Al tomar “severo” como “feroz” o “desafiante”, McRuer invierte los estándares de personas sin discapacidad que ven las discapacidades graves como aquellas que nunca se integrarán (el adagio de “todos deberían estar incluidos, excepto...”).

¹⁷ Pali Guíñez trabalhou na relação entre o conceito husserliano de vocação com ideais anarquistas que aprofunda no que faço referência aqui. Essas reflexões estão em seu texto intitulado “Husserl y el pensamiento socialista y libertario de su tiempo: elementos histórico-biográficos para un programa de investigación”.

¹⁸ Pali Guíñez ha trabajado la relación entre el concepto Husserliano de vocación con los ideales anarquistas que profundiza sobre lo que hago referencia en este paréntesis. Dichas reflexiones están en su texto titulado “Husserl y el pensamiento socialista y libertario de su tiempo: elementos histórico-biográficos para un programa de investigación”.



A partir de seu status marginal, “deficiências graves” e sujeitos queer se posicionam para reentrar nas margens e apontar as inadequações dos pressupostos heterossexuais e capacitistas¹⁹.

Tomando esta perspectiva queer e disca, venho propor que redefinamos o conceito de “dar tudo”, porque todos damos o que podemos e isso é nosso “dar tudo”. É tão fácil. Quando somos queer e crip visíveis esperam que estejamos sempre defendendo essas lutas com unhas e dentes, venho dizer que não precisa ser assim, somos seres desgastados por existir em um mundo que não nos consideram e nem sempre temos que andar corrigindo tudo, porque se fosse assim, estaríamos fazendo isso o dia todo, principalmente com a violência capacitista, que é ainda mais invisível.

Essa visão que defendo muitas vezes conflita com minha vocação pedagógica, em parte é aí que devem entrar os chamados “aliados”, não ficar calados e dizer quando as pessoas estão caindo na violência queer e crip, além do fato de que distingo-me dessas ideias relacionadas ao que é aliado de uma luta política que “não lhe pertence”, e com ela, da ideia de sujeito político, mas não é relevante agora.

Desde su estado marginal, las “discapacidades severas” y los sujetos queer se posicionan para volver a entrar en los márgenes y señalar las insuficiencias de los supuestos heterossexuales y capacitistas²⁰.

Tomando esta perspectiva marica y disca, vengo a proponer que resignifiquemos el concepto de “darlo todo”, pues todes brindamos lo que podemos y ese es nuestro *darlo todo*. Es así de simple. Cuando somos personas queer y crip visibles esperan que estemos siempre defendiendo esas luchas a capa y espada, vengo a decir que no tiene por qué ser así, somos seres que pasan desgastados por existir en un mundo que no nos considera y no siempre tenemos que andar corrigiendo todo, porque si fuera el caso, estaríamos todo el día haciéndolo, sobre todo con la violencia capacitista, que está aún más invisibilizada. Esta visión que defiendo muchas veces se conflictúa con mi vocación pedagógica, en parte ahí es donde tienen que entrar les llamades “aliades”, a no quedarse callades y decir cuando las personas están cayendo en violencias queer y crip, más allá de que difiero de estas ideas relacionadas a lo que es una aliade de una lucha política que “no le pertenece”, y con ello, de la idea de sujetx políticx, pero eso ahora no va al caso.

¹⁹ Tradução própria do texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers. O texto de Mc Ruer referenciado é “Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability”.

²⁰ Traducción propia del texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers. El texto de Mc Ruer referenciado es “Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability”.



No semestre passado eu tive que fazer um estágio em uma escola, na primeira aula que eu tive com um 6º de ensino fundamental, minha presença transmasculina gerou mais comoção do que na 5º onde eu costumava fazer aulas, com as quais minha identidade nunca foi questionada e eles foram corrigidos entre eles quando estavam errados e me trataram em feminino. Bom, nesse outro curso eu tive que ficar sozinho o dia todo porque o professor teve que sair da sala para resolver algumas coisas. Depois de me apresentar, uma aluna se aproximou de mim para me dizer que um grupo de crianças que estava sentado no final estava falando sobre como eles “não concordavam” com a forma como eu me apresentava e que eu era mulher e aquelas falas típicas. Nesse ponto, eu tinha duas opções; ou continue com a aula ignorando a situação ou resolva-a. Resolvi falar sobre isso, perguntando para a turma em geral como eles me viam e passamos a hora inteira conversando sobre isso. Uma situação semelhante aconteceu comigo com crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola rural onde “acreditaram em mim” ainda menos, onde eu simplesmente decidi reafirmar que eu era tio e não tia, e não me aprofundi mais porque eu não tinha energia para mais. E esse é o ponto, também é válido não dizer nada e continuar com a nossa existência. Não devemos explicações a

El semestre pasado me tocó hacer una práctica en una escuela, en la primera clase que me tocó con un sexto básico mi presencia transmasculina generó más conmoción que en el quinto básico donde usualmente hacía clases, con el cual nunca se cuestionó mi identidad y se corregían entre ellos cuando se equivocaban y me trataban en femenino. Bueno, en este otro curso me tocó estar solo toda la jornada porque la profesora tuvo que salir de la sala a resolver unas cosas. Al rato de presentarme, una estudiante se me acercó a decirme que un grupo de niños que estaban sentados al final estaban hablando sobre que “no estaban de acuerdo” con cómo me presentaba y que yo era mujer y esos típicos discursos. En ese momento, tenía dos opciones; o seguía con la clase ignorando la situación, o lo abordaba. Decidí hablar al respecto, preguntándole al curso en general sobre cómo me percibían y estuvimos toda la hora conversando al respecto. Me pasó una situación similar con niños de primer ciclo de básica en una escuela rural donde “me creían” aún menos, donde decidí simplemente reafirmar que yo era tío y no tía, y no ahondé más porque no tenía energías para más. Y ese es el punto, es también válido no decir nada y seguir con nuestra existencia. No le debemos explicaciones a



ninguém, nem aos nossos alunos. Por mais que seja ideal poder educar sobre isso. Mas não escolhemos ser queers e discas, as estruturas de poder nos incapacitaram e nos chamaram de degenerados. Não temos a obrigação moral de pregar sobre teoria queer e crip toda vez que ouvimos algo errado, e não temos que nos sentir culpados por não querer justificar nossa existência. Claro que vamos querer fazer, mas tudo no nosso ritmo, nada mais. Temos o direito à mediocridade, de não sermos nem militantes nem professores exemplares. Esse ideal é um conceito neoliberal.

Não sei se este será um chamado para não ceder à culpa, ou tentar voltar aos nossos grupos de afinidade e cuidado. Mas quero te dizer que sempre podemos tentar de novo. Vamos gerir nos espaços culturais e educativos que já existem e criar outros quando quisermos e pudermos, nada mais. Geraremos instâncias de resistência dentro de nossas possibilidades. Vamos voltar juntos. Criamos coletividades discas e marikas onde elas não existem, mesmo na virtualidade, instância que gera desconfiança em tantos anarquistas, injuriando os chamados “ciber-militantes”.

Vamos resistir em todas as trincheiras que pudermos. Que a escola não nos absorva. Muitos de nós terão que ficar lá pelo

nadie, incluso a nuestros estudiantes. Por más que sea ideal poder educar al respecto. Pero no elegimos ser marikas y discas, las estructuras de poder nos discapacitaron y nos llamaron degenerados. No tenemos la obligación moral de andar predicando sobre teoría queer y crip cada vez que escuchamos alguna cosa errónea, y no tenemos que sentirnos culpables por no querer justificar nuestra existencia. Claro que vamos a querer hacerlo, pero todo a nuestro ritmo, nada más. Tenemos derecho a la mediocridad, a no ser ni militantes ni profesores ejemplares. Ese ideal es un concepto neoliberal.

No sé si este será un llamado a no dejarnos caer ante la culpa, o intentar volver a nuestros grupos de afinidades y de cuidado. Pero quiero decirte que siempre podemos volver a intentarlo. Apañemos en los espacios culturales y de educación que ya existen y creemos otros cuando queramos y podamos, nada más. Generemos instancias de resistencia dentro de nuestras posibilidades. Volvamos a juntarnos. Creemos colectividades discas y marikas en donde no existan, incluso dentro de la virtualidad, instancia que a tanto anarquista le genera recelo, denostando a les llamades “cibermilitantes”.

Resistamos en cada trinchera que podamos. Que el colegio no nos absorba. Muchas tendremos que seguir ahí dentro al



menos por um tempo, mas vamos criar espaços de solidariedade e apoio mútuo que mantenham nossos ideais na superfície. Nossas ações não precisam ser ininterruptas ao longo do tempo ou ter sempre a mesma intensidade. Acima de tudo, temos que nos acompanhar e gerar instâncias de cuidado, entendendo que todes damos o que podemos, independentemente de como isso é demonstrado quantitativamente. Abracemos verdadeiramente os ideais libertários com uma perspectiva queer e disca, deixando de lado a máquina neoliberal e punitiva que nos come de culpa por não sermos o militante ideal, e ao mesmo tempo purguemos o movimento anarquista dessas ideias, que abundam. Como alguns educadores anarquistas anglo-saxões colocaram:

Adoramos ensinar e aprender com amor. O amor enche nossas práticas de anarquia. E escrever esta peça em particular foi feito com amor: um para o outro ensinar e aprender, para a vida. Que todos nós possamos encontrar maneiras de decretar a anarquia e criar utopias temporárias de amor, aprendizado e ensino agora, enquanto nos movemos em direção a um futuro onde essas criações podem durar. E enquanto fazemos isso, podemos nos apaixonar pela vida, de novo e de novo e de novo²¹.

Por fim, recomendo a leitura do texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers que reflete e critica

²¹ *Amando-Enseñando: Notas para una pedagogía anarquista queer*. Jamie Heckert, Deric Michael Shannon, Abbey Willis.

menos por un tiempo, pero acudamos y creemos espacios de solidaridad y apoyo mutuo que mantengan nuestros ideales a flor de piel. Nuestro accionar no tiene por qué estar ininterrumpido en el tiempo ni siempre poseer la misma intensidad. Sobre todo, tenemos que acompañarnos y generar instancias de cuidado, entendiendo que todes damos lo que podemos, independiente de cómo esto se demuestre cuantitativamente. Abracemos de verdad los ideales libertarios desde una perspectiva queer y disca, dejando de lado la máquina neoliberal y punitiva que nos carcome con culpa por no ser el militante ideal, y a la vez depuremos al movimiento anarquista de estas ideas, las que abundan. Como dijeron unos educadores anarquistas anglosajones:

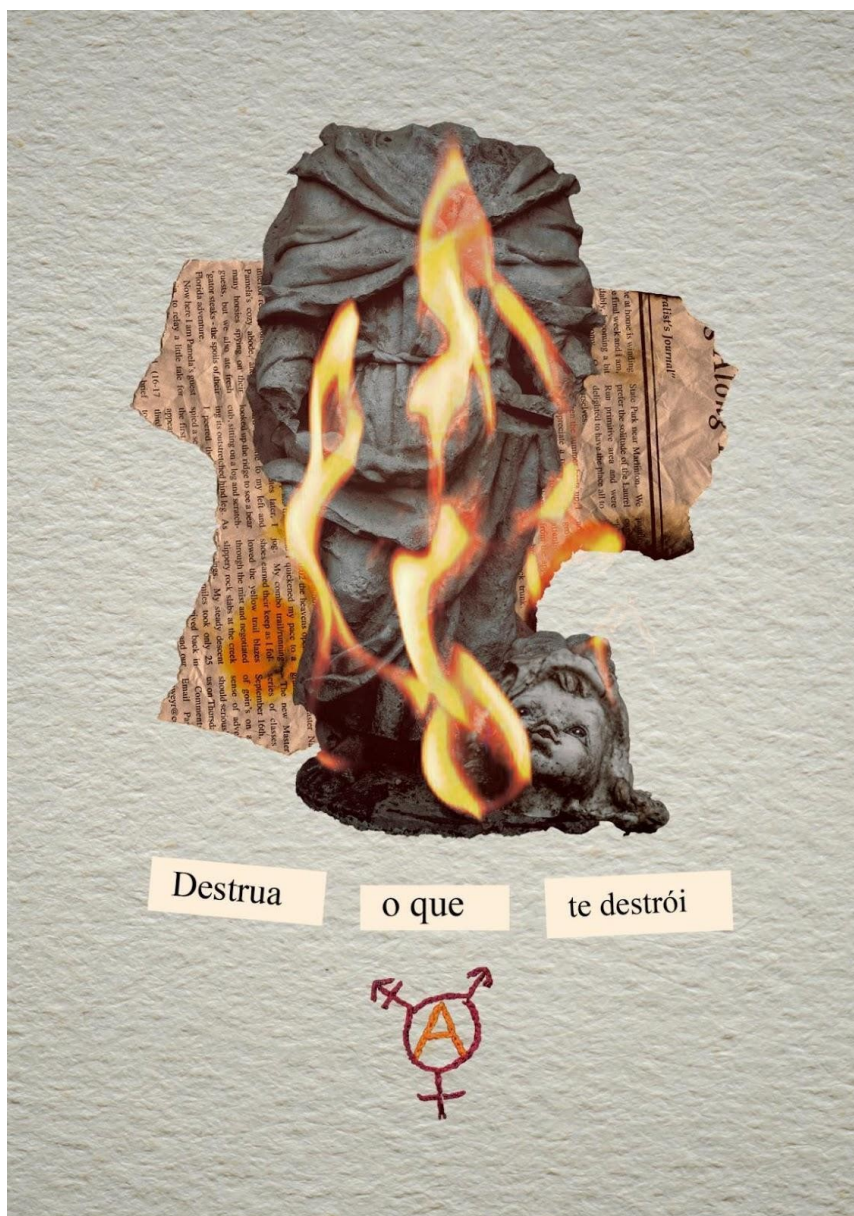
Amamos enseñar y aprender con amor. El amor llena nuestras prácticas de anarquía. Y escribir esta pieza en particular se ha hecho con amor: el uno para el otro para enseñar y aprender, para la vida. Que todos podamos encontrar formas de representar la anarquía y crear utopías temporales de amor, aprendizaje y enseñanza ahora, incluso mientras avanzamos hacia un futuro donde esas creaciones puedan durar. Y mientras lo hacemos, que nos enamoremos de la vida, una y otra y otra vez²².

Por último, recomiendo muchísimo leer el texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers, que reflexiona y critica

²² *Amando-Enseñando: Notas para una pedagogía anarquista queer*. Jamie Heckert, Deric Michael Shannon, Abbey Willis.

as dinâmicas do movimento anarquista a partir de uma posição queer e crip. estou trabalhando em uma tradução em espanhol que provavelmente publicarei no fanzine Bugambilia de @colectivabrotar, e farei o possível para traduzi-lo em português para meus amigos de língua portuguesa.

las dinámicas del movimiento anarquista desde una posición queer y crip. Estoy trabajando en una traducción al español que probablemente publicaré en el fanzine Bugambilia de @colectivabrotar, y haré lo posible para traducirlo al portugués para mis amigos de habla portuguesa.





QUEM TEM MEDO DA TRANSFIGURAÇÃO

gau

2022

acrílica, posca, nankin & pastel oleoso sobre tela 70x90cm

a pintura traz como tema central as problemáticas de gênero que experiencio, com foco na transfiguração e seus possíveis sentidos. para isso, faço uso de três referências de leitura: a queda do céu, de davi kopenawa, passes mágicos, de carlos castañeda e a sabedoria de don juan; e grande sertão veredas, de joão guimarães rosa. a transfiguração é pensada como a capacidade de tornar-se outro e esse ato como ferramenta clínica de cuidado. na narrativa de grande sertão veredas, guimarães rosa fala dos constantes reencontros com o diabo, o cramunhão, o coisa-ruim - em toda a sua infinitude nominal - e atesta que para falar dele, tornou-se ele, inevitavelmente. e penso que para celebrar a minha existência trans, é preciso acolher isso que é da ordem do marginal, da negação, do fora-excluído.

na base da pintura, reproduzo movimentos crescentes de liberação e ativação do corpo, fazendo alusão à descoberta de um corpo trans que festeja e descobre novas cartografias possíveis na margem. busco, para além do sofrimento experienciado individual e socialmente, relembrar que há possibilidade de vida criativa quando se rompe com as expectativas de um corpo cis-normativo. mesclando línguas, brinco com o sentido da palavra “estranhar” - corpo estranho, de matheusa -, uma ambiguidade de medo e euforia de tornar-me estranhe para mim, para o mundo e extrañar, do espanhol, saudade.

no centro, há um rosto múltiplo, marcado por escrituras figurativas e simbólicas, de alguém que por vezes não se reconhece mas que anseia por uma imersão nessa vivência descodificada. no canto superior direito, há uma representação de cirurgias plásticas não só aceitas como também estimuladas socialmente - colocação de silicone por mulheres cis, preenchimento labial, lipo lad HD - enquanto a mastectomia masculinizadora é tida como agressão, autoflagelação, e negada à população transmasculina, escancarando os parâmetros médicos transfóbicos.



TRANSFORMAR

MOMENTO
A
TRANSFORMAR
ALÉM DE EU
HÁ UM PERÍODO
IMINENTE EM QUE
OUTRO QUE SEJA
POSSÍVEL DE SE
OUTRO QUE SEJA
AMANHÃ. E
QUE SEJA
DOE OBA FILM
ON DESTRUÍDO (CINEMA)
POSSÍVEL DE SE
QUE SEJA
M. VIM
MI NUNCA
CENTRO
SUNDA

EU TROPICANA
CASCADA
CÉLULOSE

CAMINHO

KUNDALINI
LI EN CIMO

ONDE A PASSO PARA ATIVAR
O CORPO

XXX
SABE DORIS
DE DON JUAN



ATAÍO 1 - AFRICA STRANGER B.M. AFRICA - FORMAR-ME. EX-TRAÍO. ENTANTO. AFRICA - MÚSICA DE ENTROPIA - DELOME



TEMPORAL

Sareh Almeida da Silva

“Tic tac”

“Tic tac”

Bate o tempo cronológico
Aquele que corre sem olhar pra trás
E jamais para
Ou espera.

“Tic tac”

“Tic tac”

Bate o tempo cronológico
E nele minha vida corre no descompasso

“Tic tac”

“Tic tac”

Será que consigo alcançá-lo?

As horas passam e preciso trabalhar
Acordo cedo, durmo tarde. Mal dá pra descansar.
É que a vida tá precária
Corro, corro, corro, sem ter como parar.

Ainda me vejo atrasado.
Me sinto sempre atrasado.
Atrasado pra quê?
Por quê?

“Tic tac”

“Tic tac”



A noite já caiu

Mas agora estou aqui! (dentro de mim)

Toda uma infância e adolescência tentando caber

Seguindo caminhos

Que fui andando sem saber

Pra onde ia

Não que hoje eu saiba

Mas é que sempre alguém me distraía

De mim

Me suspendiam

Através das ocupações que o tempo trás

Como se de alguma forma eu não pudesse estar aqui,

Comigo

Brincadeiras que não pude brincar

Cores que não pude usar

Roupas que precisei adaptar

Pra chegar o mais próximo de onde queria.

Namorados que me tentaram arranjar

Profissões que me encorajaram a buscar

Sempre distante do que eu realmente gostaria.

Sinto que a cada “tic tac” fora,

Armava-se uma bomba relógio dentro.

E uma hora...

B U M!

“Ninguém entendeu nada” “Olhares como se eu tivesse enlouquecido”



Ninguém entendeu nada, ou se fizeram de desentendido?

Sinceramente,

Não me interessa saber

Porque agora corro atrás do tempo pra colar pedaços

Montar quebra cabeças.

Afinal, são 20 e poucos anos de atraso,

Acreditando que tinha algo de errado

Comigo.

Será que consigo alcançar o tempo?

Será que estou mesmo atrasado?

Vivendo a vida adulta

Experimentando um corpo adolescente

E sentindo como se estivesse na menopausa

Vivendo o presente

Remontando o passado

Fabricando o futuro

E no meio disso tudo isso luto

Como sentimento de alguém que se vai

Como ação de alguém que se constrói

Corro atrás do tempo porque sinto que o fim chega breve (eu estou muito cansado)

Caminho através do tempo porque quero viver tudo que antes não pude (eu tenho muita pressa)

Mas danço com o tempo porque viver os desejos é o caminho mais prazeroso (eu sinto que estou me curando)

E enquanto o tempo se esgota, a violência chega e a morte me atravessa,

Eu me vingando seguindo vivo.



SER TRANSGÊNERO, LIBERDADE E COMPREENSÃO AOS 40 ANOS

Axel

Um picolé de brinquedo em material plástico. Era este o artefato que eu, menino, usava para fingir de órgão genital, mais popularmente conhecido como "pau". A brincadeira vendida pelos fabricantes do picolé era esguichar água (até hoje não compreendo bem a relação disso - picolé/jato de água). Desse modo, tinha-se um produto plástico no formato de um picolé mordido, com um buraco maior na base para entrar água e um furinho menor na ponta, para sair água. Ou seja, quando o tal picolé estava cheio de água, bastava apertar no centro para que um fraco, porém, atrevido jato de água fosse lançado para fora. Não lembro em que situação ganhei esse brinquedo, talvez em alguma barraquinha de pescaria em festa junina. Mas, lembro bem o uso que fazia dele. Enchia o picolé de água na pia do banheiro, levantava a tampa da privada, colocava o brinquedo na altura da minha genitália e... mandava bala na mijada. Xixi que não era xixi, evidentemente. Mas, era como eu gostaria que fosse. Portanto, ali estava o pequeno eu, diante de uma privada fingindo ter um pau e mijar de pé, assim como o meu pai, como os outros homens com os quais eu me identificava.

Do banheiro, outras contundentes lembranças de infância. Era lá que eu também fingia fazer a barba, com o pincel de barbear de cabo vermelho do meu avô, com a gilete do meu pai e a sua loção pós-barba. Da loção, só ficava a fantasia de usar, porque se eu passasse, sentiriam o cheiro, claro. E aquilo não era coisa pra criança (ou menina?), diriam.

E seguiu-se uma infância meio feliz, meio triste. Jogando bola na rua, sem camisa; brincando de carrinho, boneco do Rambo e de luta com os coleguinhas. Tudo que era de moleque, eu gostava, com exceção de soltar pipa, que nunca fui muito chegado. Mas, no futebol dava nó nas pernas dos garotos. Bolinha de gude, carrinho de rolimã e todo tipo de "pique" era certo nas minhas tardes. Adorava subir e escalar muros, dar saltos, criar desafios aventureiros. Sem querer perceber que eu era "diferente" deles, ia sendo feliz. Até que a realidade bate no seu ombro. Mamãe diz que menina não deve andar sem camisa, que já não posso ficar jogando bola na rua com os garotos com a mesma liberdade, que já estou uma mocinha e os meninos são danados. Aquela mesma realidade que me impediu de me fantasiar de bate-bola, de usar kichute, de me vestir de cowboy, agora aparecia mais austera. "Você é diferente deles" era o que o mundo me dizia. E eu aceitei.



Eu nasci em 1982, a minha adolescência se deu nos anos 90. Não havia nem uma centelha de notícia sobre homem transgênero. Mesmo sobre homossexualidade, a informação (não pejorativa e não estereotipada) era ínfima. E como não sabemos falar sobre o que não é exposto ou nomeado, não falamos. Sendo assim, cumpri (ou tentei) o rito da adolescente comum. Parei de andar sem camisa, deixei de jogar bola na rua, tive até namorado, embora sempre com a certeza de que não queria casar, engravidar e todo aquele pacote cis-heteronormativo que empurram para as “mulheres”. Não posso dizer que fui martirizado, mas também não fui feliz. Nunca era o meu lugar, nunca era especial, faltava algo, mas eu não sabia o que faltava.

Correndo em paralelo, durante infância e adolescência, eu me via com um sentimento diferente diante de algumas meninas ou mulheres. Um negocinho, uma coisa. Algo que, ao mesmo tempo, me deixava nervoso ou abobado e era gostoso. Demorou, mas depois de transar com a primeira menina, assumi-me lésbica, lá pelos meus 19/20 anos. Então, vieram as festas LGBTs, as noites. E veio um namoro sério e dele, um casamento. Vivi o que é ser um casal de lésbicas. E aprendi muito com isso, mas não o suficiente para enxergar ou admitir o que eu precisava. Tanto que, vieram outras relações e eu continuei de olhos fechados.

Entretanto, alguém já disse que aquilo que tentamos reprimir, alguma hora estoura e bem mais forte. Eu tive muitos sinais sobre aquilo que eu sou ou como sinto o mundo, sobre o meu lugar em uma relação amorosa/sexual, mas eu estava de mãos atadas.

Quando você é criança ou adolescente na época em que eu fui e você percebe que gostaria muito de ter nascido com o gênero com o qual não nasceu, nada te resta a não ser duas saídas: ou você vive uma vida extremamente infeliz, depressiva e com risco de pôr fim à sua existência ou você se esforça para "aceitar" como você nasceu e fazer o melhor possível com isso. E é tanto esforço para se "enquadrar" que você acaba mesmo se enquadrando. Fica de tal maneira preso nas amarras que você teceu, que parece que não vai sair. Eu encontrei um lugar de conforto sendo lésbica, algo que, de certa maneira, permitia que eu não precisasse arcar com todas aquelas imposições "feminilizantes", social ou fisicamente. Mas, eu não me identificava, no fundo. Eu não tinha o orgulho de ser uma mulher lésbica. Simplesmente porque para ser lésbica, você tem que se sentir, se ver, se identificar com ser mulher, uma mulher que ama outras mulheres. E, eu finalmente, pude admitir pra mim mesmo, com 39 anos, aquilo que o menino de 9 anos sempre soube: eu nunca fui uma mulher.

Eu preciso agradecer a todas as gerações que vieram depois de mim, a uma molecada que me ensina muito, que tem coragem, que é forte. Ser homem transgênero, mulher transgênero, pessoa transmasculina, transfeminina ou não binário é extremamente difícil nesse



país. A luta de cada um importa muito. Hoje, se a ciência me permite fazer, aos 40 anos, algo que era inimaginável aos 20, é graças à luta diária, política e social de cada um de vocês. Eu escrevo este texto no dia 12 de setembro de 2022, no dia 10 de setembro, eu passei a minha primeira dose de Androgel (testosterona). Não tenho pressa de nada, não tenho objetivo de chegar a lugar nenhum. Só de aproveitar o processo e me sentir mais livre a cada dia.



"VOCÊ É O MEU DEUS": A AUSÊNCIA DE MEMÓRIA ESCRITA DE UM HOMEM TRANS SOVIÉTICO

*Blue Mariro*²³

“O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente”.
(Gênesis 2:7)

RESUMO: A invisibilização histórica das trajetórias transmasculinas é cis-tematicamente propagada nos veículos midiáticos, varridas para debaixo do tapete do cissexismo. Em uma tentativa de silenciamento de expressões que vão contra as normas socialmente aceitas de gênero. Um homem trans soviético viveu até os seus 70 anos experienciando a sua identidade de gênero fora do cis-tema. Para o ocidente a sua existência e o relato sobre a sua vida foram contados apenas através das lentes da medicina. Este trabalho tem como objetivo analisar criticamente a entrevista concedida pelo médico soviético letão Dr. Viktors Kalnbērzs ao portal russo Meduza em 2018. Desenvolvendo um diálogo entre a Teologia Queer e o discurso religioso presente na entrevista. Discutindo a potencialidade deste conteúdo, relacionando com os temas que permeiam as vivências transmasculinas, a Teologia Queer, construindo uma ponte entre o dito e o não dito.

Palavras-chave: URSS. Transmasculinidades. Identidade de gênero. Teologia Queer. Religião.

INTRODUÇÃO

A ciência define o silêncio com a ausência total, relativa ou parcial de som, e/ou dos sons audíveis. O silêncio faz parte da construção da natureza humana. As placas de aviso nas bibliotecas, nos hospitais, em outras estruturas públicas e privadas. O direito ao silêncio é garantido no inciso LXIII do artigo 5º da Constituição Federal de 1988. Foi traduzido cinematograficamente como “Você tem o direito de permanecer calado”, estando presente no “calasse para sempre” nas celebrações de casamento.

Desta forma, uma pessoa ao ser confrontada sobre um determinado tema pode optar ou não em discorrer sobre o assunto. Experienciando os sentimentos de inquietude, do medo, da euforia ou em alguns casos ele ocorre pela ausência de escolha, pela proibição, invisibilidade, opressão, etc. Neste último caso a ação é denominada como silenciamento.

Conforme Albert Einstein “não são as respostas que movem o mundo, são as perguntas”. E foi fazendo uma pergunta que essa pesquisa começou. Afinal, há relatos

²³ É nordestino-nômade, habitante de um lar sem muros. Licenciado (2016) e Mestre (2019) em Geografia pela UFG. Graduando do curso de Ciências da Religião e Teologia pela UNINTER. Atua como escritor e pesquisador independente de religião, promovendo formações, cursos e palestras através da iniciativa "Cosmogonia Transviada" e desde 2022 assumiu o cargo de professor de Geografia e Ensino Religioso na Rede Pública Estadual do RS. Contato: b.cienciasdareligiao@outlook.com



documentados de transmasculinidades na União soviética? A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi a documental. O primeiro desafio enfrentado foi o idioma, a maioria dos documentos estavam em letão, russo e inglês. Além disso, a invisibilização histórica e o silenciamento cis-temático das trajetórias transmasculinas se fez presente durante o levantamento.

Portanto este trabalho tem como objetivo analisar criticamente a entrevista concedida em 2018 ao portal Buzz Feed News e ao site russo Meduza pelo médico Dr. Viktors Kalnbērzs a respeito da primeira operação de redesignação sexual/afirmação de gênero realizada em um corpo designado feminino (AFAB) ocorrida na década de 70, no então, território da antiga união soviética.

ELA QUER VIRAR UM HOMEM

O título da sessão foi proferido pelo médico Demikhov ao Dr. Viktors Kalnbērzs no final dos anos 60. Mas poderia ser considerada uma das frases mais recorrentes, violentas e atuais dirigidas as pessoas transmasculinas. O “virar homem” mas sem antes disso afirmar que você não é “masculino suficiente” e sim “uma mulher que quer ser homem”. A identidade de gênero no imaginário do senso comum cisgênero é considerada uma escolha, e a mudança desse pensamento não avançou quase nada desde então.

Segundo Hearne (2022, p.4), “Em 1972, o cirurgião letão Dr. Viktors Kalnbērzs realizou a primeira cirurgia de redesignação de gênero bem-sucedida na URSS, embora isso não tenha sido divulgado na mídia soviética na época”. O Dr. Viktors Kalnbērzs foi uma referência durante toda a sua carreira na cirurgia plástica/reparadora ocasionada por conflitos bélicos, atuando nas principais linhas de frente, incluindo Afeganistão.

Mas quem era afinal essa pessoa trans? A narrativa de vida deste indivíduo-paciente foi sendo desenvolvida através dos olhos do médico. Distanciando-se totalmente do discurso de “nada será sobre nós, sem nós”. Aos poucos durante a leitura e análise crítica da reportagem foi traçado o perfil daquele que seria conhecido como o primeiro homem trans operado da URSS.

De acordo com Turovsky (2018), ao aceitar o desafio de realizar a cirurgia, o Dr. Viktors Kalnbērzs não arriscou apenas a sua carreira, mas também a sua rede de contatos profissionais.

Dr. Kalnbērzs descreveu a pessoa que ele conheceu como uma "morena vivaz com feições caracteristicamente femininas". Innokenty tinha apenas 30 anos e trabalhava como diretora de um instituto de pesquisa e desenvolvimento de Moscou."Eu sei que você vai tentar me convencer a não fazer isso, mas poupe o esforço", Innokenty disse



a ele. "Tenho certeza de que a natureza cometeu um erro e que você pode consertá-lo." (TUROVSKY, D. 2018, p.1).

Ao mesmo tempo em que durante a entrevista é exaltada a coragem-pioneirismo do médico em realizar a cirurgia, em nenhum momento é considerada a determinação de Innokenty em assumir/lutar pela sua identidade de gênero. Não há referências de como, por qual motivo ou de que forma Innokenty optou por ir até o médico. Mas no processo pelo pouco que se extrai da narrativa do médico, o paciente já tinha tentado terapias que hoje são nomeadas genericamente como “cura gay/cura LGBT” a depender da leitura/viés utilizado, entre elas, Innokenty realizou a hipnose.

As décadas de 60 e 70 estavam passando por um fervilhamento de possibilidades, as discussões de sexualidade e gênero tinham sido iniciadas, mas ao mesmo tempo, o pioneirismo acarretava a solidão. Não havia para Innokenty um espaço seguro, referências, pares. A descoberta sobre sua transição de gênero poderia ser punida tanto judicialmente como socialmente.

Havia outra questão a ser analisada na vivência de Innokenty, a sua geo-localização. Ele era um engenheiro que atuava para a URSS, e tinha toda a sua vida pautada no socialismo. Sendo assim, as suas ações individuais eram totalmente influenciadas pela coletividade. Por isso, é relatado pelo Dr. Viktors Kalnbērzs que ocorreu uma autorização verbal pelo governo da República socialista Soviética da Letônia, mas o médico foi proibido de comentar publicamente sobre o tema até a dissolução da URSS.

O discurso de que nenhum argumento utilizado pelo médico iria fazer com que Innokenty mudasse de ideia sobre a sua transição de gênero, associando a sua condição a um erro, um equívoco da natureza, é uma narrativa presente em determinados relatos de pessoas transmasculinas que viveram neste período. Mas não é uma regra universal, as discussões atuais, já englobam que a transgeneridade não é um erro da natureza, não se nasce em um corpo errado, é uma condição, que faz parte da diversidade humana.

Quando Innokenty deu entrada no hospital, Dr. Kalnbērzs reuniu um grupo de cirurgiões e psiquiatras para decidir o que fazer. A conversa foi pautada pelo que se pensava na época. Um deles disse que hipnose não funcionaria no caso de Innokenty, e que a única opção para que ela fosse feliz seria a cirurgia de mudança de sexo. Outro disse que, se Dr. Kalnbērzs não realizasse a cirurgia, Innokenty possivelmente tentaria cometer suicídio. Ninguém do grupo foi contra. O ministro da saúde da Letônia, de quem o médico era amigo, deu permissão verbal para que a operação fosse feita (TUROVSKY, D. 2018, p.1).

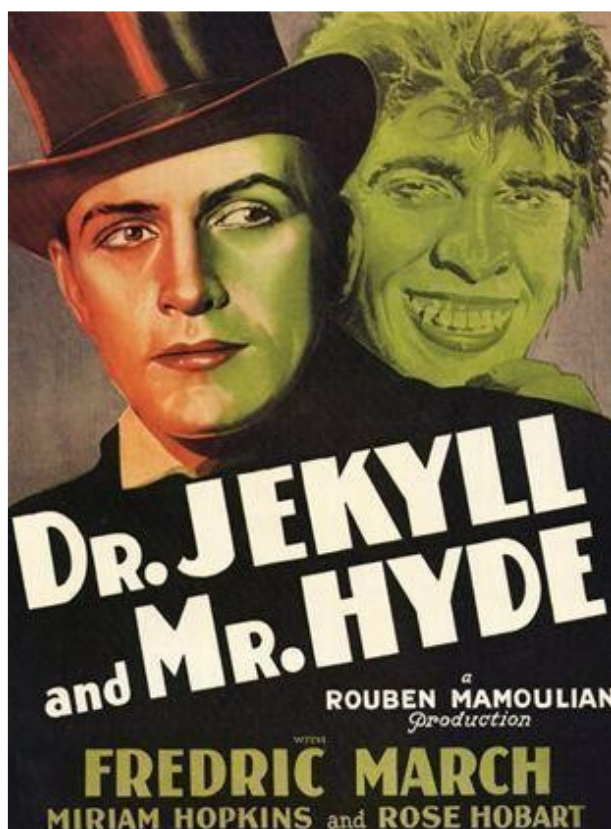
Na atualidade as pessoas transmasculinas ao redor do mundo ainda tem os seus direitos cerceados, a sua existência negada, uma parcela significativa sucumbi ao suicídio. O termo utilizado pela comunidade é “suicidado”, ou seja, a pessoa trans por diversos fatores é levada

a cometer o suicídio, entre eles o desprezo da família, a falta de condições de sub-existência, a discriminação, etc. Quem foi contra as estatísticas e conseguiu envelhecer, sobrevivendo a transfobia e a violência estrutural contra seus corpos carregou por décadas em silêncio a sua condição, vivendo as suas identidades de gênero de uma forma clandestina.

DESAFIANDO A NATUREZA, DESAFIANDO DEUS

De acordo com Phillip Ball (2010), a frase “brincar de Deus é um clichê perigoso e sem sentido”, frequentemente utilizado no jornalismo declaratório, sem viés teológico, meramente secular e especulativo, com o intuito de perseguir cientistas. Historicamente associado a obra cinematográfica “O médico e o monstro” (imagem 1) lançado em 1932.

Imagem 1 – Pôster do filme O médico e o monstro (1932)



Conforme Souza (2009, p. 119), “O plano de Deus é que o homem viva e seu destino seja de acordo com os desígnios do Criador, eis a razão porque foi criado à imagem e semelhança”. Em um campo que a bioética ainda engatinhava, permeado pelas dúvidas e ausência de referências, que Dr. Viktors Kalnbērzs questionou a sua decisão em realizar a cirurgia de redesignação/afirmação de gênero.

Na época, Dr. Kalnbērzs achava que jamais entenderia por que alguém gostaria de mudar de sexo, e lembra de ter se perguntado se "a ira de Deus cairia sobre ele" por realizar a cirurgia. "Eu estava em conflito", afirmou, 40 anos após o fato. Ele se preocupou com o que a mãe do paciente pensaria. "Eu estava com medo de estar desafiando a natureza, desafiando Deus". (TUROVSKY, D. 2018, p.1)

Na bíblia, Gênesis é o livro que relata a origem do céus e da terra, da criação dos seres vivos e da humanidade. Em gen. (1,26-27) e gen. (2,7) é possível saber as inspirações de Deus a respeito da criação do homem. Conforme Souza (2009, p.123) "Para Filo de Alexandria, o homem é uma inteligência que deve ser diferenciada entre o feito e o plasmado", ou seja para Filo existe o homem moldado do barro e o homem que recebe o sopro divino.

Innokenty escreveu em uma de suas cartas para o médico sobre as suas primeiras impressões após as cirurgias. Dr. Viktors Kalnbērzs era a única pessoa na qual ele poderia neste momento compartilhar a sua existência. Uma relação de confidencialidade médica que durou mais de quarenta anos.

Nesta relação intrínseca entre a imagética do "criador" e a "criatura", tão bem representada por Michelangelo no quadro A criação de Adão (imagem 2). Innokenty afirmou "Até o fim da minha vida, vou considerar você o meu Deus".

Imagem 2 – A criação de Adão (1508-1512). A autoria de Michelangelo



Estou apenas vivendo minha vida e trabalhando como qualquer outra pessoa. Ao mesmo tempo, não é tão simples assim. Outras pessoas vivem sob regras que pregam que a vida é uma corrida atrás do sucesso. Para mim, essa corrida não existe mais. Eu olho para a vida e valorizo as coisas que provavelmente apenas pessoas mais velhas valorizam: a própria vida. A batalha interna entre os dois eus que brigavam dentro de mim me afastava do mundo. Até o fim da minha vida, vou considerar você o meu Deus (TUROVSKY, D. 2018, p.1).

Se Deus moldou o homem a partir do barro, fornecendo o sopro divino, e pôs fim a vida (Gen. 2:7). Dr. Viktors Kalnbērzs através das cirurgias e hormonização, construiu um novo corpo para Innokenty, possibilitando assim que o mesmo, nasce-se, a transição de gênero



literalmente deu à luz a Innokenty. Aproximando-se do mito bíblico da criação, ele que renegou Eva, retornou a sua condição inicial e desejada de Adão.

Conforme relatado na entrevista, o veículo Meduza tentou sem sucesso localizar/contatar Innokenty. Toda a narrativa presente na reportagem foi escrita através do relato do médico letão/soviético, Dr. Viktors Kalnbērzs faleceu no ano de 2021, sem revelar a identidade/paradeiro de Innokenty, sem nem mesmo ter certeza se o seu antigo paciente ainda estava vivo.

A TEOLOGIA E O DISCURSO SOBRE AS PESSOAS TRANS

Na narrativa dos discursos fundamentalistas religiosos contra pessoas trans e travestis, uma das questões mais debatidas é a de como pessoas trans compreendem o seu corpo, acusando-as de ir contra a sua “verdadeira” natureza, esta criada por Deus, em que as mudanças realizadas sobre o corpo (hormonização, cirurgias, vestimenta), e também, a forma pela qual pessoas trans vivenciam a sua identidade de gênero (pronome) e sexualidade são descritas como “antinaturais” e, por consequência, anticristãs.

Para Althaus-Reid (2019, p.57), “é preciso encontrar Deus nos becos escuros”. Para a autora, este exercício teológico é desenvolvido a partir de um corpo libertino, em que corpos dissidentes tornam-se protagonistas de suas narrativas, construindo uma perspectiva teológica Queer.

Conforme Althaus-Reid (2019, p.46),

Na literatura queer há uma evocação libertina em si mesma, uma evocação da condição queer (e da vocação) da *libertinaje*. *Libertinaje* é um termo em espanhol para a condição de um ser libertino, mas também, em linguagem comum, “além da liberdade”, ou de tirar proveito da liberdade para cometer atos ilícitos, o que também é teológico em sua memória do corpo libertino, como se feito de enigmas transcendentais e de transgressões da liberdade da carne (ALTHAUS-REID, 2019, p.46).

Na perspectiva da Teologia Queer conforme Althaus-Reid (2019) sobre o Deus Queer e o fazer teológico,

Não obstante o uso de metáforas benignas como Deus Pai, o que estamos reivindicando para o Deus Queer é o direito de Deus de sujeitar-se e de trair a representação heterossexual de Deus na história, sem a qual uma kenosis da sexualidade não pode acontecer – nem pode cristo acontecer. Estamos afirmando a bissexualidade crítica como pré-requisito para ser cristã. Estamos afirmando ainda mais, uma transgeneridade crítica, uma lesbianidade, gay, heterossexual-fora-do armário críticos, isto é, a presença queer completa, como condição para o fazer teológico (ALTHAUS-REID, 2019, p.153).



É possível a partir dos discursos presentes na entrevista perceber que mesmo sem a intenção, sem nomear ou caracterizar como sendo uma vivência transcendental Queer, Innokenty descreve a sensação de *libertinaje* descrita por Althaus-Reid (2019) após a sua transição de gênero. Ao ser reconhecido socialmente e vivenciar a sua identidade como homem, a experiência ocorreu. Innokenty ao reescrever sua trajetória apresenta uma perspectiva Queer do mito da criação do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência da memória escrita de Innokenty é aterrorizadora. Não saber a partir dele como foi a sua experiência de transição, em uma vivência soviética, em um contexto oriental no período pré globalizado, é uma perda material imensurável, que a comunidade transmasculina não tem como recuperar.

Escancara uma negligência da sociedade cissexista, que varre para debaixo do tapete da cisgeneridade outras vivências dissidentes, que permeia todas as decisões em micro ou macro esfera social. Estes corpos transmasculinos foram e continuam sendo invisibilizados. Em uma tentativa transmasculinofóbica de negar que homens trans e pessoas transmasculinas existiram. Desvalidando todos aqueles que existiram antes, sufocando-os. Este homem trans passou a vida inteira sem ter espaço, sem segurança, com medo para contar/revelar a sua própria narrativa.

A Teologia Queer parte de uma perspectiva de direcionar a fala para aquelas pessoas que são compulsoriamente silenciadas. Em um processo pelo qual a experiência religiosa é percebida a partir de uma perspectiva Queer. Innokenty infelizmente não teve essa possibilidade, mas a análise desta entrevista demonstrou todo o seu potencial transcendente.

Por fim, a temática sobre os estudos de gênero no campo da religião, da Teologia Queer e identidades transmasculinas seguem em aberto para novas produções sobre o tema. Que esta pesquisa não se esgote nesta narrativa. E que as memórias de pessoas transmasculinas sejam materializadas, promovendo a troca de saberes, potencialidades, e descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORO CINEMA. O médico e o monstro. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-108380/> Acesso em 05 de agosto de 2022.

AIDAR, Laura. A criação de Adão: Análise da obra de Michelangelo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/a-criacao-de-adao-michelangelo/> Acesso em 06 de agosto de 2022.



ALTHAUS-REID, Marcella. Deus Queer. Tradução de Fábio Martelozzo Mendes. Rio de Janeiro: Metanoia. 2019, p.256.

BALLS, Philip. Playing God is a meaningless dangerous. Prospect Magazine. 2010. Disponível em: <https://www.prospectmagazine.co.uk/science-and-technology/playing-god-is-a-meaningless-dangerous-liche> Acesso em 04 de agosto de 2022.

Bíblia Tradução Ecumênica – TEB. São Paulo, Paulinas, 1995.

POLITIZE. Inciso LXII direito ao silêncio. Disponível em: <https://www.politize.com.br/artigo-5/inciso-lxiii-direito-ao-silencio/> Acesso em 04 de agosto de 2022.

HEARNE, Siobhán. Sanitising Sex in the USSR: State Approaches to Sexual Health in the Brezhnev Era, **Europe-Asia Studies**. 2022. DOI: 10.1080/09668136.2022.2032607 Acesso em 04 de agosto de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09668136.2022.2032607>

RIGAS STRADINA UNIVERSITATE. Falecimento do professor universitário Viktors Kalnberzs. 2021. Disponível em: <https://www.rsu.lv/aktualitates/muziba-devies-akademikis-profesors-viktors-kalnberzs>. Acesso em 02 de agosto de 2022.

SOUZA, José Neivaldo de. O DESTINO DO HOMEM NO PLANO DE DEUS:

uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”. Rev.

Pistis Prax. Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 119-145, jan./jun. 2009 Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/21528-37416-1-SM.pdf> Acesso em 20 de julho de 2021.

TUROVSKY, Daniil. Este médico manteve em segredo a cirurgia de afirmação de gênero que realizou há 40 anos. **Buzz feed News**. Tradução Victor Nascimento. 2018. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/este-medico-manteve-em-segredo-a-cirurgia-de-afirmacao-de-genero-que-realizou-ha-40-anos> Acesso em 02 de agosto de 2022.

TUROVSKY, Daniil. Soviet doctor trans history. **Buzz feed News**. 2018. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/turovsky/soviet-doctor-trans-history>. Acesso em 04 de agosto de 2022.

WIKIPEDIA. Viktors Kalnbērzs. Wikipedia. Disponível: https://lv.wikipedia.org/wiki/Viktors_Kalnb%C4%93rzs. Acesso em 03 de agosto de 2022.



EU RENASCI

Nicolas Vasconcelos

Eu me pari
Pari a mim mesmo, do meu ventre
Aos pouquinhos
Cada centímetro
Da cabeça aos pés

Com ajuda na hora do parto
De pessoas que passaram
Devagar ou rápido

Renascendo fênix das cinzas
Me apoiando nas minhas feridas
E nas dos meus iguais
Nós renascemos
Todos os dias em meio ao caos

Eu ainda renasço
Em uma espiral contínua
Renascemos
Reerguemos
Mas não retrocedemos

RELATO DE EXPERIÊNCIA ENQUANTO ESCRITA DE ARTIVISTA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA VISUAL DO TRABALHO MASCULINIDADES EMBUCETADAS NO CONTEXTO DE ARTE, SUJEITO E CIDADE

Taliboy²⁴



Taliboy, *Escrita de Artivista – MASCULINIDADES EMBUCETADAS*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + transe(j)untas, Rio de Janeiro (RJ))

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este relato de experiência, intercala entre os registros de processos artísticos, da escrita de artista ou melhor *escrita de artivista* (junção de arte e ativismo), na busca por uma escrita de si que deem conta de captar as complexidades envolvidas nas experiências, assim como tem por objetivo apresentar a prática visual do trabalho *Masculinidades Embucetadas*. Desenvolvi tal projeto durante o primeiro semestre de 2022, onde me apropriei da camisa de futebol do Flamengo – maior torcida do Brasil – para apresentar os sujeitos e as principais questões que mobiliza a pesquisa do doutorado em Arte e Cultura Contemporânea do PPGARTES – UERJ na linha de Arte, sujeito e cidade. Importante dizer que este trabalho segue aberto e em experimentações diversas e, por isso, de antemão, a escolha inicial é de trabalhar na rua em diálogo com a academia, além das redes sociais para ecoar essas experiências e relatos.

Essa pesquisa se constrói no embate teórico-prático em torno das questões de subversão e reconhecimento das identidades, no “entre” a Teoria *Queer* e as políticas afirmativas

²⁴Taliboy faz parte da multidão das masculinidades embucetadas, portanto nomeia-se enquanto uma pessoa transmasculina e sapatão. É também artivista urbano, pesquisador. Mestre em Processos Criativos pelo Programa de Artes Visuais da UFBA (2021). Graduado em Comunicação Social pela UFBA (2010). Atualmente está como doutorando no programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: tali.ha.correia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2185-127X>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5262430991913073>. Rio de Janeiro, Brasil.



LGBTQIAP+ na América Latina. Assim, mobiliza os embates e disputas entre as “novas”²⁵ e velhas identidades que tocam nas questões de gênero e sexualidade, sem desconsiderar outros marcadores sociais da diferença como raça, classe, territorialidade, em corpos com vulvas e que performam masculinidades, ou no que venho chamando de *masculinidades embucetadas*, com o intuito de produzir alianças entre sujeitos que, por possuírem uma mesma genital, passam por toda uma generificação forçada para se adequar a um padrão feminino que não conseguem ou não aceitam performar em suas vidas cotidianas. Essas pessoas também sofrem diversas violências e ininteligibilidade de suas existências, assim como dificuldades de acessos básicos e invisibilidade social.

Tenho no horizonte poético a experiência com a metodologia autobiográfica que trabalhei no mestrado e também a possibilidade de deslocar o método da autoetnografia do campo das ciências sociais para a análise e desenvolvimento dessa pesquisa, contudo o próprio desenvolvimento da mesma apontará os caminhos e escolhas metodológicas futuras.

Outro apontamento que gostaria de fazer, antes de iniciar os relatos, é a implicação da *escrita de artista* enquanto prática visual, onde “pensar é fazer” e “fazer é pensar”. Isso possibilita as interligações entre os campos da estética e da ética, favorecendo chegar em lugares mais potentes de produção de conhecimento, testando os limites da experimentação, da experiência e aplicação direta na realidade, buscando alterá-la, criar ruídos e transformá-la, ao mesmo tempo em que se é também transformado por essas mesmas ações-teorias. Portanto, as imagens aqui trazidas são entendidas também como parte fundamental dessa *escrita de artista*.

Intercalarei nesta escrita, dois momentos cruciais para o desenvolvimento deste trabalho/experiência. O primeiro será nomeado como *Retorno ao campo da norma: embates estruturais na cidade originária*, que antecederam o atual estado da arte desse trabalho, inclusive territorialmente, pois aconteceu na cidade em que nasci, Vitória da Conquista (BA), para onde retornei depois de 19 anos, em razão da pandemia. O segundo momento, traz as *Experiências iniciais na Cidade Maravilhosa - #riodetranslute*, que parte desde a apropriação e experiências com as camisas do Flamengo no espaço urbano, como o relato da produção do lambe que aconteceu nas imediações do Maracanã, no bairro da Tijuca – RJ.

²⁵ “Novas” identidades de gênero enquanto reconhecimento social e diálogo com o as políticas públicas do Estado, porque na vida comum, esses indivíduos sempre resistiram (resistir e existir) posicionados em outras categorias desviantes da norma.



É importante dizer que essas escritas acontecem, no máximo, um dia após essas práticas visuais, ou seja, são relatos quase simultâneos e *in locus*, justificando a potência em revelar importantes questões do trabalho. Desse modo, essas escritas têm por finalidade além de expor as motivações iniciais, processuais ou para além do caráter documental, provocar a apreensão do poderíamos chamar de enquadramentos porosos da subjetividade. Esse conceito é baseado nos estudos e crítica de Judith Butler (2018) sobre a limitação dos enquadramentos tecnológicos numa zona em que se pretende apreender o inapreensível da experiência/manifestação enquanto verdade inquestionável. Ou seja, aqui interessa tanto o que emerge à consciência a partir dessas experiências, e também o que fica de fora, o inaudível, e o que não pode ser escrito/capturado.

Nestes escritos de artistas, diálogo também com a forma da escrita acadêmica performática, *f(r)iccional*, que deem conta de abarcar o terreno movediço das experiências artísticas proposta por Luciana Lyra (2020), conectada com as forças caóticas da vida, presente nas experiências de quem vos fala, onde na maioria das vezes, essa voz fica de fora, ou não é devidamente levado em consideração, principalmente dentro do contexto acadêmico com sua pretensa neutralidade, universalidade, que busca a todo momento esvaziar o conhecimento da experiência, assim como pressupõe ao mundo uma estabilidade que bem sabemos não existir.

Feitos essas considerações iniciais, vamos aos relatos de experiências enquanto *escrita de artista* da prática visual do trabalho *Masculinidades Embucetadas* e nada mais elucidativo do que retornar aos embates estruturais na cidade originária.

RETORNO AO CAMPO DA NORMA: EMBATES ESTRUTURAIS NA CIDADE ORIGINÁRIA

A primeira experiência aconteceu no dia 17 de novembro de 2021, em meio aos rolezinhos da *Multidão SAPATRANSBONDE*²⁶ que realizava na terra natal - Vitória da Conquista (BA), lá no final da defesa do mestrado. Por entre as inscrições do doutorado, caminhando pelos arredores da casa de minha avó, cheio de terrenos baldios e espaços em construção, lugar que hoje é ocupado por uma parte da classe média da cidade, vi no chão

²⁶Rolezinhos da *Multidão SAPATRANSBONDE* é um conjunto de ações – práticas visuais - artistas que desenvolvi durante o mestrado teórico-prático no PPGAV-EBA-UFBA (2021), em que consistia espalhar as identidades do que chamei de *Multidão SAPATRANSBONDE*, no espaço urbano da cidade.

riscado de giz branco (daquelas pedras de cal) desenhos infantis, aos montes, que tomava todo o asfalto. Queria mesclar ali, em meio aquele universo infantil, alguma tensão que envolvesse as questões de gênero e sexualidade, afinal aquelas crianças provavelmente estariam acompanhadas de adultos, então peguei um pedaço da pedra de cal, escrevi, **SAPATÃO TRANSMASCULINO**, e deixei no meio dos rabiscos infantis.

Infelizmente não estava com a câmera em mãos, por isso não existe o registro fotográfico dessa primeira experiência, mas isso seguiu em mim como possibilidade, assim como esses rolezinhos nos arredores da casa da minha avó. Como citado antes, havia nesses espaços muitas construções civis e trabalhadores, na maioria homens cisgêneros, racializados, mas também a presença dos patrões, homens brancos da engenharia e do capital. Logo sabendo que teria essa audiência, resolvi escrever no asfalto **HOMEM DE VAGINA** (fig.1), já plantando sementes e querendo ruir as certezas dos binários hierárquicos do cis-tema sexo-gênero, do qual nos aponta Butler (2003).



Fig.(1). Taliboy, *Escrita de Artivista 1 – HOMEM DE VAGINA*, 2021. Cal, 100 x 100 cm, Vitória da Conquista (BA)

Desde o início da pandemia, quando saí da minha bolha de proteção feminista e sapatão que vivia há mais de uma década, entre “as minhas”, voltei a entender que, de fato, quem seguia operando o mundo era a ordem cisheterobrancapatriarcal, não que antes não soubesse ou houvesse embates com a norma, sabia e havia, mas devido à construção afetiva do meu campo/bolha, cuidadosamente construído, os impactos desses embates eram logo dissolvidos em outras práticas sociais que primavam por relações afetivas horizontais e não-hierárquicas.

Mas agora com a pandemia tudo ruía. Assim, entendi que para retornar ao campo da norma em que nasci e cresci, precisava re-tomar esse diálogo interrompido com as masculinidades hegemônicas e a violência exploradora da hegemonia, com quem agora haveria que travar as próximas batalhas.

Por conseguinte, partiria para a próxima experiência de deixar recados em formas de escritas nos campos da norma. O lugar escolhido foi novamente ao lado da casa de minha avó, pois há dois campos de futebol, daqueles de areia, tão comum nos interiores e nas periferias

desse Brasilão. No dia da entrevista do doutorado, na terceira etapa, estava muito nervoso, sem um cômodo tranquilo na casa dela, então resolvi caminhar pra tentar relaxar e escolhi ficar num desses campos de futebol. Logo, pego um graveto no chão, e escrevo perto das traves do gol, **SAPATRANSMASCULINE PARA DESLOCAR A NORMA DO MACHO ALFA** (fig.2).

A escolha por deixar perto das traves já era pensando no registro fotográfico para ter o contexto da escrita, e foi assim que soube que havia encontrado ali um lugar de potência a ser explorado! Com fé no **AXÉ DOUTORADO, AÍ VAMOS NOIX!** que também foi escrito em outra parte do campo, um pouco antes de me dirigir para a entrevista virtual.



Fig.(2). Taliboy, *Escrita de Artivista 2 - SAPATRANSMASCULINE PARA DESLOCAR A NORMA DO MACHO ALFA*, 2021. Graveto e areia 150 x 100 cm, Vitória da Conquista (BA)

Vida que seguiu, novembro, dezembro, janeiro, vou para São Paulo (SP). Eis que retorno em fevereiro de 2022 a Vitória da Conquista (BA), para buscar minhas coisas e finalizar o projeto *Máscaras da Multidão SAPATRANSBONDE*, aprovado pela Lei Aldir Blanc Bahia. O projeto dava seguimento às discussões realizadas na pesquisa do mestrado, e esperava o resultado do doutorado para saber qual rumo minha vida tomaria naquele momento.

São Paulo ou Rio de Janeiro? Novamente os campos de futebol voltavam à minha mente e pensei que em Conquista é mais fácil realizar esse trabalho, pois sei onde tem pelo menos três a quatro campos, e posso achar outros no caminho. Precisaria apenas comprar a cal em pó, em loja de material de construção, igual ao que marca o campo, pois é barato e fácil de conseguir. Agora é só achar um tempo na doidera do processo das máscaras e das *lives*, até o início de março para sair daqui com algumas imagens desse trabalho.



Também tinha a noção que precisava pensar melhor na frase e recados para deixar nos campos da norma, ainda não havia nada certo. Então, no dia do meu aniversário, 18 de fevereiro de 2022, que já vai virando tradição, no ano de 2020 foi a vez de realizar o *NOSSA SENHORA TRANS/TRAVESTI*, no Vale do Anhangabaú (SP), e que agora em 2022 são as *TRANSMASCULINIDADES* em campos de batalhas que vão pedindo licença para passar.

Não sai de casa pensando em realizar essa ação, sabia que dia 20 de fevereiro seria a Visibilidade Trans Masculina, estava tão feliz que deu certo o cartão de vacinação, havia perdido um pouco antes do Natal, e o babado de repassar a segunda dose para o site do Conecte SUS. O posto de vacinação em questão era para as bandas da casa da minha avó e dos campos de futebol, superlonge de onde estava agora, pois neste segundo retorno ao território de origem, haviam me expulsado e proibido de retornar a casa da minha avó. Ela não sabia de nada disso e não teria permitido, como não permitiu que me expulsassem da casa dela em plena pandemia, mas também isso é assunto que tem a ver com as transfobias e os embates perturbadores com as normas, que de fato não sustentam a própria família. De qualquer modo, essas pessoas ainda assim seguem bradando em dizer que tudo que fazem é para defender a família. Enfim, ainda era cedo, tipo 11h e pouco da manhã, pensei em ir visitar Maria, uma das cuidadoras da minha avó, afinal estava mais perto da casa dela, então fui nessa direção, pensei que poderia fazer viagem perdida e resolvi curtir o dia de boa.

Eis que nesse momento me deparo com outro campo de futebol bem ali, vazio e disponível. Na hora fico pensando em tudo: na dificuldade, no tempo pra voltar ali, a oportunidade para realizar logo, até porque estava com celular, bateria...Fiquei pensando numa frase, mas penso também que aquele dia era um dia para relaxar, já que estava no meio do projeto de edição e realização das *lives*. Nesse dilema passo por uma loja de construção. Mais na cara impossível, pergunto então o valor da cal: R\$ 8,00. Levanto o pacote pra sentir o peso, não é tão pesado assim. O cara da loja fica procurando uma sacola e vamos nessa.

Quando vejo já estou caminhando em direção ao campo. Percebo algumas crianças lá longe e sei que elas vão colar na hora que me pôr em ação, mas enfim, não vou ‘perder’²⁷ para criança também, afinal, as urgências e os estímulos são maiores... Não dá outra, quando ainda tô no **HOMENS TRANS**, as crianças já se aproximam. Um grupo de em torno quatro, e eu sigo na função, jogando a cal com as mãos, e eles perguntando um monte de coisa. Só me

²⁷ No sentido de me intimidar, calar.

lembro de dizer que era um trabalho que realiza em campos de futebol de areia, ao mesmo tempo em que seguia escrevendo um nome abaixo do outro **MASCULINES, SAPATÃO TRANS MASCULINE**, e eles lendo com certa dificuldade, porque as letras estavam meio ‘paia’²⁸. Era a primeira vez que escrevia com cal, então tudo estava confuso, o famoso “descobrir fazendo”. Ainda assim, era possível ler.

Depois eu fui para o meio das palavras e coloco um sinal de igual e do outro lado escrevo **CORPOS COM VAGINA**, muitas coisas passam pela minha cabeça nesse momento, mas sigo, corpo fechado. O grupo de crianças lendo homens trans, alguém perguntando: o que é isso? O outro: sei não... quando viram “sapatão”, logo sabiam o que significava e riam baixo. Eu disse que escreveria pra fazer uma foto, eles ficaram jogando um para o outro piadinhas, mas não saíam de lá, e também me respeitavam, assim como me tratavam no feminino. Pergunto se eles conhecem algum homem trans? Eles dizem não, e logo perguntam de volta: “o que é isso?” Então pergunto se conhecem alguma travesti, e um deles diz que conhece uma mulher trans. Nesse momento, os outros não zombam, escutam, e me perguntam o que é um homem trans. Eu digo que são homens que possuem vagina. Eles ficam de cara no chão, dá até pra sentir que parecem que ninguém nunca havia dito que havia essa possibilidade para eles. Nessa hora peço pra tirar uma foto com eles e na mesma hora o grupinho se dispersa, até que um fica falando pro outro: vai lá, vai lá. Um deles está com uma máscara de palhaço, acho aquilo tudo surreal, e incentivo ele a ficar de costas com a máscara que ficaria massa na foto (fig.3). Ele topa. Mostro para ele a imagem e ficamos ali analisando as fotografias. Me despeço. Antes de ir um deles me pede um pouco de cal e atravesso o campo na direção aos outros campos de futebol.



Fig.(3). Taliboy, *Escrita de Artivista 3 - HOMEM TRANS MASCULINOS SAPATÃO TRANS MASCULINES = CORPOS COM VAGINA*, 2022. Cal, 600 x 150 cm, Vitória da Conquista (BA)

²⁸ Gíria comum do Nordeste para dizer que uma coisa está com uma qualidade ruim ou duvidosa.

O sol está a pino, eu estou com cal no sapato, na roupa, mochila, uma sensação de secura, numa estrada de chão bem longe. Fico olhando os lixos em busca de uma garrafa pet para pôr a cal dentro, pois achava que seria melhor de carregar e escrever também. Depois de muito caminhar, ao passar numa casa, uma mulher abre a porta com uma sacola cheia de garrafas pet, peço a ela, depois vou para uma sombra embaixo de uma árvore, numa encruzilhada. Havia oferenda aos orixás, sento no meio fio, e vou pegando a manha de como colocar a cal dentro da garrafa, desperdiço bastante cal, encho mais uma pequenina, testo como é escrever com a garrafa, e escrevo **EXXU** (fig.4), deslocando também cis-tema sexo-gênero da divindade africana com a presença simbólica do cromossomo sexual vinculado ao “feminino” – só que não, risos. Sigo em frente, ainda tem uma caixa d’água nessa encruzilhada, lavo bastante minha mão, minha calça, sapato, até a mochila. Me ajeito e me preparo para partir, visto que ainda tem uma boa andada até meu destino.



Fig.(4). Taliboy, *Escrita de Artivista 4 - EXXU*, 2022. Cal, 30 x 60 cm, Vitória da Conquista (BA)

Finalmente chego no campo de futebol, ao lado da casa da minha avó. Que beleza! Ele é imenso, e está vazio. O sol continua a pino, não penso duas vezes: me dirijo para a trave e começo a escrever: **HOMEM TRANS** - bem grande, quase de trave a trave, embaixo **TRANS MASCULINO**, seguindo essa lógica de uma palavra abaixo da outra: **SAPATÃO MASCULINO**, o sinal de igual, **CORPOS COM VAGINA**, ficou tudo bem grande, só nesse campo de futebol foi toda a cal.

O **HOMEM TRANS, TRANS MASCULINO** ficou com uma tipografia mais limpa e fina, e assim como uma escrita que fazia na infância, foi “subindo a ladeira”. Percebi isso no ato, o que emocionalmente foi uma descarga de muitas coisas: vergonha, culpa, ressentimento, temor... Porque não dava pra consertar, então me recordou traumas como minha mãe me batendo e me mandando corrigir minha escrita, escrever direito ... Mas mesmo assim, essas memórias e sentimentos traumáticos não foram suficientes para eu parar,

não desistir, mesmo que parecesse impossível terminar essa escrita, quase sem pensar, ou por já ter ‘estragado’ tudo na minha cabeça, segui na escrita, sei lá porque... o **SAPATÃO MASCULINO**, e fui arremessando o restante do cal da garrafa no chão e expressivamente deu uma tipográfica muito interessante, já o **CORPOS COM VAGINA** eu terminei com a mão, o restante do cal que resolvi trazer para se caso tivesse dificuldade com as garrafas.

Agora só precisava de um ‘pau de self’, para ter a foto dos sonhos, mas não tinha essa ferramenta. Um dia depois comprei no centro de Conquista e que usei nas experiências no Rio de Janeiro. Fiz as fotos como pude (fig. 5), achando interessante o tamanho que tinha ficado e também ter de me livrar da cal, pra não precisar carregar mais, enfim, estava satisfeito. Apesar de saber que tinha outro campo por ali pertinho, não mais seria naquele mesmo dia, nem em mais nenhum desse retorno. Segui embaixo do sol escaldante, num misto de frustração, expectativa, receios, medos, cansaço, com aquela sensação de insolação de um dia de praia e sol intenso. Neste misto, sou tomada por uma lama emocional que me dá um caldo e só quero terminar esse dia de aniversário em minha solidão.

O que ficou ecoando depois desse dia intenso de sol foi que "EU ME TORNEI O QUE SEMPRE TEMI". E aqui essas palavras, apesar de sentir o peso delas, eram bem mais de libertação do que de temor, porque o que realmente temia era me ver através do olhar repressivo e julgador da norma.



Fig.(5). Taliboy, *Escrita de Artivista 5 - HOMEM TRANS MASCULINOS SAPATÃO TRANS MASCULINES = CORPOS COM VAGINA II*, 2022. Cal, 700 x 650 cm, Vitória da Conquista (BA)

EXPERIÊNCIAS INICIAIS NA CIDADE MARAVILHOSA: #RIODETRANSLUTE

Agora propriamente entremos no trabalho/experiência aqui na cidade maravilhosa #riodetranslute²⁹. Um dia indo pra Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) pegar o almoço (bandejão) como faço durante a semana, foi dia de alguma partida do Flamengo, e descobri isso, pois a Tijuca estava toda vestida de preta e vermelha, uma imagem coletiva que me marcou muito (fig.6).



Fig.(6). Taliboy, *Tijuca em dia de jogo do Flamengo*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Fiquei viajando nas identidades compartilhadas pelo futebol, principalmente aqui no Rio, de fato, não tinha pensado de maneira mais aprofundada sobre isso. Estando na área, ao lado do Maracanã, é muito doido pensar nisso tudo. Na infância, o que significava o Flamengo, o Rio, a Globo, o espaço que a tv ocupou durante os anos 90, o futebol, a identidade nacional etc., agora me vejo nesse lugar e é muita coisa real e surreal.

Os dias se seguiram e fiquei pensando em usar dessas mesmas camisas do Flamengo como suporte – lugar do “comum”, de interesse coletivo - para propagar outras mensagens, que trouxessem agora não os nomes pessoais ou dos jogadores, mas sim os embates estruturais com a norma - o “entre” as “novas” e velhas identidades coletivas das *masculinidades embucetadas*, aqui as identidades são encaradas enquanto políticas, portanto desnaturalizadas e muitas delas são ressignificadas dentro do contexto de violência em que

²⁹ #riodetranslute foi o primeiro trabalho de intervenção ou *pirraça urbana* que realizei no calçadão de Copacabana ao deslocar a areia da praia para revelar as mascaradas da prática visual do LUTO (2021), agora ressignificada para #riodetranslute.

surgiram para devolvê-las em forma de desestabilização da norma, como as sapatão, mulher-macho, grelo-duro, e outras são construções dentro do próprio movimento social como as transmasculinidades, boycetas, homem trans, etc.

Ou seja, os sujeitos da pesquisa e os campos de batalha das identidades em diálogo direto com a masculinidade hegemônica que é quem primeiro vai captar essas mensagens (fig.7). É importante pontuar que quando penso no “comum”, estou me referindo ao lugar da política e da *partilha do sensível* como nos aponta Ranciere (2005), retornarei mais a esse ponto no final desse relato.

O engraçado é que quando vi essas camisas pela primeira vez, pensei: nunca mais vou usar uma camisa do Flamengo em minha vida. Tempo depois, menos de um mês, lá estava eu, rumo a Uruguiana para comprar não só uma, mas mais de 11 camisas. Sobre isso, segue uma reflexão de como os caminhos das artes realmente nos levam a romper nossas próprias barreiras internas. Por esses motivos, acredito tanto na potência da arte em abrir espaços e possibilidades de outras leituras sobre as mesmas situações e embates com a norma, inclusive aquela que nos habita.

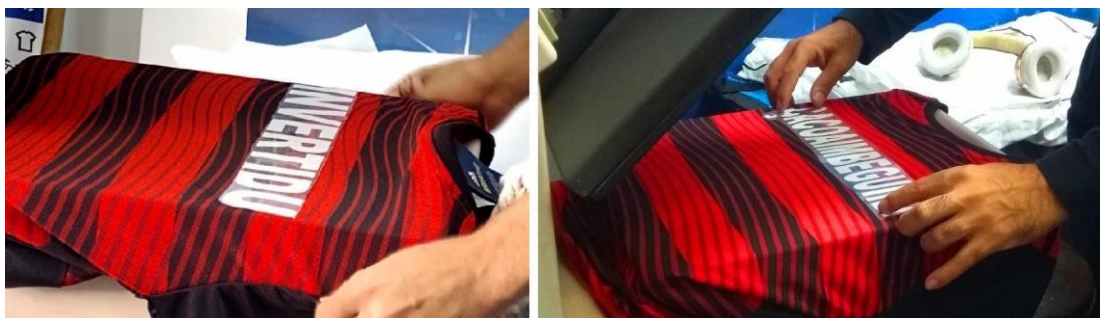


Fig.(7). Taliboy, *Escrita de Artivista 6 – INVERTIDU E ÇACOAIMBEGUIRA*³⁰, 2022. Sublimação s/ camisa Flamengo, Rio de Janeiro (RJ)

Então, para a produção deste trabalho, primeiro apostei na camisa da **EX-MULHER** acho didático, para ‘explicitar’, o abandono do binário de gênero enquanto imposição social, assim como para trazer ao centro do debate as trans masculinidades que a sociedade em geral segue ‘fingindo’ que não sabe do que se trata, pois para eles só existem Homem de pênis e Mulher de vagina, ungido por Deus. Assim, no máximo, reconhecem através do insulto e com

³⁰ ÇACOAIMBEGUIRA “Quando os portugueses desembarcaram na Terra de Santa Cruz, uma das “aberrações” que mais chamou a atenção dos colonizadores foi a presença entre os indígenas, sobretudo nas aldeias dos Tupinambá, de inúmeras mulheres ultramasculinizadas que em tudo copiavam a maneira de ser dos homens: musculosas, manejavam corajosamente o arco e a flecha, tinham outra mulher com quem viviam casadas, e segundo os primeiros cronistas, ‘a maior injúria que lhes podiam fazer era chamá-las de mulher’. Tinham essas primeiras Amazonas até nome próprio: ÇACOAIMBEGUIRA” (MOTT, Luis, 1987, p. 7).

bem menos humanidade; a travesti, o viado e a sapatão e aqui a confusão entre as identidades de gênero e as práticas sexuais consideradas desviantes se entrecruzam, deixando tudo ainda mais complexo e diverso.

Wittig já preconizava lá nos idos dos anos de 1970, 1980 que a lésbica, de fato, não era mulher, pois rompia com o lugar destinado a heterossexualidade e ao binário de gênero. Para ela, a mulher só poderia existir em relação ao homem e vice-versa. Podemos também pensar na construção da legitimidades e do reconhecimento social, cultural, político e juridicamente do que Judith Butler (2003) chamou de *matrix heterossexual*, que envolve o asseguramento coerente das categorias sexo-gênero e práticas sexuais, ou seja, um corpo que se reconhece e se constrói de acordo com o gênero designado no momento do nascimento e que demonstra desejo e práticas sexuais pelo corpo/gênero oposto como únicas possibilidades universais, garantidas e protegidas nas leis humanas e divinas.

Outro ponto importante é também deslocar esse pesado jargão da EX-MULHER do jogador de futebol ou de qualquer outro homem hétero nessa mesma sociedade que é carregado de estigma, violência e feminicídio. Camisa pronta (fig. 8), e com todas essas questões e práticas discursivas colocadas pela sociedade, e deslocadas por este trabalho, sigo para o Maracanã num dia de partida de futebol tanto para fazer umas imagens quanto para sentir a recepção ao trabalho.



Fig.(8). Taliboy, *Escrita de Artivista 7- EX-MULHER*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + pau de self), Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)



E assim vou levando os dias. O trabalho vai ganhando corpo, contorno nas saídas pelas ruas da cidade e no desenvolvimento das táticas de como conseguir os registros das fotos, seja através do uso do “pau de self”, super apropriado com a estética do conjunto, gerando uma encenação *performativa* no espaço público. Com isso, há mais foco para todo o trabalho, ou ainda parando as pessoas na rua, ficando de costas, e pedindo para fazerem o registro, confirmando assim a apreensão das mensagens. Tenho pensando na autoria coletiva dessas imagens como uma colaboração que tenho nomeado como *transe(j)unte*. Essa segunda tática me levou a outra metáfora da cidade maravilhosa com a poética do trabalho e com a disposição geográfica da cidade que é o #riodeencosta.

Assim, nesse processo de construção das aparições cotidianas das camisas no meu corpo pela cidade fui desenvolvendo, também, as táticas de proteção, através do uso da mochila, de como e que horas mostrar ou esconder as costas, até porque não podemos esquecer que estamos no Rio de Janeiro, no Brasil de 2022. É importante pontuar os momentos de automatismo das ações, em que me esqueço que estou com as camisas e só me lembro quando percebo olhares estranhos em minha direção, seja na fila dos bancos ao tirar a mochila das costas ao pagar as contas em mercados, etc.

Outra etapa importante da *prática visual artista das Masculinidades Embucetadas* é o compartilhamento dessas imagens (fig. 9) nas redes sociais, acrescidas de algumas memórias, outros relatos, pois, como disse acima, encaro esse trabalho/experiência com a apresentação pública desta pesquisa de doutorado; o abrir dos caminhos onde exponho as principais questões que estão me mobilizando atualmente, assim como para ter o registro de todas etapas por onde a pesquisa foi passando, inclusive na publicação deste texto.



Fig.(9). Taliboy, Escrita de Artivista 8 – *INVERTIDU*; *GRELO DURO*; *MULHER-MACHO*; *HOMEM TRANS*; *XX BOY*; *ÇACOAIMBEGUIRA*; *SAPATÃO*, 2022. Fotoperformance (#riodeencosta + pau de self + transe(j)untes, Rio de Janeiro (RJ))

Ou seja, o que tenho nomeado como práticas visual artivista é um conjunto de ações que são movidas para o desenvolvimento do trabalho em questão, desde o sustentar a ideia, criar as articulações necessárias para a produção das camisas e os efeitos que esses movimentos vão gerando. Também, as relações sociais que são realizadas a partir dessas práticas até as escritas subjetivas do processo que envolve o compartilhamento nas redes sociais, assim como a instalação do problema.

Além disso, temos o estado da arte da pesquisa que envolve a análise das condições anteriores ao surgimento do trabalho, os inúmeros diálogos sociais que são acionados para o desenvolvimento de tal prática visual, as conversas com as teorias sociais, estéticas e culturais. Bem como, os diálogos a partir da ótica dos movimentos sociais e das políticas públicas até as experiências cotidianas deste corpo performativo transmasculino e sapatão que se move pelo “entre” nos espaços urbanos desenvolvendo táticas poéticas e de sobrevivência para possibilitar a reexistência tanto da proposição estética quanto da abertura de realidade material e social para seguir operando através da diferença.

Portanto, ao iniciar uma prática visual de cunho artivista essas questões que são a matéria-prima, de teor cultural, política, social, jurídica e subjetiva que são mobilizadas e reagrupadas através da potência do estético para criar fissuras e deslocamentos na própria normatividade. É através das práticas visuais artivistas que consigo operar/materializar de maneira mais potente os encontros e incômodos com o jogo social que contém várias leis e normativas que me oprimem e me querem bem quietinha, no feminino, em outra

configuração. Então, a maneira que encontro de enfrentar esse cis-tema é a partir da prática visual ativista! É por meio dela que consigo me comunicar com o mundo, operando através do lugar da arte e da política.

Mas dando um salto nesses relatos, quero partir para a ação dos lambes onde transformei as camisetas de futebol do Flamengo em um arquivo digital gráfico (fig. 10) para serem coladas em conjunto no bairro da Tijuca, imediações do Maracanã. No projeto, foram reunidas a síntese das *Masculinidades embucetadas*, as 11 camisetas-identidades que acabei produzindo para me manter dentro do ‘comum’ do próprio futebol - 11 jogadores em campo. Essa seria a segunda ação de intervenção no espaço público aqui no Rio de Janeiro, então os ânimos estavam a flor da pele, afinal nunca sabemos o que pode acontecer quando se vira as costas para a rua para realizar uma ação de colar 11 imagens de 90 por 90 cm cada, ainda mais quando as nossas presenças são sempre vistas como ameaças e tensionamentos a esses mesmos espaços. Segue abaixo os relatos escritos um dia depois.

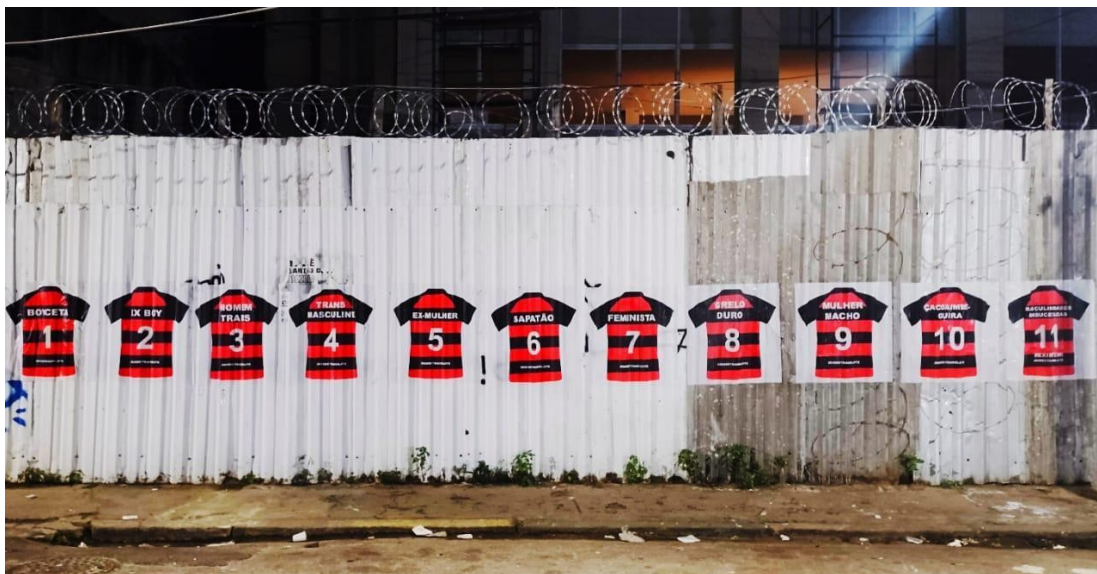


Fig.(10). Taliboy, Escrita de Artivista 9 - *Lambes Masculinidades Embucetadas em campo*³¹, 2022. Impressão digital s/papel e cola, 1100 x 90 cm, Rio de Janeiro (RJ)

Realizei ontem, dia 22 de junho de 2022, a ação de colar os lambes na Tijuca e foi uma experiência muito forte. Desde me preparar na véspera que nunca é fácil, mas confesso que

³¹ 1- BOYCETA; 2- XX BOY; 3 – HOMEM TRANS; 4- TRANS MASCULINE 5- EX-MULHER; 6- SAPATÃO; 7- FEMINISTA; 8- GRELO-DURO; 9- MULHER-MACHO; 10 – ÇACOAIMBEGUIRA; 11- MASCULINIDADES EMBUCETADAS.

sustentar tudo, desde as ações em Vitória da Conquista (BA) nos anos de 2020 e 2021, ao sair da casa da minha avó ainda de madrugada, fez com que hoje fosse mais fácil de lidar.

Na noite da véspera, preparei a mochila, gravei o vídeo sobre as pre-tensões, coloquei na internet de modo privado para o caso de algo não sair como planejado e deitei para acordar às 03:00, para colocar o celular para carregar e depois às 04:00 para seguir para a Tijuca.

Ouçó música e tento relaxar na cama, até conseguir dormir, sonhei. O despertador me faz pular da cama, como de costume nesses momentos, um rompante, troco a roupa, banheiro, pego a mochila, os lambes e pronto. No sonho percebi que precisaria de mais água, fato! Sigo para a rua ainda escura, na descida encontro três pessoas no ponto de ônibus, um buzu saindo da garagem para iniciar o dia. Coloco o celular na cueca e sigo decidido, naquele estado da contingência em que tudo pode acontecer, inclusive nada.

Realmente não há carro nenhum na rua hiper movimentada do dia, apenas duas viaturas que passam por mim, sempre me dando frio na espinha. Chego na avenida principal, chamada 28 de Setembro, aquela abaixo da UERJ, e lá tenho a sensação que estou no circuito Barra-Ondina do carnaval de Salvador: muito clara, com muita luz e totalmente vazia, só um morador de rua que eu cruzo exatamente no muro (fig.11) que tinha imaginado colar os lambes e um carro estacionado em frente, o que colaboraria para me encobrir um pouco. Era por volta das 04:40 da madrugada mais ou menos, tudo fechado, vazio e muito claro, abro a mochila, os papéis e me salto, ou me preparo pra começar, jogo a cola no primeiro lambe, na parede, realmente tentando economizar e sentir o que vai de material, afinal são 11 cópias. Ao levar o papel para parede já sinto a dificuldade de a cola aderir, a parede é muito porosa.

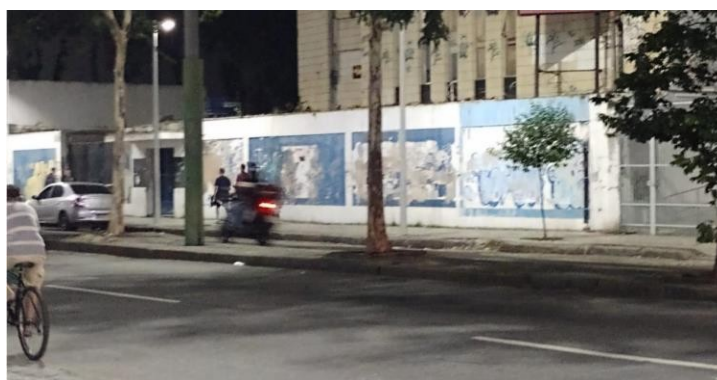


Fig.(11). Taliboy, *Muro da Av. 28 de Setembro*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Sendo assim, mudo os planos e sigo diante da possibilidade de perder essa primeira cópia que está bem encharcada. Pensando muito rápido e com as coisas espalhadas pela calçada, pego a mochila com o papel meio grudado numa mão. O segundo lambe molhado



junto com os outros, o rolinho, a cola, corro pra rua transversal de baixo, um pouco menos movimentada, mas com a superfície perfeita para os lambes, estrutura de metal, chego lá, a rua bem mais escura, tento salvar as partes do primeiro que já estavam se desfazendo, ponho a parte central no alumínio de ondas e vou tentando entender como se dá a colagem e a passagem do rolinho pra ficar bem liso (fig. 12). Funciona bem e é até gostoso; depois pego as partes e vou montando o quebra cabeça ainda do primeiro lambe – o BOYCETA -, tento também ajustar o segundo lambe que já estava molhado, o XX BOY, para não grudar as partes, mas não perdi o primeiro lambe. Ufa! Nesse momento pensava só em ter a foto com todos eles - por conta da grana investida, e funcionária pelo menos para contar essa narrativa.

Confesso que estava bastante frustrado com essa mudança repentina de planos, afinal a visibilidade da outra parede nem se compara a essa, mas tentava relaxar, porque ali havia também intenso fluxo de pessoas, carros, além de não ter perdido o dinheiro. Ainda assim, levava comigo a frustração das mudanças de planos, mas bora lá: mão na cola. Os outros foram se desenrolando na tranquilidade. Nenhum carro passava, escuridão; tava bem encoberto, fazia apenas o barulho do contato do rolinhos com o alumínio, até que quando tava no sexto ou sétimo lambe um segurança do espaço apareceu e me olhou, eu agachado, sorri pra ele e pedi licença, disse que estava colando umas coisas aqui, ele me olhou e não disse nada e entrou, respirei aliviado, talvez por ele julgar meu gênero, cor de pele, ver a camisa do flamengo de longe. Eu mesmo quando atravessava a rua não lia de imediato, também a proteção certa de Exxu e Zé Pelintra estavam no meu encalço, enfim, mil fatores. Passou um senhor também, devia ser umas 05:10 da manhã, tão simpático me sorriu e se aproximou, já achei que era do espaço também, sorri de volta e disse que estava ali trabalhando, ele me deu bom trabalho, leu as camisas, sorriu e seguiu, tentava terminar logo, eram 11, as duas últimas quase chegando no limite de um poste, evitava qualquer ruído do rolinho no alumínio e achava que cada vez que aproximava deste poste me aproximava do segurança, mas ufa! Deu tudo certo!!



Fig.(12). Taliboy, *Lambes das Masculinidades Embucetadas na superfície ondulada do metal*, 2022. Foto de detalhe do lambe-lambe, 1100 x 90 cm, Rio de Janeiro (RJ)

Terminou. Esse, sem sombra de dúvidas, é o momento que mais gosto!!! É o momento do meu gozo, do meu certo!!! Agora, as dobras da experiência extra cotidiana e as descobertas, de fato, se dão no embate da ação, nos segundos, as vezes minutos ou horas. É aí onde realmente acontecem as magias, o imprevisto e o corpo sabe exatamente o que fazer. Me afasto pra ver do outro lado da rua e aí volta a frustração, detalhes que fariam, ao meu olhar, a diferença, mas que não mudariam a realidade, apenas juízos estéticos que, às vezes, enchem a cabeça e me fazem ficar meio frustrado depois da ação. Como por exemplo: os lambes poderiam ser maiores, deveria ter começado mais para o lado, não ficaram tão alinhados, deveria ter planejado antes, contado passos, etc, coisas que não consigo e nem quero fazer antes, racionalizar o processo, a urgência e os riscos gritam na minha mente, então me levam a agir e descobrir no caminho. Fiquei nessa lenga-lenga estética e que me aborrece tanto, e sim, de fato, sei que faz a diferença, casar escala com a cidade, afinal são alguns anos de prática.

Faço uma ou outra foto e saio pra caminhar para dar o tempo de amanhecer e fazer as fotos “oficiais” com a luz do dia. Esvazio a mochila, jogo as garrafas vazias e a de água fora, sento um pouco e fico observando o trabalho de algumas poucas pessoas movimentando as caixas de hortifrúti pela Avenida 28 de Setembro. Estou impaciente, meio frustrado e sinto que não fiz quase nenhuma foto direito e que não poderia me afastar de lá sem antes pegar umas imagens para garantir a ação - e aqui minha intuição mais uma vez sempre me avisando. Volto ao muro, ainda está escuro, é inverno, e aqui no Rio de Janeiro demora para clarear. Faço foto de longe, de perto, pego umas imagens e pronto.

Saio caminhando no outro sentido, do Maracanã, com um sentimento pesado do mundo. Na minha frente, a névoa do amanhecer casa demais com minha sensação interna, ao passar na frente do Hospital Universitário, já tem fila, o que me angustia mais ainda.

Caminhando, ao passar pela escultura do Noel Rosa e do Garçom (fig. 13), que tinha achado tão *kitsch*, todas as outras vezes que passei por ali, como todas as esculturas públicas de bronze e realistas que vemos pelas cidades. Mas enfim, resolvi sentar no banco vazio, leio a letra da música ‘conversa de botequim’ que está sobre a mesa, um diálogo com o garçom, vejo os detalhes e imagino a feitura, a escultura, a modelagem é bem feita em tamanho real. Acho que um pouco maior que o real. Deixo a ficção me capturar, o gesto estético do encontro, como é folgado esse Noel, eu penso logo, pedindo tudo ao garçom, bem típico da classe média, mas desejo o cafézinho com o pão com bastante manteiga - para mim não precisava tanto. Penso em Vô Dila e em minha mãe, por mil questões, principalmente por conta do cigarro, da manteiga, do mandar, e também da escolha afetiva que me fez torcer para o Flamengo, já que a outra banda da minha família era toda fluminense.

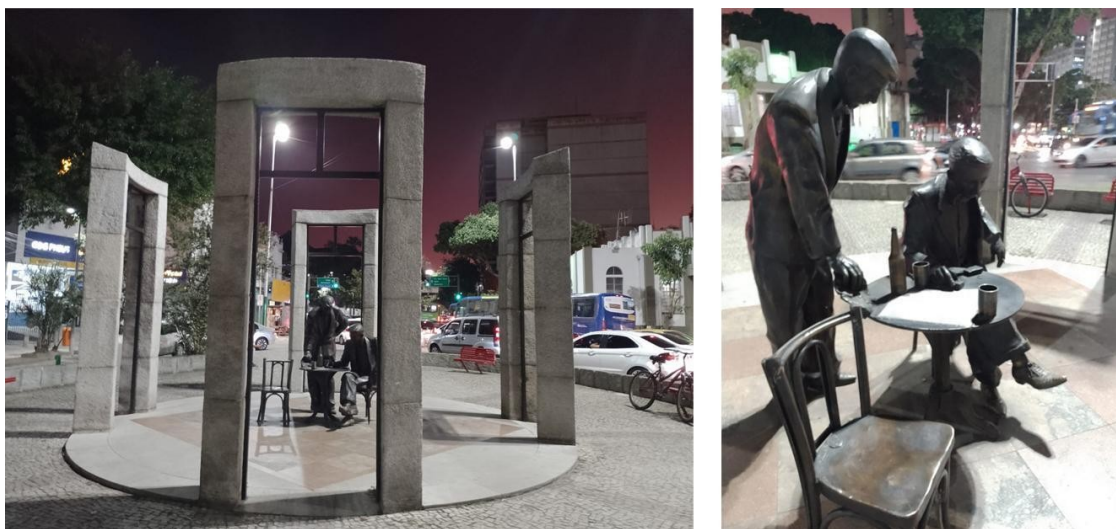


Fig.(13). Taliboy, *Escultura Noel Rosa e o Garçom - "Conversa de botequim"*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Me deixo aqui ser capturada por esse universo. Acho que as matérias desse semestre na UERJ estão sendo legais, inclusive para compreender e absorver a potência do estético como uma encenação da vida, assumindo o artifício da representação; pois na crise da representação que estamos vivendo junto com a crise da modernidade/colonialidade, colocamos tudo em xeque. E que bom!!! Eu que o diga. Não sobrou nada, nem pedra sobre pedra, e me vi tão só que precisei e preciso recompor os fios dessa trajetória e a UERJ está me oferecendo esse caminho, desde já estou agradecido. Depois desse breve descanso sigo pra dar a volta no

Maracanã, o mesmo caminho que tinha feito no dia do jogo do Flamengo com o Cuiabá, minha primeira vez no Maracanã, na véspera do feriado de *Corpus Crísth*, o dia tá raiando. Penso que será o tempo exato de que preciso para pegar o sol mais em cima, fazer as fotos e ir embora. Caminho tranquilamente, mas nem tanto, tentando dissipar a nevoa da ação, sempre nesses momentos penso na função da arte na sociedade, da afronta da ação que muitos achariam; penso na minha família, no meu caminho, se de fato estou colaborando com a sociedade e as cobranças tanto do cis-tema capitalista, quanto as demandas do social; da contradição e das complexidade envolvidas nisso. Nesse momento tiro a foto da UNIVERSIDADE INDÍGENA ALDEIA MARACANÃ (fig. 14) é o fundo do prédio do Museu do Índio, escrito gigante nos alambrados de alumínio, onde muitas pessoas correm. Acho incrível a estética social, ética tudo encaixado, tá tudo ali!!!! Nítido, direto e demarcado.



Fig.(14). Taliboy, *Universidade Indígena Aldeia Maracanã*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Sigo meu caminho, percebo o entorno, a mudança de classe social, ao dar a volta de um lado para o outro do famoso estádio. O cartaz gigante da Marta, do tamanho do feito dessa grande jogadora seis vezes campeã do mundo, uau!!! Volto novamente passando pela UERJ; algumas pessoas dormindo na calçada, coração aperta de novo, já está claro, passo em frente ao hospital universitário, por um quiosque com a calça preta como estava procurando e precisando, pergunto o valor (R\$20,00) e pergunto se consigo experimentar, eis que ela disse que sim e que é de "homem", dou uma risada e digo que sem problemas. Entro no quiosque, coube como uma luva, super confortável, me lembrando velhos tempos, já saio com ela vestida, a outra estava muito quente. Agradeço. Ao passar na frente do ambulatório para doar sangue, me lembro que nunca tô nessas bandas pela manhã, são quase 07:00 e abre a doação às 08:00, resolvo esperar, pois há tempos quero doar sangue. Entro no espaço, preencho a

ficha e fico no aguardo (fig.15), um pouco tenso com a possibilidade, porque como vi na ficha não dormi tão bem à noite, e também estou de estômago vazio, mas com vontade doar. A enfermeira me chama, me fala sobre os procedimentos, me pergunta pelas informações que marquei e eu digo sobre o uso do hormônio, testosterona, ela então me diz que não me deixa apto a doar o sangue. Engraçado que ela pergunta o porquê que eu faço o uso da testosterona e eu digo que é por *problemas de gênero*, pois é comum as pessoas usarem como anabolizante, diz também que é questão de portarias e que tá sempre mudando; segue dizendo que sente muito e tem a ver também com falta de estudos, me informa para que eu volte daqui a um ano para ver se mudou a portaria.

Saio meio frustrado e pensando nas várias mulheres cis que devem doar usando hormônios, anticoncepcionais; nos homens cisgêneros e bombados de academia. Nos quantos frangos cheios de hormônio a galera põe para dentro do próprio corpo, enfim, devia ter perguntado isso a ela, mas já foi; a opinião dela não mudaria nada ali naquela situação e, de fato, ela me pareceu aberta as questões todas, mas entendendo que o protocolo ainda não permite, por *problemas de gênero*, mas a qualquer momento pode permitir, ano que vem tento de novo. Tenho quatro anos ou a vida pela frente para perceber quando essa portaria mudará e nós, pessoas transvestigêneros, que nos hormonizamos poderemos ser doadores de sangue - para assim cumprir a promessa de ter conseguido a bolsa do doutorado.



Fig.(15). Taliboy, *Doe sangue, sangue é vida*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Agora, já por volta das 08h40 da manhã é a hora exata de passar em frente à rua que coleei os lambes e para meu choque - aqui, meu corpo todo estremeceu. Por essa não esperava: já estava tudo arrancado. De cima para baixo, todas as onze camisas, não sobrou quase nada. Senti como se esses rasgos fossem no meu próprio corpo. Sei que de alguma forma são. Imaginei que seriam arrancados, como de costume acontecem com lambes, ainda mais

aqueles que põem em xeque a norma ou trazem as questões de gênero e sexualidade, mas não tão rápido e em conjunto, pensei na raiva da pessoa ou das pessoas arrancando esse papel, eita #Rio mostrando sua cara extremamente violenta e, acima de tudo, transfóbica.

Realmente temi pela minha e de tantas pessoas trans e de gênero e sexualidades diversas, me lembrei também com dor de Matheusa Passarelli - artista trans que no ano de 2018 foi assassinada em uma favela do RJ. Seu texto chamado *O Rio continua lindo e opressor* citado por Bruno Reis na aula de ARTE, SUJEITO E CIDADE sobre os questionamentos em relação a segurança do “depois da festa” para a população LGBTQIAP+ e as pessoas *queers*. Também constatei que Matheusa fazia artes na UERJ, ainda não havia processado tudo isso, registrei como pude as imagens (fig.16) do trabalho destruído, segui para Andaraí, refletindo e digerindo tudo que aconteceu.



Fig.(16). Taliboy, *Lambes das Masculinidades Embucetadas rasgados poucas horas depois*, 2022. Rio de Janeiro (RJ)

Me veio à mente os enquadramentos visuais da rua que coleí os lambes e que passava quase todos os dias, do que é permitido ficar naquela rua, o que segue constantemente impregnado nas paredes, calçadas, postes, é de fato uma rua onde os símbolos do futebol canarinho, verde e amarelo, habitava de ponta a ponta (fig. 17). Isso já me intrigava, o que depois dessa ação veio a confirmar através da violência e rapidez com que os lambes foram rasgados, como se dá esse processo homogêneo de exclusividade da presença ufanista no espaço físico da rua, onde aparentemente parece ser uma presença tranquila e espontânea no espaço.

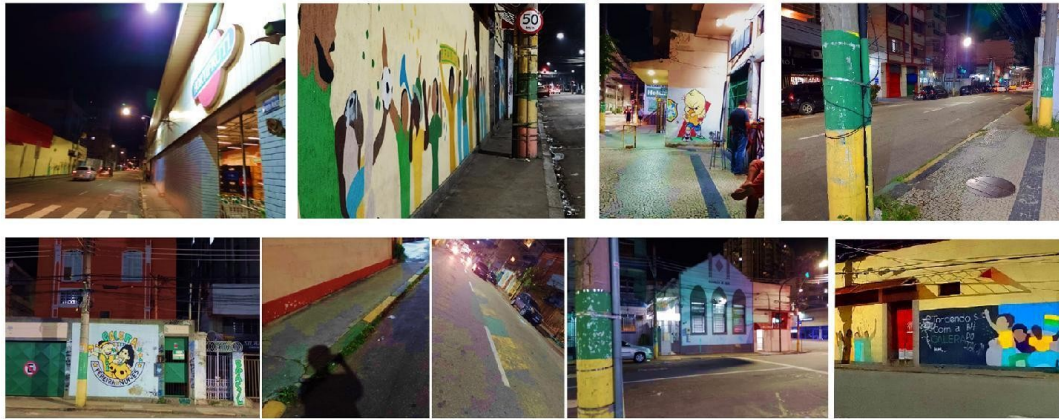


Fig.17. Taliboy, *Detalhe do que é permitido ficar na Rua Pereira Nunes*, 2022. Registro de fotografia digital, Rio de Janeiro (RJ)

Voltei pensando em todas essas questões, na disputa pela apropriação do ‘comum’, enquanto suporte para trazer a visibilidade e visualidade das presenças de corpos para além da norma, no caso específico deste trabalho as *Masculinidades Embucetadas*. Ficou ecoando ainda mais forte o que vinha refletindo a partir das discussões em aula sobre o Jacques Ranciere (2005) e Bruno Latour (2020) com opiniões opostas sobre o ‘comum’: o primeiro dizendo que existe e é o objeto central da política, enquanto o segundo dizendo que em momentos de extremismos, o ‘comum’ deixa de existir, o que faz muito sentido, ainda mais depois da nossa experiência com as forças bolsonaristas na arena pública. Por tudo que passei durante a pandemia convivendo em um contexto bolsonarista, violentamente normativo, era exatamente isso que faltava ali, o ‘comum’.

Através do dissenso que estava colocado na arena pública brasileira depois de 2016, tentava compreender essa situação através da ótica do Jacques Ranciere (2018) que parecia não mais funcionar à medida que o bolsonarismo ia chegando ao poder, pois não era a política que ali se instalava, e sim a barbárie, a violência e a aniquilação do outro, algo que ao meu ver fazia mais sentido pela ótica do Bruno Latour (2020). Confesso que não conhecia o pensamento de Latour, e ao ouvir pela primeira, foi essa lacuna que veio ocupar. Logo me lembrei do pensamento de Marcia Tiburi (2015), ao escrever *Como conversar com um fascista*, ela mesma constatava que não havia possibilidade deste diálogo acontecer, pois no fundo era esse ‘comum’ que ali seria subtraído.

Ainda tentando encontrar espaços nos escombros, assim como a possibilidade de construções possíveis e na insistência em operar a partir do ‘comum’, sigo acreditando na ARTE e no ATIVISMO, e que este trabalho, apesar de ter tido essa resposta tão imediata na rua, segue acontecendo, seja em apresentação na sala de aula, na produção da pesquisa como



um todo, produção de textos e ocupação das redes sociais, onde repercute sobre esses projetos e sigo acreditando que é possível produzir ‘comuns’ e seguir nas disputas para ampliá-los, assim como a resistência da política. É nisso que esta experiência/relato/trabalho e vida acredita!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, destaco que trago estes relatos de experiências ou *escritos de artistas*, pois julgo-os como imprescindíveis para o desentendimento (RANCIERE, 2018) não só das particularidades do trabalho, mas como possibilidade de apreensão dos sujeitos das *Masculinidades Embucetadas* que, ao serem trazidos a visibilidade e a visualidade através da prática visual, têm a capacidade de revelar como operam as forças normativas para tentar apagar essas aparições – e que esses apagamentos seguem operando não só no espaço onde as ações acontecem, mas em todo seu entorno como descrito neste texto.

Ao mesmo tempo, estes apagamentos revelam a capacidade subversiva em que os sujeitos dessa pesquisa têm em deslocar e desarmar não só a masculinidade violenta e hegemônica, quando o próprio cis-tema hierárquico binário do sexo-gênero da norma (BUTLER, 2003). Termina essa escrita compartilhando algumas perguntas que tem movida a pesquisa, que é como perceber/mensurar através das práticas visuais artistas o impacto e a redistribuição de territorialidades nas identidades e da sociedade em geral que insiste em localizar os corpos com vulvas nos lugares da representação sagrada do feminino, vinculadas a maternagem, etc, e se recusa a reconhecer/enxergar as *Masculinidades Embucetadas* em toda sua complexidade e diversidade. Ou, também perceber qual seria o lugar das *Masculinidades Embucetadas* dentro do feminismo contemporâneo. Será que o feminismo pode ser uma aliada ou contribuiu para a invisibilização desses sujeitos?

Portanto, é em meio a essas ambivalências/tensões/imposições/apagamentos/violências, que essa *escrita de artista* esta se movendo/agindo/des-construindo, apostando nas reparações/rasuras históricas e sociais muitas vezes inaudito do complexo encontro com o real, das mediações culturais, das disputas políticas através da linguagem estética e das experiências cotidianas para abrir rachaduras no campo da norma. 🌀

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Editora: Civilização Brasileira. 21ª edição, 2003.



BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e políticas nas ruas*: Notas para uma teoria performativa de assembleia. Editora: Civilização Brasileira. 1ª edição, 2018.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?:* Como se orientar politicamente no antropoceno. Editora Bazar do Tempo. 1ª edição, 2020.

LYRA, Luciana de Fátima Rocha Pereira de. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020.

MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto Ltda, 1987.

PASSARELI, Matheusa. O Rio de Janeiro continua lindo e opressor. Relatos da disciplina de gravura UERJ. ZINE. Disponível em <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/matheusa-o-rio-de-janeiro-continua-lindo.pdf>>. Acessado em 08/07/2022.

RANCIERÈ, Jacques. *A partilha do sensível*. Brasil: Editora 34/ Exo experimental org, 2005.

RANCIERÈ, Jacques. *O desentendimento*: Política e filosofia. Editora 34. 2 ed., 2018.

TALIBOY. LUTO enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da Multidão SAPATRANSBONDE. Orientador: Roaleno Amâncio Costa. 2021. 276f. il. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. Reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Editora Record. 14ª edição, 2015.

SOBRE OS/ES AUTORES



(ynymagyney) carú de paula



Poeta, conjurador de ynymagynáveys, um guardião de transmutação, é psicólogo (2016), mestre em psicologia clínica pela PUC SP (2022), doutorando em psicologia clínica na PUC - SP, coordenador do projeto Acolhe LGBTQ+ na organização internacional LGBTQ+ AllOut, é um defensor ativo do SUS e da Rede de atenção psicossocial, é psicólogo clínico, escritor tendo publicado o livro Ynundação (um conjuro) em 2022 pela editora o Sexo da Palavra. É multiartista e atua no entrelaçamento entre comunidade, saúde mental, arte e dissidências anticoloniais. carudepaulaseabra@gmail.com

Nicolas Bastos

nicolasbastos@alu.ufc.br



Nasceu em 2002, no estado do Ceará onde hoje ainda reside, é autor dos livros “Café Amargo” e “Todos os verbos não conjugados” publicados em 2020 e 2021, atualmente cursa Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará (UFC). Além de ser escritor, poeta e compositor, também é homem trans, bissexual, um leitor ávido e amante da fotografia e do cinema, mas antes de tudo isso, um pai de gatos em tempo integral.



Emi Ferreira de Carvalho

Formada em História pela UNESP/Assis; professora no Estado de São Paulo; entusiasta de arte e teoria pós-queer.



Tui Xavier Isnard

tui.antux@gmail.com

Desistente do sistema sexo-gênero, tenho afinidade radical com pequenas espécies, cansado de ser humano y mestrando em antropologia pela Unicamp



Ive Lins Pecis

ivvelinspecis@gmail.com.

Me chamo Ive Lins, 22 anos, corpo transmasculino não binário. Já passei por várias facetas da arte, academicamente no Cinema e Audiovisual e posteriormente nas Artes Visuais. Me encontrei finalmente na especialização em Design, onde me expresso através de deformações em plataformas tais como Pacote Adobe e Blender. Atuo no ramo como Freelancer, procurando um CLT que seja simpaticante e respeitoso com

meus pronomes/social, e este é o principal motivo pelo qual me encontro desempregado desde março. A luta é grande, mas acredito que minha arte fora da área do Marketing, as que eu faço de modo empírico mereçam um certo lugar de apreciação pois coloco tempo, recursos, e o meu intrínseco.



Benício Bruno Cardoso Paulo

brumidam@gmail.com.

Benício Cardoso é uma pessoa transmasculina, formado em Ciências Sociais pela UFGD, escritor, multiartista, astrólogo, poeta, ativista pelo direito das pessoas trans.



Se Paz Suzuki

sesuzuki25@gmail.com

Artista visual em formação pelo Instituto de Artes da UNESP. Fez cursos de desenho e arte digital. Participou das exposições coletivas "Mergulhos," (virtual), "Singulares" (Galeria Alcindo Moreira Filho no IA - UNESP) e "Desenho de modelo vico é tudo igual?" (IA - UNESP). Trabalha principalmente com desenho e pintura tradicionais e digitais e busca explorar outras

linguagens como a escultura. É um homem trans e procura representar corpos trans em sua arte. Instagram: @artese_mcontexto



Rosa Caldeira

orosacaldeira@gmail.com

Transviado cria da quebrada de São Paulo, escreve e dirige filmes premiados. Acredita na poesia do cotidiano de pessoas reais, mesclando vida e obra para trabalhar na chave do afeto. Seu último filme, Perifericu (@perifericu), recebeu mais de 35 prêmios e foi exibido em mais de 200 festivais, incluindo o Festival de Tirandeste e o Curta-Kinoforum. Ele também é co-idealizador do Festival Perifericu, festival de cinema e cultura de quebrada na periferia da Zona Sul de São Paulo. Co-fundador do coletivo de audiovisual comunitário @malokafilmes e diretor representado pela

NUV&M produtora (@nuvem_produtores). Formado em sociologia e especializado na Escuela Internacional de Cine y TV (EICTV) em Cuba.



Kairo Madah

kairomadah@gmail.com

Kairo Madah da Costa Moraes é graduado em Artes Visuais - Licenciatura pela UNOCHAPECÓ. Durante o curso foi pibidiano e bolsista dos projetos de extensão Coro Universitário e GTEU (Grupo de Teatro e Expressão Universitária), atuou profissionalmente na Galeria de Arte Agostinho Duarte e no Centro de Convivência Efapi (projeto social destinado a crianças e adolescentes). Nos últimos anos integrou as exposições coletivas “CORPO/MOLDE: Olhares Contemporâneos” (2018), “Exposição dos Formandos de Desenho e Pintura da Escola de Artes Chapecó” (2018), “Afinidades Afetivas - Feira do Livro” (2019), “O Desenho depois do Desenho” (2022) e a exposição individual “DAS MONTAÇÕES” (2019). Encantado pela Arte desde a infância principalmente por meio do desenho e do canto coral (linguagens que o acompanham até hoje), Kairo se define como um multiartista atravessado por suas questões identitárias, aspectos inseparáveis do artista com sua obra. No momento atua como instrutor de Pintura na Escola de Artes de Chapecó e desenvolve projetos artísticos pessoais ligados à pintura, desenho, ilustração, escrita, música e arte Drag. No desenho trabalha principalmente com nanquin e aquarela, possui também domínio de diversos outros materiais e técnicas como grafite, carvão, lápis sanguínea, giz e pastel seco e oleoso. “Transviado e macumbeiro”, defende a liberdade religiosa e o protagonismo das religiões de matrizes africanas numa abordagem antirracista, antitransfobia e decolonial. É pai da Kiki House Ére (projeto voltado à cultura VOGUE e à comunidade LGBTQIA+) e filho do Ilé Asè Aféfé t' Oyá, dirigido por Pai Dyonathan de Moraes.



Theo Barreto

barretotheo@gmail.com

Theo é estudante de humanas, escritor marginal, tatuador e artesão



João Liu

villarosaliu@gmail.com

João Liu é um artista não-binário transmasculino. Formado em cinema e teatro e muito inspirado em Artaud, busca em seu trabalho libertar seu corpo e o de quem puder afetar de seus Órgãos. Seu trabalho de preparação de atores se mescla com o abstrato de suas videoartes. Em todas suas áreas de criação, João tenta desconstruir sua ideia sobre corpo e imagem e encontra em sua série de colagens "Corpos Glitados" uma relação potente entre a distorção e os limites dos corpos cis-normativos.



Rafa Rofo de Andrade

rafarofo.opintor@gmail.com

Pintor trans contemporâneo, a cruzar o abismo em corda bamba.



Salém

Pessoa não binária transmasculina de 22 anos, chileno. Professor de artes em formação, educador anarquista. Atualmente está fazendo uma estada em São paulo na unesp. Ele está atualmente explorando colagem digital, fotografia e pintura em papel crepom, enquanto também conduz aulas sobre pedagogias anarquistas e queer e pesquisa sobre elas. Instagram: @pizarralibertaria. E-mail: pizarralibertaria@gmail.com

Persona no binaria transmasculina de 22 años, chileno. Profesor de artes en formación, educador anarquista. Actualmente está haciendo una estadía en Sao Paulo en la

Unesp. Actualmente está explorando el collage digital, la fotografía y la pintura con papel crepé a la par que dicta talleres de pedagogías anarquistas y queer y realiza investigaciones sobre ello. Instagram: @pizarralibertaria. Correo electrónico: pizarralibertaria@gmail.com



gau

gaugrilo@gmail.com

artista plástico expressionista e formado em psicologia pela UFF. desenvolve trabalhos nas áreas de pintura e cerâmica e atua como esquizoanalista clínico. investiga a interpelação entre arte e clínica e busca atuar de forma que a retroalimentação entre essas áreas se apresente em sua prática.



Sareh Almeida da Silva

sarehalmeida@gmail.com.

Bicha não binária, sou cria da baixada fluminense e mestrando em educação pela UFRJ. Formado em Licenciatura em Ciências Biológicas, tenho uma trajetória acadêmica marcada pelo engajamento com o movimento negro estudantil e a luta pela permanência no ensino superior. Atualmente, no mestrado, pesquiso o discurso de narrativas de pessoas trans sobre suas trajetórias escolares, trazendo à tona a vida enunciada em nossos (des)caminhos, num cenário de morte de cada um de nós todos os dias. Sou também

empreendedor no @brechaya - meu brechó online - e uso esse espaço para criar conexões entre educação, arte e consumo sustentável. Artista, escritor, poeta e tantas outras coisas, vou atravessando o tempo e o espaço construindo alguém que eu quer ser, mesmo já sendo.



Axel

andreaseso3@gmail.com

Na luta pela emancipação humana, sem perder a ternura. Assistente Social e Bacharelem Filosofia.

Instagram: @axel_perfilcultural



Blue Mariro

É nordestino-nômade, habitante de um lar sem muros. Licenciado (2016) e Mestre (2019) em Geografia pela UFG. Graduando do curso de Ciências da Religião e Teologia pela UNINTER. Atua como escritor e pesquisador independente de religião, promovendo formações, cursos e palestras através da iniciativa "Cosmogonia Transviada" e desde 2022 assumiu o cargo de professor de Geografia e Ensino Religioso na Rede Pública Estadual do RS. Contato: b.cienciasdareligiao@outlook.com



Nicolas Barros De Vasconcelos

nicolasb.vasconcelos@outlook.com

Nascido em Floriano - PI e atualmente morando em Belo Horizonte - MG, tenho 28 anos, sou aluno de Medicina Veterinária. Em transição desde 2017. Escrevo sobre amor e sobre minha vivência e algumas projeções de mundos da minha mente frenética. Também brinco com música e leio alguns oráculos.



Taliboy

tali.ha.correia@gmail.com

Taliboy faz parte da multidão das masculinidades embucetadas, portanto nomeia-se enquanto uma pessoa transmasculina e sapatão. É também ativista urbano, pesquisador. Mestre em Processos Criativos pelo Programa de Artes Visuais da UFBA (2021). Graduado em Comunicação Social pela UFBA (2010). Atualmente está como doutorando no programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: tali.ha.correia@gmail.com. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-2185-127>. Lattes ID:

<http://lattes.cnpq.br/5262430991913073>. Rio de Janeiro, Brasil.